

RACHEL PACHECO VASCONCELLOS

CIDADE MÁQUINA / PROJETO & UTOPIA

Ensaio de crítica espacial ao construtivismo russo

Trabalho de Graduação Individual
apresentado ao Departamento de Geografia
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para
a obtenção do Bacharelado em Geografia

Orientação:
Prof^a Dr^a Amélia Luisa Damiani

São Paulo
Junho 2015

AGRADECIMENTOS

... pela importância de ampliar sempre os nossos pertencimentos ...

À minha mãe, Dudu, que me deu a vida em múltiplos sentidos;

Aos provocadores desta deriva psicogeográfica:

À Amélia, pelos desvios e derivações dos entendimentos, pela orientação na pesquisa e no cotidiano; àqueles professores da Geografia que mudaram meu norte e meu destino (Odette, Dieter, Anselmo); ao grupo de estudos da Internacional Situacionista, pelos momentos e a perspectiva de uma construção consciente e apaixonante da vida;

À turma do morrinho e suas ramificações:

Julia, Caroline, Paula, Ana Paula, Delgado, Haind, Miguel, Maião, Fabão, Feres, Vinicius e Mineiro; e todos aqueles que não cabem nessa citação mas compartilharam os mesmos tempos-espacos privilegiados em sala de aula, nos ônibus de trabalho de campo, nas festividades em tantas casas e em toda a cidade universitária;

Aos amigos e à arte de saber viver da nossa geração:

Ao Fred pela parceria plena e tudo aquilo que ela contempla; ao William pela mais linda das companhias; à Cajou pelos exemplos de determinação e delicadeza; à Tata pelo nosso imenso reflexo mútuo nas reflexões. Aos inumeráveis e inesquecíveis companheiros de luta e labuta (menção honrosa ao Hermes nesse momento); aos amigos de infância e da neo fase adulta; à Aninha, Danilo, Sarah e Josafá, por compartilharem comigo a casa e a vida; e à Espinafre, menina que nasce para o mundo junto a este trabalho, apontando para tudo aquilo de fascinante e imprevisível que vem adiante;

E finalmente, ao editor da seção chileno-afegã da revista de crítica contrarquitetônica e antiurbanista « 2&3 DORM », Rodrigo E. Barros, a quem encontrei no mundo por um acaso de realismo fantástico.

Assim como Walter Benjamin dedicou sua *Rua de mão única* à Asja Laci, “àquela que, como uma engenheira, abriu-a dentro do autor” (1928), faço o mesmo com este trabalho e o dedico àquele que, como arquiteto e anarquista, me inspirou a produzir um sentido histórico mais implicado ao espaço e ao tempo da minha própria vida.

Любовь-игра

Em tempo: um agradecimento inesperado.

Ao Pedro, pelo encontro extraordinário – quando e onde nada se esperava.

« Les plus beaux jeux de l'intelligence ne nous sont rien. L'économie politique, l'amour et l'urbanisme sont de moyens qu'il nous faut commander pour la résolution d'un problème qui est avant tout d'ordre éthique.

Rien ne peut dispenser la vie d'être absolument passionnante. Nous savons comment faire. »

Pour l'Internationale lettriste :
HENRY DE BÉARN, ANDRÉ-FRANK
CONORD, MOHAMED DAHOU, GUY-
ENRNEST DEBORD, JACQUES FILLON,
PATRICK STARAM, GIL J WOLMAN.
Potlatch n°2, 29 junho 1954

« Die Mensch Maschine
ein Wesen und ein Ding »

KRAFTWERK

SUMÁRIO

Apresentação

COSMOGÊNESE GERAL DO TGI

- Primeira parte : a Declaração da Varanasi 7
- Segunda parte : a concretização do processo 10

Capítulo um

UTOPOGRAFIA

- A imagem da cidade-máquina 14
- Vanguarda: front revolucionário e trabalho intelectual 19
- A utopia construtiva do socialismo científico 24

Capítulo dois

ELETRIFICAÇÃO + SOVIETES = COMUNISMO

- Território: base material da revolução 27
- Aglomerções socialistas (urbanistas e desurbanistas) 32

Capítulo três

ABSTRAÇÃO MODERNA : ARTE E TÉCNICA

- Do suprematismo à torre de Tatlin : manifestações ideais da forma 38
- A institucionalização do novo 41
- A disputa da arquitetura como obra de arte total 46

Capítulo quatro

PERESTROIKA BYTA

- Condensadores sociais 51
- Clube operário 58
- Dom-Komuna* (Casa Comuna) 60
- Fábrica social 64

Capítulo cinco

ESTRUTURA DO ESPAÇO ABSTRATO

- Estrutura e ideologia do Plano 67
- A dialética em três dimensões 73
- A escala monumental 75

Capítulo seis

DERIVA NA CIDADE MÁQUINA

- Construção de situações 77
- O diário de Walter Benjamin em Moscou (1926-1927) 85

Conclusão

ENTRE O FIM E A FINALIDADE

- O declínio e a queda do constutivismo russo 92
- A produção de sentido e a anti-operacionalidade da crítica 94

Referências	
Bibliográficas	98
Filmográficas/Sites	99
Anexos	100
Lista de artistas e arquitetos construtivistas citados neste trabalho	
Enquete sobre o tema da casa comuna – CA nº3 (1927)	
Nova fábrica, nova cidade – El Lissitski	
<i>Fac-símile</i> : CA nº1 (1927)	
Ilustrações	

* Afim de facilitar a visualização do arsenal imagético do trabalho em sua versão impressa, as ilustrações referentes a cada tema aparecem em um caderno separado, organizadas por tema. Estas páginas não estão na continuidade do todo porque, por conta de dificuldades na diagramação junto ao texto, foram organizadas em um arquivo virtual separado.

APRESENTAÇÃO

COSMOGENESE GERAL DO TGI

PRIMEIRA PARTE: A DECLARAÇÃO DE VARANASI

Varanasi, dezembro de 2014

É possível lançar questões definitivas sobre a realidade sem ter medo de se equivocar. Inclusive o senso comum hegemônico tem expressado esta ideia em consensos como “a realidade supera a ficção”. O definitivo tem a ver justamente com as condições de vida que imperam.

Ao mesmo tempo, o desejo de se formular algo extraordinário, ou seja, fora dos termos ordinários que regulamentam nossas vidas, pulsa de uma consciência mais ou menos consciente de que estas vêm sendo cada vez mais colonizadas por uma lógica que nos escraviza. Este profundo mal-estar da modernização está calcado sobre uma sociedade que se identifica em fragmentos especializados do tempo e do espaço: são as formas-funções da produção que produzem funções formais para as nossas vidas.

Dito isto, consideramos necessária uma discussão crítica sobre as condições de vida de nossa época e as práticas espaciais que a estruturam socialmente. O sentido concreto desta crítica, porém, nos inquieta.

É fato que estas condições não mudaram substancialmente há mais ou menos meio século – momento da eclosão de uma crítica radical, teórica e em atos, da vida cotidiana – quando, pela última vez, a humanidade tomou de assalto a cultura dominante de sua época com algum êxito e sincronia*. Ao contrário, têm se confirmado, se intensificado, e se deteriorado ainda mais profundamente. Por isso resulta necessário atualizá-las à luz de seus desenvolvimentos e de suas rupturas, entendendo hoje o movimento que desde antes já apontava para o futuro, através de um método de análise progressivo-regressivo. Os apontamentos futuros, no entanto, não devem ser propositivos no sentido positivo (pois a demiurgia aniquila a crítica) mas deve ampliar o horizonte de suas possibilidades.

Uma nuvem obscura de maus entendidos e carências de sentido faz sombra sobre os conceitos e categorias que definem os problemas relacionados à produção do espaço. Que isso ocorra não é tanto uma casualidade, mas resultado da fragmentação dos saberes dada a intensificação da divisão social do trabalho – sendo esta, basicamente, a violenta mecânica social que dilacera a vida através de processos múltiplos de alienação, da promoção totalitária da ideologia e da enigmática operação do fetichismo da mercadoria.

Pela operação de dispositivos de mistificação e controle, a sociedade moderna usa e troca nossas energias para ampliação de seus poderes técnicos e a expansão forçada de seus mercados. Configura-se nela e para ela uma territorialidade própria de privações, e ao tempo mecânico do relógio (repetitivo) sobrepõe-se o tempo produtivo do calendário (cumulativo). Nestes interstícios, a história – quer dizer a transformação do real – não se põe como o sentido da vida das pessoas, já que as pessoas são o produto de uma história sobre a qual elas não têm controle. É evidente que elas fazem esta história, mas não livremente. Somos sujeitos negativamente, e a alienação é condição constitutiva daquilo que se realiza como o nosso cotidiano. A vida cotidiana se torna cotidianidade, nível da prática social que totaliza a alienação social.

As cidades morreram. O ideal humanista que as revestia e as preenchia de conteúdo (se não como realidade, ao menos como idéia de si mesma) tem sido esvaziado e substituído pela hegemonia social do capital, que se organiza espacial e temporalmente por meio do urbanismo. A produção espacial abstrata do capital conseguiu anular a história e o passado: o que habitamos hoje são as ruínas deste ideal ou uma representação. Ainda que existam ruínas de destaque, seguem sendo ruínas.

Considerado acriticamente como um conjunto de disciplinas em si mesmas neutras, dedicadas à produção espacial e à organização dos assentamentos humanos, o urbanismo se apresenta historicamente como a ideologia da ocupação – pela forma mercadoria – do território e, através deste, da vida cotidiana.

Entendemos a ideologia como a forma em que se reproduzem os valores essenciais do capitalismo. É um mecanismo que opera a nível subjetivo e se realiza objetivamente no social, ao mesmo tempo em que o fetichismo traduz esta objetividade a uma dimensão subjetiva para fazer com que aquilo que é socialmente produzido apareça como algo natural.

O discurso próprio dos centros de formação de especialistas do espaço é o da hegemonia social das mercadorias. A educação, tal como se promove nestas instituições, é uma forma de reproduzir e dar continuidade ao espaço que tem sido, como tudo em nossa época, reduzido ao padrão comum do dinheiro.

Podemos montar todas as exposições, congressos e equipes de governo que quisermos entre especialistas do espaço, e seguirá sendo nada mais que isso: um grupo especializado da divisão social do trabalho. O estudo do espaço e da vida cotidiana deve se colocar além do ponto de encontro das ciências positivas parcelares, senão seria a soma de todos os fragmentos reiterando sua separação. Um pensamento crítico que não considera as negatividades do processo social não pode concebê-lo em sua totalidade.

A Arquitetura hoje se reduz a um software que projeta espaços a partir do cálculo de quanto capital pode-se extrair de determinado terreno ou território, quer dizer, quantas propriedades pode-se empilhar e qual expoente vai valorizar cada metro quadrado. Ao arquiteto concernem apenas decisões cosméticas: se serão adornos neoclássicos em gesso ou se irá apostar em um estilo moderno em concreto, aço e vidro. Não importa se é para habitação popular, centros de negócios, de cultura, ou casas para a burguesia ilustrada, sua função radica sempre em dar lugar e fixar o valor abstrato que estrutura o capital. A Arquitetura é hoje este valor abstrato que se realiza em benefício de uns poucos contra todos os demais.

O âmbito e sentido em que se postulam os problemas da arquitetura como prática, ou simplesmente carecem de uma reflexão substancial, ou estão condenados a oferecer respostas parciais e vagas daquilo que eles próprios, como profissionais e especialistas, estão tentando responder. A verdadeira prática arquitetônica se encontra fora do âmbito da arquitetura profissional, e é esta última que bebe da primeira, não o contrário.

Da mesma forma que o capitalismo avançou vertiginosamente submetendo todas as sociedades até abarcar a totalidade do planeta, integrando todas as formas econômicas em uma única economia política, assim também se desenvolveu o urbano durante o século XX até abarcar a totalidade do planeta, superando a distinção cidade-campo em uma única totalidade abstrata e fragmentária. A Geografia (como ciência do território e do espaço) está determinada hoje exclusivamente por essa totalidade urbana que não tem um fora e que não admite em seu interior – em movimento permanente e estático ao mesmo tempo – nenhuma outra lógica que não seja a do espaço mercadoria.

A Geografia, como proprietária científica do direito à verdade espacial desde a fundação do Estado-Nação, continua a reivindicar sua parcela de terra para arrancar dela a totalidade – com a única finalidade de colocá-la, como saber especializado, em circulação no mercado de trocas do conhecimento. Essa Geografia que vende Crítica nos salões da Academia usa, em defesa do planejamento distributivista e igualitário, a mesma epistemologia (atualizada ao contexto do mundo “em desenvolvimento”) do imperialismo oitocentista.

O capitalismo se universaliza também como metáfora: o Capital, como o universo, é absolutamente contingente: nada está fora dele, tudo está dentro – e está em constante expansão.

O progresso, que se propaga em par e com a assistência da educação capitalista do espaço, não é senão a promessa eterna de um futuro de igualdade, liberdade e abundância para este eterno presente de negação da vida. A igualdade e a liberdade prometidas desde o iluminismo pela sociedade capitalista é o alicerce moderno para a compra da força de trabalho – é a desculpa pela qual o Estado promulga a livre exploração do trabalhador pelo Empresário. A abundância sonhada é o prêmio acumulado a ser sorteado neste jogo de azar, que em nada tem de lúdico. Seus poucos ganhadores animam a esta coisa a qual chamam de vida com um monte infundável de mercadorias medíocres. Aos perdedores (a maioria) não faltam modalidades inacreditáveis de miséria. E ao resto, resta apenas o tédio.

O único progresso possível é o da sociedade em um sentido comum dialético. Tal progresso hoje existe apenas como rastro ou ilusão, mas existe.

SEGUNDA PARTE: A CONCRETIZAÇÃO DO PROCESSO

São Paulo, junho de 2015

Estudar a vida cotidiana seria uma empreitada perfeitamente ridícula, e desde o início condenada a nada saber de seu objeto, se não se propuser explicitamente a estudar esta vida cotidiana afim de transformá-la. (...) Em revanche, a crítica radical, e em atos, da vida cotidiana dada, pode conduzir a uma superação da cultura e da política no sentido tradicional, quer dizer, pode conduzir a um nível superior de intervenção sobre a vida.¹

A proposição situacionista de prática da crítica como meio de intervenção consciente sobre a vida nos inquieta há meio século. A décima primeira tese sobre Feuerbach², há pelo menos um século e meio. A implicação que tem a práxis dentro do processo de construção do conhecimento – teórico e metodológico – a respeito das condições modernas da vida (e vice-versa) é a querela mais tensa que nos resta encarar nessa tarefa de “pensar o mundo”.

Foi esta crise manifesta que impulsionou, afinal, meu movimento de pesquisa. Fui buscar no pensamento marxista revolucionário do início do século passado uma concepção teórica de espaço que se propusesse a intervir diretamente sobre as práticas espaciais cotidianas. *Cidade-Máquina: Projeto e Utopia*, como seu subtítulo já delata, é um *ensaio de crítica espacial ao construtivismo*

¹ I.S. « Perspectives de modifications conscientes dans la vie quotidienne ». Em : I.S. #6. Paris: 1961. p.20

² “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de diversas formas, trata-se agora de transformá-lo” Karl Marx, 1845.

russo e às suas perspectivas de intervenção sobre o modo de vida a partir de dispositivos arquitetônicos e urbanísticos.

Para apresentar a pesquisa, gostaria então de elucidar cada termo de seu enunciado afim de, assim, definir melhor seus contornos:

A *forma ensaística* adequa-se ao nível dos conteúdos da pesquisa. O ensaio é um tipo literário historicamente ligado à filosofia, e há aqui um evidente interesse em propor um debate sobre a cidade que considere sua aspiração à totalidade como conflito entre o real e o ideal. Não se trata, contudo, de uma “filosofia da cidade”, pois não a toma como objeto fora de sua historicidade e determinações concretas. Mas é certo que a filosofia e a cidade se implicam historicamente: “A filosofia nasce da cidade, com a divisão do trabalho e suas modalidades múltiplas [...] já a Cidade, como emergência, linguagem, mediação, sobe à luz teórica através da filosofia”³. Semanticamente, o termo *ensaio* também tem a conotação de “estudo” ou “esboço”, algo que se pratica sem uma determinação definitiva – ou seja: um exercício, um mero experimento sem pretensões para além daquilo que resulta em si mesmo.

Crítica espacial é na realidade o projeto no qual se insere esta prática filosófica. É o caminho teórico-metodológico apontado por Henri Lefebvre como o norte necessário para as reflexões mais urgentes sobre a vida social, talvez seja até, enquanto proposta, a síntese do sentido de sua obra. A crítica espacial se debruça sobre a cidade como linguagem, assim como faz a crítica da arte, mas considera que seu “objeto” tem importância para além dos valores estéticos, pois o ambiente construído é parte estrutural da vida social. O espaço, nesse caso, não é entendido como simples objeto de análise, diretamente acessível e verificável: ele supõe relações sociais vivazes e ocultadas em suas entranhas, de diversas escalas e níveis de interação, que se tecem em uma trama de continuidades e discontinuidades. A crítica espacial se dirige à arquitetura e ao urbanismo considerando que seus aspectos formais não revelam imediatamente seus conteúdos, mas de alguma maneira indicam o quê contêm.

Praticar a crítica espacial nos obriga a considerar não só a história da cidade e dos conhecimentos sobre a cidade, como também a história da filosofia e da arte. Nesta parte da intersecção filosofia – arte – cidade emerge o objeto estudado, o *construtivismo russo*, considerado aqui como o momento fundador de um paradigma arquitetônico-urbanístico que atravessará o século XX para se afirmar até hoje: o *modernismo*, utopia racionalista do urbanismo.

No momento em que redijo este texto, digiro a fala de um professor do Departamento que exaltou meu objeto de pesquisa como deveras difuso e impertinente aos métodos da Geografia. Não há no meu estudo um recorte preciso do material de análise: ele-nem-se-quer-existe-na-realidade, é uma *coisa* que não se encontra *no* espaço. A tradição da verificação empírica dos fenômenos repõe ainda hoje à Geografia seu tão batalhado estatuto positivo de ciência – às cátedras da Geografia Crítica oficial cabe garantir que a ousadia necessária à originalidade dos temas de pesquisa sejam pautas do desenvolvimento da atualidade e não

³ H. LEFEBVRE, O Direito à Cidade, 1968.

reflexões inúteis à realidade imediata. Não acredito, contudo, que este professor realmente acredite que estudar planejamento espacial dos anos vinte seja mesmo impertinente para a formação de uma geógrafa. Ao contrário, sua postura ao refutar a pesquisa indica o perigo que incorre à operacionalidade da Crítica a possibilidade de um “estudo crítico” sobre urbanismo revelar que a razão de sua crise encontra-se em seus próprios princípios. Demonstra-se, assim, a verdadeira pertinência da minha defesa de que as projeções construtivistas são anunciadoras de uma lógica espacial que, desenhada na aurora da modernidade, se preserva atualizada nos discursos e nas práticas planificadoras de hoje.

O movimento do pensamento ao longo deste processo – um processo particular (individual e social) de construção (produção) do conhecimento – intencionou operar pela lógica concreta (dialética), em oposição aos procedimentos da lógica formal. Aquilo que se interroga protocolarmente como procedimento/metodologia da pesquisa não se deu, portanto, ao lado do método científico positivo, medido, testado e afirmado, mas do lado de um movimento dialético do pensamento, buscando pela tensão das contradições na condução da realidade que se concretiza. O método escolhido não foi técnico, mas reflexivo – tecido a partir de todos os tipos de conflito que se puseram ao longo do processo.

Nessa dialética, a produção do pensamento está exatamente no procedimento do conhecimento entre o sujeito e objeto: é um movimento que parte do objeto concreto (histórico) para a abstração do pensamento, que retorna seu entendimento, através de uma miríade de linguagens e ações, à realidade concreta. Este procedimento, porém, nunca foi Individual, como sugere o termo “TGI”. Esteve sempre em consonância com um projeto largo e compartilhado, um grupo de estudos dedicado a entender *os termos da alienação espacial*. Para tanto, perseguiu-se a dialética como método, pois esta serve, antes de mais nada, para desconstruir a aparência coerente e colada dos argumentos que reiteram o mundo da separação. Só ela torna possível o entendimento da afirmação e da negação como simultaneidade constitutiva dessa dinâmica viva, complexa e contraditória, que produz o espaço da sociedade, que se traduz em paisagem, que se realiza como vida.

É de extrema relevância revelar, então, que a inspiração desse trabalho vem da retomada de um momento em que a categoria *espaço* vinha sendo tomada como principal conteúdo de um pensamento crítico radical que se formulava pela assim chamada “geração de 68”. Refiro-me aqui a diversas publicações que aglutinavam, naquela época, debates teóricos a respeito da “moderna sociedade produtora de mercadorias” ou “sociedade burocrática de consumo dirigido” ou, ainda, “sociedade do espetáculo” – que passava, naquele momento, por um intenso processo contestatório mobilizado por diversas forças insurgentes. Trato aqui, precisamente, das Revistas da *Internacional Situacionista* (1957-1969), da revista *CONTRAPLANO* (lançada em 1967 na Itália, editada por Asor Rosa e Manfredo Tafuri), e da revista *Espaces et Sociétés* (lançada em 1970 na França, editada por Anatole Kopp e Henri Lefebvre)⁴. Não à toa, foram estes os principais autores mobilizados na redação deste trabalho.

⁴ Citando apenas aquelas ligadas particularmente a esta pesquisa.

A respeito desse assunto, Henri Lefebvre chama atenção em *A Revolução Urbana* (1970) ao recente aparecimento da obra de Anatole Kopp dedicada a esmiuçar a história e as teorias do construtivismo russo:

Não é surpreendente que tenha sido preciso esperar quarenta anos, na nossa época (da qual alguns dizem que não é senão velocidade, aceleração, vertigem), para que os trabalhos de A. Kopp restituíssem as conquistas do pensamento e da prática arquiteturais e urbanísticas na URSS? Apesar das circunstâncias favoráveis (houve, em 1968, na França, um “fenômeno total” comparável, em certa medida, aos fenômenos russos entre 1920 e 1930), não é certo que esta aquisição esteja assimilada.

Isso não significa dizer que era – ou que seja ainda – importante tomar o construtivismo russo como objeto de estudos simplesmente pelo fato deste ser em si mesmo um objeto fascinante para análise e pesquisa, mas que seu estudo aprofundado, enquanto advento interrogatório dos fundamentos teórico-metodológicos da “ilusão urbanística” (usando as palavras de Lefebvre) faz sentido na ordem do dia, pois: “vivemos entre as recaídas: das revoluções, da técnica. Esta encobrindo aquelas. (...) Não é este o grande drama de nossa época?”

Partindo assim das bases de crítica à arquitetura e ao urbanismo lançadas naquele momento, é necessário ainda hoje avançar na análise das técnicas de programação e dos modos concretos como estas se integram à realidade viva dos modos de produção, conformando historicamente aquilo que se projeta como a expressão máxima da vida em sociedade: seu espaço social.

Entrego então meu TGI como documento-índice da história deste desejo comum em se formular um pensamento crítico sobre a alienação espacial. Uma vez impresso, ganhando para si um corpo físico concreto, este texto será lançado ao mundo junto a todo um conjunto de publicações: à tradução do Potlatch feita em meio ao grupo de estudos, aos livretos produzidos a partir do debate dos manuscritos de Marx e dos situacionistas, ao projeto da revista 2&3DORM (da qual a Declaração de Varanasi faz parte), e a tudo aquilo de imprevisível que se realizará como efeito dos tensionamentos postos em prática pelo pensamento, em meio a esse processo coletivo (e tão vivo) de afrontamento das ideias do espaço com a realidade espacial.

Por agora, contudo, a defesa deste trabalho não é só um apontamento pros nossos debates futuros, mas é também o momento que me liberta individualmente da graduação em Geografia.

Eis que assim se abre, enfim, o fim de um processo.

CAPÍTULO UM

UTOPOGRAFIA

A IMAGEM DA CIDADE-MÁQUINA

Cidade-Máquina: é esta imagem, enquanto metáfora e metonímia da espacialidade de determinado projeto de sociedade, a síntese do objeto desta pesquisa.

Definindo melhor seu contorno, trata-se de um estudo sobre a linguagem arquitetônica e urbanística elaborada em meio ao movimento construtivista russo – vanguarda modernista articulada aos processos de formação da União Soviética, entre 1917 e 1932. Este não é, contudo, um estudo com fim à reificação de seu objeto: se nega ao esforço de afirmação da arte como a qualquer outro esboço de apreciação formalista. Se aqui a idealização da materialidade é tomada como campo de pesquisa, o faz partindo do entendimento do concreto como síntese de múltiplas determinações.

O que traz o construtivismo russo para o centro do problema é o fato de que, para além da formulação estética radicalmente racional, as formas espaciais propostas pelos artistas e arquitetos construtivistas pretendiam traduzir o sentido de um projeto social total – o comunismo – a ser concretizado pela classe trabalhadora sobre o vasto território conquistado pela Revolução Russa. Deste modo, os construtivistas descrevem não apenas as relações sociais ideais do porvir, mas também seu ambiente construído, exprimindo soluções práticas às necessidades da classe que dá corpo ao novo Estado: o proletariado. Não se trata, portanto, de uma produção de objetos isolados, mas de projetar a tecitura do novo espaço social, ou seja: coordenar os objetos espaciais – *organizar racionalmente o espaço*.

A ideologia arquitetônica e urbanística que eles [os construtivistas] elaboram, aquela do funcionalismo, pretende trazer a solução exata e técnica às necessidades nascidas da transformação da sociedade, quer fosse da produção de objetos usuais, de edificações, de problemas urbanos ou aqueles postos pelo planejamento do território em seu conjunto.⁵

Para entender como arquitetura, urbanismo e planejamento territorial se imbricam no projeto construtivista russo – sem reduzi-lo a mais uma expressão artística modernista, redução esta bastante difundida nas leituras sobre o tema – é necessário remontar ao contexto histórico concreto que engendra o movimento construtivista, ou seja, o da instauração de um novo

⁵ KOPP, 1967. p.14

Estado – conduzido pelo proletariado organizado institucionalmente no momento seguinte a uma revolução social sem precedentes. Essa condição particular, a conquista do poder de “moldar seu destino com as próprias mãos”, trazia para o espectro do possível perspectivas de relações sociais impossíveis se sob qualquer outra ordem política: a pretendida revolução do modo de produção apontava para a revolução do modo de vida.

Assim, o projeto do construtivismo russo se concebe como ideário de uma sociedade *a ser totalmente transformada* sobre a extensa realidade de um imenso território. Tendo tomado o poder de assalto, a revolução deveria se realizar como a “retomada” do espaço pelo proletariado, o que contemplava desde as bases materiais da estrutura econômica produtiva até os aspectos mais elementares da vida. A nova sociedade deveria ser fundada – como haviam explicado os teóricos do socialismo – sobre novas relações de produção resultantes da apropriação coletiva das máquinas, das fábricas e dos instrumentos de comércio e dos bancos, mas fundada também sobre novas relações entre os indivíduos, os grupos sociais e os sexos.⁶ Para tanto, acreditava-se na arquitetura como modalidade plástica capaz de moldar esta realidade:

A ARQUITETURA TRANSFORMA O ASPECTO DO MUNDO,
RECONSTRÓI O MODO DE VIDA, ORGANIZA A VIDA COTIDIANA, O
TRABALHO E A VIDA SOCIAL.

P. Novitski, prefácio à plaquete: *a Arquitetura do VKhUTEMAS*. Moscou, 1927

O espírito dentre os revolucionários era de grande entusiasmo, pois sobre as ruínas do passado iriam construir uma nova sociedade, de escala continental, com bases em um programa político efetivo pois *científico*. Tratava-se de buscar soluções a necessidades de massa, às quais não se poderia tentar responder senão com uma produção arquitetônica também de massa. Foi assim que arquitetos, urbanistas, engenheiros e demais artistas ganharam para si um campo de experimentações extraordinário, com amplitude proporcional às suas ambições:

Nossos trabalhos devem se apoiar essencialmente sobre um estudo profundo e escrupuloso do *programa*, visto à luz de nossas condições políticas e sociais. Devem ter por finalidade essencial a criação dos *condensadores sociais*⁷ da nossa época. Este é o objetivo principal do construtivismo na arquitetura.

Moisei Guinzburg, discurso de abertura da primeira conferência da O.S.A
Moscou, 1928⁸

A revolução não terminou. Desde a vitória de Outubro são postas diante dela tarefas infinitamente mais complexas que aquelas da preparação das massas para a revolução política. Diante do país são postas tarefas da *revolucionarização* de toda vida econômica do país. Mas isso ainda não é nada: está posta diante da revolução o problema da reconstrução de todo o modo de vida, de todo o comportamento de um país e seus milhões de habitantes.

M. Iankovski, *Por um novo homem*, Leningrado, 1927⁹

⁶ KOPP, 1988. p.9.

⁷ O conceito de *condensador social* é nodal para a formulação de toda arquitetura construtivista, trata-se de um dispositivo espacial para transformação do modo de vida. Uma explanação mais esmiuçada deste conceito da virá a seguir.

⁸ Apud KOPP, 1975. p.195.

A imagem da *Cidade-Máquina* imprimia então no imaginário revolucionário os termos do funcionalismo – pensamento lógico-metodológico em voga num mundo em intenso processo de modernização – colocando a projeção do Estado do proletariado (que se fundava na aurora do século XX) em ritmo sintonizado aos processos próprios do modo de produção industrial:

A consciência moderna do começo do século XX partia de três pressupostos que o mundo hoje não pode subscrever de maneira alguma: a ideia de uma ruptura radical com a história e o começo de uma nova era; a concepção racionalista da história como triunfo absoluto da razão no tempo e no espaço, e com ela, as ideias de justiça social e paz; e, por último, a fé em um progresso indefinido fundado no desenvolvimento cumulativo e linear da indústria, da tecnologia e dos conhecimentos científicos.¹⁰

Há aí, neste universo produtivo do construtivismo, um projeto de sociedade que entende seus cidadãos, na sua condição homogênea e hegemônica de classe, como os operários da construção do novo Estado. Como procedimento necessário para esta realização, o projeto soviético opera os instrumentos da produção do espaço – com a finalidade de conformar o espaço social do socialismo – segundo a lógica formal desenhada por aquilo que, no mundo moderno, se institucionalizava disciplinarmente como Urbanismo. Esta é uma premissa que sintoniza com sua época pois, como descreve Manfredo Tafuri:

é antes toda a cidade, objetivamente estruturada como máquina funcional para extração de mais valia social, que produz, nos próprios mecanismos de condicionamento, a realidade dos modos de produção industriais¹¹.

A visão funcionalista e racionalizada do sentido que o espaço social carrega para os construtivistas é revelada pela imagem geometrizada da cidade, composta por peças integradas – lugares de atividades programadas – em uma ordenação socioespacial dinâmica. Seus pressupostos põem em relação o design industrial com o design urbano, articulando cada momento do cotidiano como espaço produtivo e reprodutivo da sociedade – baseados na cientificidade instrumentalizada e no progresso do poder técnico. Neste contexto, sua concepção se baseia nos artifícios do espaço absoluto: da geometria euclidiana, do plano cartesiano, da mecânica da máquina aplicada à cidade, ou ainda, no preceito lógico-formal de “organização do espaço”, como El Lissitzki havia anunciado em 1922: “*Arte construtiva, que não embeleza a vida, mas a organiza*”¹².

O que Lissitzki revela com esta frase é a maneira como os métodos e finalidades da Arte construtivista se inscrevem no processo histórico revolucionário: emancipada de suas linguagens tradicionais e de sua condição objetiva encerrada em si mesma (o quadro, a escultura, o teatro, a literatura, etc.), ou seja, libertada de sua função representativa, a arte se realizaria enfim na prática da própria vida. Aquilo que se anuncia então como “obra de arte

⁹ Apud KOPP, 1988. p.93

¹⁰ SUBIRATS, 1991. p.12

¹¹ TAFURI, 1985. p.59

¹² EHRENBURG e LISSITSKI, *Eppur si muove, Moscou e Berlim:1922*. Apud AZEVEDO, 2006. p.67.

total” seria, no comunismo, a expressão material da realização do sujeito na história: seu espaço social.

A nossa é uma época industrial. A Escultura deve dar lugar ao objeto material em solução espacial. A Pintura não pode lutar contra a figuração luminosa, a fotografia. O Teatro é ridículo no momento em que as “ações pondo em cena as massas” caracterizam a época. A Arquitetura é impotente para deter o desenvolvimento do construtivismo. O construtivismo e a ação das massas estão ligados indissolivelmente ao modo de produção do nosso modo de vida revolucionário.

Alexei Gan, 1922¹³

Ao final, como sentido desse processo progressivo de superação das alienações do proletariado (que os bolcheviques identificavam como seu programa político revolucionário), tem-se que o grande projeto da vanguarda construtivista é o de fazer da cidade uma ode a racionalidade: carrega a ambição de ser o momento máximo de realização da sociedade, concretizar-se como sua verdadeira obra, e construir assim o espaço definitivo do “fim da história”¹⁴:

Essa sociedade redenta se reflete na figura da cidade abstratamente planejada, funcional, sua metrópole. Concorre na exaltação maquinista, a idealização funcionalista e administrativa do social, designado pelo avisado engenho humano. Desconhecendo-se a dialética entre quantidade e qualidade, procede-se à redução: a máquina é paradigma para a unidade de produção, a qual, por sua vez, torna-se parâmetro para a ulterior ordenação da cidade, da sociedade.¹⁵

Há no projeto construtivista a exigência da criação de uma identidade entre o *pathos* do planejamento soviético e sua expressão como paisagem: que os princípios éticos que fundamentam o novo Estado revolucionário sejam também estéticos, que o arranjo socioespacial do socialismo seja capaz de criar para si uma nova imagem de sociedade. É deste modo que “a máquina se converte em valor cultural fundamental e em um princípio espiritual de signo transcendente na realidade social e histórica” (Gilles Deleuze e Félix Guattara, *El Antiedipo, capitalismo y esquizofrenia*, 1973)¹⁶

Nesta fusão entre forma e função, entre economia política e arquitetura, espera-se que a nova espacialidade russa seja ela própria produtora das novas relações sociais proclamadas pela revolução:

A arquitetura de nossa época não tem por tarefa a construção de um edifício, mas a construção, a formação das relações sociais no quadro das novas relações de produção, sob a forma de edifícios cuja característica comum será de exprimir formalmente seu conteúdo social e produtivo.

M. Okhitovitch, *Aos problemas da cidade*
Em: C.A. n.º4 Moscou, 1929.¹⁷

Mas a arquitetura da cidade, pelo menos segundo a concepção tradicional, é uma estrutura estável, dá forma a valores permanentes, consolida uma morfologia urbana. Para

¹³ Apud KOPP, 1975. p.41-42.

¹⁴ LEFEBVRE, 1971.

¹⁵ AZEVEDO, 2006, p.56

¹⁶ Apud SUBIRATS, 1991. p.23.

¹⁷ Apud KOPP, 1975. p. 279

romper com essa concepção tradicional e ligar a arquitetura ao destino da cidade como transformação da sociedade, a própria cidade é concebida como lugar específico da produção tecnológica e ela própria torna-se produto tecnológico: a arquitetura torna-se assim, ela própria, um momento da cadeia produtiva. A utopia da cidade-máquina construtivista planejava, portanto, desde a priori, a plasticidade de suas próprias engrenagens, prevendo a atualização de suas formas como efeito do progresso do meio técnico e da consolidação das novas relações sociais.

Deste modo, a projeção do construtivismo como projeto social total só o é na medida em que se realiza (ou só poderia se realizar) em todas as escalas do quadro de vida – contemplando, ao articular, a arquitetura (esfera do habitar), o urbanismo (esfera do cotidiano e da vida social) e o planejamento territorial (esfera da sociedade no geral, que no caso da economia política soviética se traduz na dimensão da planificação estatal). Estes três níveis – discerníveis mas correlatos, específicos mas integrados – compõem aquilo que se move como dialética tríplice da *produção do espaço*. Esta expressão (essencial para a fundamentação de toda esta pesquisa), por sua vez, aparece aqui empregada em ampla acepção: contempla tanto a determinação concreta e material da realidade que se move como história, o modo como esta aparece dando forma à sociedade, quanto a interpretação filosófica sobre a Geografia Humana elaborada por Henri Lefebvre – teoria comprometida em considerar a complexidade da práxis socioespacial. Uma crítica que:

(...) reconsidera a economia política, que a salva do fracasso propondo-lhe um novo objeto: a produção do espaço. Se o conhecimento retoma a crítica da economia política, mostrará como esta economia política do espaço pode coincidir com as aparências do espaço.¹⁸

Por fim, antes de avançar nas elucubrações, é importante anunciar que a escolha de exercitar o método da dialética tríplice da *produção do espaço* para a análise da linguagem arquitetônica global proposta pelo construtivismo se deu pela inegável relação entre as contradições de tal projeto e aquelas próprias do espaço abstrato, ou seja, do espaço produzido pelas abstrações concretas próprias do capital.

Nesse sentido, é impossível não mencionar aqui que o estabelecimento das forças produtivas e das relações sociais de produção ao longo do desenvolvimento da União Soviética não superaram a lógica abstrata da produção de mercadorias, produzindo para esta sociedade um espaço tão abstrato quanto o espaço social do capital (em termos bastante diferentes daqueles da economia de mercado, é claro). A razão disso reside no fato de que:

O pensamento utópico manteve-se sempre compatível com a história de afirmação da forma-mercadoria total e com suas formas ditatoriais, ainda que não fosse por elas absorvido. Assim, o marxismo tornou-se a ideologia de legitimação das formas de uma *modernização tardia* no horizonte de uma sociabilização pela forma-mercadoria. Da mesma maneira que o problema da forma abstrata e universal gerou sempre novas roupagens do sistema produtor de mercadorias, assim também o problema de sua

¹⁸ LEFEBVRE, 2000. P.125.

implementação forçada gerou sempre novas alusões à ditadura, que apontam para o caráter compulsório da constituição irrefletida do fetiche.

Robert Kurz, *Subjektlose Herrschaft. Zur Aufhebung einer verkürzten Gesellschaftskritik*
Em : Revista Krisis, n° 13, 1993¹⁹

Mas este estudo não foi particularmente dedicado a esmiuçar a forma mercadoria e suas fantasmagorias, ou a produção de mais valia social nos quadros da produção dessa sociedade que se reivindicava socialista²⁰. O que nos interessa é o fato de que nesse mesmo terreno também se instalam a tensão da utopia, o lugar ideológico do planejamento urbano, as contradições do cotidiano – todos temas contingentes à Geografia²¹ na medida em que dimensionam o espaço social em relação aos conteúdos da crise geral da modernização.

Avançemos.

VANGUARDA: FRONT REVOLUCIONÁRIO E TRABALHO INTELECTUAL

O novo modo de vida resultante do conjunto de nosso sistema de governo é proclamado pelos homens de vanguarda que dirigem este país; a vida lhe dá força de lei; ele se diferencia nitidamente da antiga concepção de vida. Nós, os arquitetos de hoje em dia, o aceitamos como algo de inseparável a nós mesmos.

Alexandre Pasternak. Em: *Arquitetura Contemporânea* n°4/5, 1927²²

Aquilo que historicamente se consagrou como “vanguarda modernista” são os grupos sociais que, logo nas primeiras décadas do século XX, apontaram a direção para a criação de novas estéticas (novas formas e técnicas) sintonizadas aos novos ritmos e conteúdos sociais de um mundo em intenso processo de modernização. Vê-se desenvolver o papel das vanguardas enquanto projetos ideológicos, afirmados por grupos especializados na divisão social do trabalho²³: os artistas – poetas, pintores, escultores –, urbanistas, arquitetos e demais atores (e autores) dessa esfera destacada de produção do conhecimento: a *Arte*. O entendimento da vanguarda passa então pela compreensão do *trabalho intelectual* como campo privilegiado da *produção* em sentido amplo, pois estes grupos não só projetavam os objetos a serem produzidos, mas produziam inclusive o sentido social que estes objetos teriam quando usados (ou contemplados). Sua missão era a de criar novas estruturas formais e técnicas (e portanto

¹⁹ Disponível em: www.exit-online.org. Versão portuguesa difundida no Seminário Internacional "A Teoria Crítica Radical, Superação do Capitalismo e a Emancipação Humana", Fortaleza, Ceará, 29/10/2000.

²⁰ Ainda que a importância do aprofundamento deste tema seja inquestionável, já que está absolutamente evidente que a crise mais fundamental da experiência soviética se desdobra nesse plano. Uma obra que discute à miúdo este tema é *O colapso da modernização*, de Robert Kurz (1993).

²¹ Não que o que esteja em jogo aqui seja a defesa de um objeto próprio ou adequado para a Geografia. Ao contrário. Existe nesse trabalho uma forte asserção de transdisciplinaridade, uma vontade admitida de subversão da disciplina. Ou, pelo menos, um esforço de romper com as fronteiras positivamente erigidas entre os campos do conhecimento. É um debate entre Arte, Arquitetura, História, Sociologia, Filosofia, Literatura, até mesmo Design ou Engenharia, que se dá na perspectiva de um arcabouço teórico-metodológico construído no interior de um processo particular de formação em Geografia: o desta autora, que se coloca em primeira pessoa neste texto agora.

²² Apud KOPP, 1988. P.89.

²³ “A ideologia trabalha em grupo” TAFURI, 1987. P.149.

estéticas) para um futuro social já posto em curso – sendo esta a nova tarefa histórica do intelectual: propor as bases materiais e filosóficas do novo mundo. Não há, portanto, vanguarda sem projeto de futuro.

Edificar o socialismo, realizar a tarefa da reconstrução radical de todo o sistema econômico dos Sovietes (estes objetivos não podem esperar), senão pela transformação completa de todo o sistema que rege o modo de vida, pela transformação não apenas da vida cotidiana, mas também da psicologia da classe que dirige esta edificação da sociedade socialista.

M. Iankovski, *Por um novo homem*,
Leningrado, 1927.²⁴

No caso dos construtivistas russos, tratava-se de um sério esforço para desempenhar o papel de *sujeito histórico* na condução do momento pós-revolucionário em direção à realização do Comunismo, baseado nas teses do materialismo histórico de Marx e Engels e na reivindicação de um estatuto científico para o socialismo. A vanguarda política exigia uma vanguarda estética – de modo a fazer coincidir estrutura e superestrutura. Os construtivistas enxergavam-se então como o legítimo front intelectual da revolução:

O significado da função renovadora da arte aparece com maior clareza se se leva em conta o objetivo utópico de antecipar na forma artística uma ordem moral e social. Isso tudo converge no que se pode chamar a atitude geral dos artistas de vanguarda: um esforço por intervir nas ocupações sociais, por apreender a sociedade e a cultura como um todo, e por transformá-las de acordo com as recém-descobertas categorias estéticas e utópicas. Porém, ao mesmo tempo, legitima-se aquela missão dirigente e pioneira no sentido mais substantivo que os artistas das vanguardas herdaram das vanguardas políticas. A busca de um novo estilo como representação e antecipação formais de uma nova realidade social, política e espiritual convergiu, no teórico como no prático, com aquele elemento utópico e normativo que constituiu também o impulso revolucionário dos partidos de vanguarda.²⁵

A formulação do que seria o *construtivismo* teve uma das suas primeiras expressões no livro-manifesto de Alexei Gan em 1922 “Konstruktivism”. Para Gan, o construtivismo constituía uma visão completa do mundo, uma *Weltanschauung*, e seu livro é um dos primeiros textos da época soviética que ligava os problemas da criação artística àquelas postas pela edificação de uma sociedade socialista. Ao invocar a produtividade como necessidade do trabalho intelectual artístico, Gan vocaliza as pretensões de todo um grupo de artistas das ditas correntes produtivistas que, ao assumirem o socialismo como conteúdo político de seus trabalhos, reconhecem-se enfim como *construtivistas*. Estes, dali para frente, se organizarão no seio da L.E.F. (Frente de Esquerda da Arte), agremiação que se constitui ao entorno da revista literária de mesmo nome, dirigida por Vladimir Maiakovski, que clama em seu primeiro número: “Construtivistas, poupem-se de se tornar uma outra escola de estética! (...) o construtivismo deve tornar-se a forma superior da engenharia das formas de vida!” (Revista L.E.F. n°1, 1923).²⁶

²⁴ Apud KOPP, 1975. P.113.

²⁵ SUBIRATS, 1991. p.56

²⁶ Apud KOPP, 1975. p.90

Maiakovski refere-se aos construtivistas fazendo o esforço de negá-los (e a si próprio, pois se vê inserido no movimento) enquanto mera escola estética. Isso porque a improdutividade do trabalho intelectual pesava como a culpa de toda uma tradição da cultura burguesa oitocentista, culpa esta que as ideologias avançadas do século XX tinham de superar. Para sobreviver, a arte precisa negar-se enquanto tal, projetar-se integralmente na “construção do destino”. Para todos estes “artistas” o tema dominante é o de um futuro em que todo o presente seja projetado, de um domínio racional do futuro, de uma eliminação do risco que este comporta, com a intenção de tornar científico o controle político sobre a dinâmica do sistema.²⁷

O construtivismo russo formou-se em meio ao violento processo de industrialização em curso à época, que afetava a atmosfera criativa de todas as vanguardas européias, marcadas pela racionalização global do universo produtivo e de seu domínio social – faz sentido por isso que Maiakovski invoque a noção de *engenharia* para falar em transformação da vida social. As formas arquitetônicas assinaladas pelas frentes modernistas se assemelham, de modo geral, pelo emprego das técnicas e materiais mais avançados, pela concepção urbana funcionalista que se anunciava pela “estética da máquina”²⁸, e também por retirar da ciência moderna não só seu conteúdo mas também seu método de trabalho: a sistematização dos fenômenos, o controle dos resultados²⁹. O próprio construtivismo reivindicava sua identidade em consonância com o universo científico: “é uma escola estritamente baseada sobre fundações sólidas, científicas e maquinistas” – declarou o Centro Literário Construtivista em 1923³⁰.

Ainda que o contexto sociopolítico da vanguarda russa lhe confira conteúdos singulares em relação às demais correntes modernistas – que se desenvolviam sob a égide da economia de mercado e da socialdemocracia –, todas elas (fosse no manifesto do dadaísmo berlinense, ou do futurismo italiano, ou do surrealismo francês) colocavam, implícita ou explicitamente, a libertação do trabalho como objetivo político para o desenvolvimento do espírito. Deste modo, é significativo pensar que essas mesmas vanguardas indiquem como caminho para alcançar tal objetivo a afirmação plena da ideologia do trabalho – algo mais do que evidente no discurso de vanguarda russo:

Em que consiste hoje nossa tarefa, o que devemos aprender em primeiro lugar, em direção a que devemos nos ater? É preciso aprender a trabalhar bem – com precisão, com propriedade, com economia. Nossa necessidade agora é desenvolver a cultura do trabalho, a cultura da vida, a cultura do modo de vida.

Leon Trotski, Questões do modo de vida
Publicado no jornal Pravda, em 1920³¹

²⁷ TAFURI, 1985. p.41-44

²⁸ “*A máquina, um novo fator nos assuntos humanos, despertou um espírito novo*” Le Corbusier, *Vers une architecture*. França, 1923. Apud GAY, 2008.p.298.

²⁹ “*A investigação científica deve ser considerada, segundo os pontos de vista mais recentes, como uma teia de induções e deduções, de invenções e de cálculos, e não como sucessão homogênea de operações dedutivas. Analogamente, [nas artes/arquitetura] o belo dos resultados não deve ser considerado objeto de uma investigação científica, mas sim o último nível do controle e garantia de uma integral fruição dos próprios resultados*” – sobre o método científico de projetar a cidade moderna. BENEVOLO; MELOGRANI; TOMMASO. 1980.p.10.

³⁰ Apud KOPP, 1988. p.190.

³¹ Idem. p.9.

Esse procedimento, aparentemente incoerente, só seria possível através da proposição de um “trabalho novo”, trabalho coletivo, construtivo e, o que é mais importante, planejado. Deste modo, o trabalho abstrato permanece no jogo, continua determinando o espaço e o tempo do cotidiano, mas se salva do estigma da alienação ao produzir aquilo que socialmente se valoriza como “desenvolvimento da subjetividade” ou “realização do sujeito na sociedade”³²:

O velho modo de produção deve ser então forçadamente subvertido de cima abaixo, e sobretudo deve fazer desaparecer a velha divisão do trabalho. Em seu lugar, deve vir uma organização da produção na qual, de um lado, nenhum indivíduo pode sobrecarregar os outros de seu trabalho produtivo, condição natural da existência do humano; na qual, por outro lado, o trabalho produtivo, ao invés de ser um meio de assujeitamento, torna-se meio de libertação dos homens oferecendo a cada indivíduo a possibilidade de se aperfeiçoar e de pôr em obra, em todos os sentidos, o conjunto de suas faculdades físicas e intelectuais e na qual, o antigo fardo torna-se um prazer.

Friedrich Engels, O Anti-Dühring, 1877³³

Deste modo, a partir de uma ontologia do trabalho produtivo, parece que o projeto de operar a desalienação do sujeito pelo socialismo passa pelo entendimento de que apenas uma humanidade que tenha interiorizado, apropriado e absorvido a ideologia do trabalho, que não persiste em considerar a produção como algo diferente de si ou como simples instrumento social, que se reconheça como parte de um Plano global e, como tal, aceite inteiramente a funcionar como engrenagem de uma máquina total, pode ser submetida a uma sociedade de proletarização universal³⁴. Esse é, afinal, o grande mérito da obra de arte na época da reproduzibilidade técnica. Comenta Tafuri a respeito:

Aquilo que Walter Benjamin chama a “queda da aura” exprime exatamente o seguinte: a integração do momento subjetivo no mecanismo global de racionalização; mas também, simultaneamente, a individualização de uma “ética da racionalização”, resolvida completamente em si mesma. Os processos de concentração do capital, a sua própria socialização, o constante aumento da sua composição orgânica, impõem como necessidade uma tal ética. Ética esta que já não se apresenta como valor externo, pois é subtraída à relatividade da invenção ideológica. A ética do desenvolvimento deverá realizar-se conjuntamente com o próprio desenvolvimento, no interior dos seus processos: a promessa de libertação pela máquina deve emanar de uma imaginação do futuro cuidadosamente controlada.³⁵

Com a missão declarada de imaginar um futuro cuidadosamente controlado, incorporando a formação do sujeito como dado objetivo do programa, diversas instituições

³² Aproveitando do artifício do rodapé como hiperlink, como breve salto para uma discussão entre parênteses, trago um comentário extremamente inteligente de Manfredo Tafuri (1985, p.53-54) a esse respeito: “*Em todas as vanguardas históricas, a autonomia da construção formal deixa de insistir no projeto de controle da experiência cotidiana através da forma. Agora dispôs-se a aceitar que é a experiência que domina o sujeito e o cria. O problema é, de fato, planejar o desaparecimento do sujeito, anular a angústia que deriva da patética (ou ridícula) resistência do individual face às estruturas de dominação que o submetem de perto, indicar como terra prometida da pacificação universal – o paraíso da terra concretiza-se pelo «desaparecimento do trágico» – exatamente a submissão voluntária e pacífica a essas estruturas de dominação.(...) O comunismo dos anos 20/30 tomou consciência da «dissolução da tragédia» como meio de destruição do modo de ser burguês pelo pensamento de Lukács mas também de Korsch e Bertolt Brecht.*”

³³ Apud KOPP, 1975. p.277.

³⁴ TAFURI, 1985. p.55.

³⁵ TAFURI, 1985. p.45.

técnico-científicas de artes e ofícios (em russo *Tvortchiskii organisatsii* ou, organizações criadoras) surgiram a partir de 1917 para dar corpo físico ao recém instaurado Estado Soviético – fossem agências de projetos para políticas públicas ou apenas institutos de pesquisa e ensino:

Depois da revolução, a vanguarda não pode mais existir enquanto tal: é totalmente reabsorvida por um único projeto de racionalização *tout court* do sistema, torna-se totalmente funcional à componente autoprojetante das leis de crescimento do sistema: já não pode ser variável externa.

Francesco Dal CoEm: *Arquitectos y Ciudades Unión Soviética : 1917-1934, 1972*³⁶

Alguns destes escritórios oficiais formaram-se de fato como verdadeiros antros incubadores do construtivismo. Para citá-los brevemente (esperando apresentá-los com mais acuidade ao longo do texto) trata-se da: LEF (Frente de Esquerda da Arte); INKhUK. (Instituto da Cultura Artística); VKhUTEMAS (Ateliers Superiores de Arte e Técnica); OSA (Associação dos Arquitetos Contemporâneos) e ASNOVA (Associação dos Novos Arquitetos), entre outros.

Tais grupos encontravam-se no terreno público das disputas políticas e teóricas do socialismo científico; posicionavam-se publicamente nos congressos ou por meio de publicações próprias. Mas foi sobretudo no atrito entre as diversas tendências construtivistas que mais se contribuiu ao avanço das problematizações acerca da tarefa histórica da vanguarda, e os debates aí gerados explicitaram, à luz da própria época, as inúmeras crises e contradições do processo concreto de “construção do socialismo”.³⁷

Tratando agora de um panorama mais amplo, o papel do construtivismo russo no contexto das vanguardas modernistas européias foi de extrema relevância e de fato formulou-se em constante intercâmbio com outros grupos da época, como o De Stijl (Holanda), o Esprit Nouveau (França), ou a Bauhaus (Alemanha). Até os primeiros anos da década de 1930, os objetivos da arquitetura e do urbanismo construtivistas da União Soviética, e das experiências habitacionais nas municipalidades socialdemocratas alemãs – as *Siedlungs* – e na velha Viena – as *Höfe* – convergiam e, de modo geral, as vanguardas ocidentais projetavam na jovem URSS a potencialidade para plena concretização de suas proposições. A colaboração dos arquitetos ocidentais com a construção socialista, iniciada em 1925 com o plano de Erich Mendelsohn para uma tecelagem próxima a Leningrado, e que levou ao projeto do Centrosoyuz por Le Corbusier (1929-1931), consolida-se com a mudança para Moscou de nomes de destaque, como Ernst May, Mart Stam e Hannes Meyer, entre outros. Porém:

O que particulariza a posição dos construtivistas é a tese de que a autonomia de seu trabalho não é, como se dá ao técnico assalariado, confiscada mediante um contrato, mas consagrada à verdade (Pravda), como empenho coletivo de formular a sociedade. O demiurgo cede lugar ao técnico, o engenheiro ao cientista-social, o qual, informado pelo rigor das Ciências e instrumentalizado com o poder das técnicas, opera as demandas

³⁶ Apud AZEVEDO, 2005. p.65.

³⁷ Vejamos mais adiante as querelas entre as vertentes ditas “urbanistas” e “desurbanistas”, e o modo como contribuíram aos debates que tinham como centro a produção (ou “organização”) do espaço.

produtivas que, no mundo burguês, caberiam aos artistas e, de modo geral, à dita *intelligentzia*.³⁸

Para finalizar este ponto com foco no papel histórico da vanguarda, é preciso assumir o fato de que as projeções vanguardistas em voga naquele início de século nunca tiveram maior êxito no mundo concreto do que nos momentos específicos das “exposições universais”: foram esses os recortes precisos de tempo-espaço em que as experiências modernistas mais lograram na atmosfera da época – de modo muito mais efetivo do que na realização das políticas urbanísticas daquele momento, por exemplo. É evidente que seus propósitos permaneceram como herança de extrema relevância para o desenvolvimento do pensamento e das técnicas do mundo moderno, e que desdobraram seu sentido exponencialmente a partir dali. Contudo, é possível questionar os princípios lógico-metodológicos dos esforços empenhados por estas vanguardas que, embora se projetassem absolutamente racionais, com a ambição de dominar a totalidade do universo social e produtivo, tiveram as experiências mais plenas de suas existências na condição de mera representação – ou simulacro.

A UTOPIA CONSTRUTIVA DO SOCIALISMO CIENTÍFICO

Nós construiremos nosso próprio mundo, um mundo novo – são as palavras em russo d’*A Internacional*. Mas que mundo seria este? Não era possível descrevê-lo com contornos nítidos, ainda que ousassem cantá-lo.

Partindo de um primeiro consenso, a construção de um novo mundo seria a construção de um novo modo de produção *latus sensu*: havia, ao menos para os construtivistas, a consciência de que ao se produzir o universo material da sociedade produz-se simultaneamente a própria vida. Deste modo, todo o esforço revolucionário empenhado em todas as escalas do espaço serviria, no limite, para conduzir a sociedade a fruir de um novo modo de vida.

Não havia, contudo, um consenso preciso a respeito dos conteúdos próprios de uma forma de vida socialista e este era, aliás, o maior problema de ordem política que conduzia o debate (e o embate) entre as diferentes frentes socialistas – com reflexo, logicamente, no interior do movimento construtivista. Esta questão era, aliás, da maior relevância para a práxis política, uma vez que a noção de *construção* implica na fixação morfológica de determinada finalidade social de ordem produtiva e/ou reprodutiva, e os modos específicos de uso dos espaços estão atrelados, nesse caso, a concepções ideais da vida socialista – pontos de inesgotáveis conflitos ideológicos. Tais discussões, sobre possíveis diretivas do programa construtivo considerando a manipulação arquitetônica do cotidiano, por sua vez, eram travadas nos círculos privilegiados das academias e das agências do Estado. O tom enérgico das declarações reverberava o contexto de urgência das tomadas de decisões.

³⁸ AZEVEDO, 2005. p.64

Desde o dia seguinte à Revolução de Outubro políticas essenciais são promulgadas para dar início ao programa de socialização dos meios de produção, e se fundam sobre aquilo que os próprios dirigentes do partido bolchevique definiam como “doutrina do socialismo científico” – a qual Marx e Engels haviam estabelecido a base teórica e que Lênin desenvolvia para aplicar às tarefas da edificação de um novo tipo de Estado. Esta “ciência socialista” reivindicada pelos soviéticos, contudo, nunca havia desenhado a geografia do que seria o quadro construído (ou arranjo socioespacial) do socialismo. Para fazê-lo, os construtivistas tomavam como principal referência o texto de Engels *O Anti-Dübring* (1877), texto este que postularia os fundamentos científicos do socialismo – mas que tampouco tornava concretos os termos de sua edificação.

É sobre as análises do fenômeno urbano de Marx e Engels, feitas pelo menos 30 anos antes de 1917, que o front artístico-intelectual do bolchevismo fundava suas próprias análises, e é desta “doutrina” marxista científica que decorreram as primeiras medidas práticas do urbanismo soviético.

Aí se anuncia um problema central: a querela entre ciência e utopia. Muitos vão afirmar (sobretudo no momento pós-Stalin) que o construtivismo russo não passou de uma utopia, empregando-a no sentido vulgar de mero “delírio socioespacial”. Esta conotação para a palavra vem inclusive do vocabulário ideológico soviético deste primeiro momento pós-revolucionário, que enxergava a si mesmo como um tipo superior (pois científico) do socialismo, menosprezando um tanto as utopias socialistas do século XIX (de Fourier, Owen, Tchernicheviski, etc.) por considerá-las irrealistas, e às quais acreditavam haver superado através de um progresso social necessário desenrolado pelo “materialismo histórico”:

Especular sobre a maneira como a sociedade futura arranjará a repartição dos alimentos e das habitações chega diretamente em uma *utopia*. No máximo podemos, a partir do conhecimento que temos das condições fundamentais de todos os modos de produção já existentes até aqui, estabelecer que com a derrocada da produção capitalista certas formas de apropriação da sociedade atual serão impossíveis. As próprias medidas de transição deverão ser adaptadas em todos os lugares às condições que existirão neste momento. Elas serão fundamentalmente diferentes nos países de pequena propriedade e naqueles de grande propriedade fundiária.

Friedrich Engels, *Zur Wohnungsfrage* (A questão da habitação). Leipzig, 1887.³⁹

De algum modo, contudo, a arquitetura soviética dos anos XX de fato invocava certa utopia: descendia de uma genealogia que envolvia todos estes projetos socialistas utópicos, e propunha se realizar enquanto avanço de uma ruptura total com a história, na medida em que objetivava edificar uma sociedade radicalmente diferente daquela existente. Nesse sentido, tanto a utopia está ligada a uma dimensão abstrata do espaço, entendendo este segundo uma concepção ideal e especulativa de suas formas, quanto também é reveladora das contradições de um espaço social concreto, pois parte dos pressupostos da materialidade presente para se projetar como possibilidade. Constitui-se, assim, como um modelo revelador da condição real da economia política de seu contexto original, sendo, contudo, sua pretensa negação. Seria, como

³⁹ Apud CHOAY, 2009. p.191.

defendeu Karl Mannheim em *Ideologia e Utopia*: “uma visão estrutural da totalidade que existe e há-de-vir existir.”⁴⁰

Pensando em uma dialética positiva, o modelo social da utopia construtivista carregava certa funcionalidade pois servia ao propósito de antecipação experimental do futuro (que era, de novo, tarefa intelectual da vanguarda estabelecer). A projeção desse sistema “estranho à realidade, que transcende sua existência atual”⁴¹ deveria romper com a ordem existente para recuperá-la, na sequência, a um nível modificado e mais elevado. Esta era a leitura hegemônica que se fazia da dialética e do materialismo histórico em *A Ideologia Alemã*, no *Manifesto Comunista*, e na *Evolução do Socialismo, da Utopia à Ciência*⁴² entre os bolcheviques, construtivistas inclusos, fundamentando a teoria social soviética como um tipo histórico de marxismo estruturalista. Deste modo, entre forma, função e aparência do fenômeno, o socialismo científico operava a estrutura da utopia como instrumento político e ideológico do momento revolucionário.

⁴⁰ MANNHEIM, *Ideologia und Utopie*. Frankfurt : 1942. Apud TAFURI, 1985. p.42.

⁴¹ Idem

⁴² Obras de Karl Marx e Friedrich Engels, datadas de 1846, 1848 e 1867 respectivamente – o último texto tendo sido escrito por Engels apenas.

CAPÍTULO DOIS

ELETRIFICAÇÃO + SOVIETES =

COMUNISMO

Se a afirmação científica do marxismo soviético seria resultado da realização da utopia socialista (sendo portanto superação de sua própria condição de utopia), seu processo punha um problema de ordem prática: como proceder nessa experiência?

Colocar em questão a expressão espacial do socialismo era a primeira tarefa para sua edificação. O próprio texto fundador do leninismo – “Quê fazer?” (Vladimir Ilitch Lênin, 1901) – trazia interrogações pragmáticas de “organização do espaço” para o primeiro plano da missão política revolucionária. A geografia, no sentido positivo do termo, serviria de terreno à nova economia política. O território, a base material da transformação do modo de vida. A planificação, meio técnico da promessa de futuro, a arma legítima para a dominação da realidade:

O Plano extravasa o campo da cidade, organiza o território: com pretensão de Ciência, programa-se a Economia, distribuindo-se a população e os meios de produção pela vastidão das Repúblicas, de modo que matéria-prima, energia, consumo produtivo, distribuição e consumo circulem na melhor disposição. A racionalização, à escala da Federação, é a contrapartida da racionalização da própria vida: o todo determina as partes e ambos se nutrem da mesma seiva. Os planos de cidades decorrem do planejamento regional e este, do Plano Geral da Economia: as edificações – a velha Arquitetura – segundo os programas específicos, localizam-se urbanas, articuladas pelo plano; no edifício, a célula e nesta, os objetos; utilizam-nos os homens, que conferem sentido à totalidade.⁴³

TERRITÓRIO: BASE MATERIAL DA REVOLUÇÃO

Desde a Revolução de Outubro de 1917, medidas fundamentais concernentes ao estatuto da propriedade privada do solo e dos imóveis são tomadas na União Soviética, e o Estado torna-se o único responsável por tudo aquilo que se relaciona à edificação, do urbanismo ao planejamento do território.

⁴³ AZEVEDO, 2005. p.79

Em 13 de janeiro de 1918, o nascente Estado Soviético lançou a declaração dos *Direitos Fundamentais do Povo Trabalhador e Explorado* no qual, pela primeira vez na história contemporânea, aboliu o direito à propriedade privada:

A propriedade privada da terra está eliminada; todo o território é declarado propriedade de todo o povo e entregue, sem compensações, aos trabalhadores, na base do uso comum do território. Todas as florestas, as riquezas da terra, as águas de importância pública, todo o inventário de propriedade particular e imobiliária (pertencente aos vivos ou mortos), todos estabelecimentos válidos e adequados são, de agora em diante, declarados propriedade nacional.⁴⁴

Esta lei de expropriação generalizada, destinada a criar o terreno para a gestão planificada dos recursos naturais, veio acompanhada por uma série de leis que tornava imediata a apropriação de toda propriedade privada imobiliária pelos Sovietes. A primeira delas permitia o confisco de todos os imóveis vazios para o alojamento de sem-teto e das populações mais pobres, de modo que a melhoria das condições de habitação popular (extremamente precárias na era do Czar) se realizasse como ato inaugural do novo governo. Em seguida, proibiu-se qualquer forma de especulação sobre a terra urbana, hipotecas e acordos para compra e venda de terrenos e edifícios da cidade foram declarados nulos e sem efeito, e assim se avançava em direção à transferência definitiva de todo o parque imobiliário para as mãos dos Sovietes locais. Para tanto, comissões especiais para assuntos de habitação foram empoderadas pelo Partido, pois, seguindo as direções apontadas por Engels, a redistribuição do patrimônio existente daria base sólida para a fundação do socialismo.

Contudo, nos anos que se seguiram (os primeiros da União Soviética), a política de Estado foi marcada pelas medidas de austeridade do Comunismo de Guerra⁴⁵ em um país cujo cenário já era (desde antes da guerra) bastante precário, com instituições políticas e estruturas produtivas frágeis e muito distantes de cumprir até mesmo as exigências mínimas do capitalismo – modo de produção dominante e paradigmático para a ordenação de qualquer economia nacional. Ou seja: em um país onde não havia base material nem técnica para garantir a reprodução básica da moderna vida em sociedade, só a modernização da economia poderia criar condições para a realização do projeto socialista revolucionário – afinal: era necessário estabelecer uma infraestrutura produtiva eficiente o suficiente para ser possível, então, socializar os meios de produção.

Desenhando melhor o cenário trágico deste momento, entre o início da primeira guerra mundial e o final da guerra civil, a Rússia teve vinte milhões de mortos. A produção do conjunto da indústria pesada correspondia em 1921 a um sétimo daquela de 1913. A produção têxtil equivalia ao quadro do meio do século XIX, a de ferro ao mesmo quadro do século XVIII. A produção agrícola havia caído pela metade, os transportes mal funcionavam. A

⁴⁴ TAFURI, 1987. P. 150.

⁴⁵ Depois da revolução de Outubro de 1917, que determinou “todo o poder aos Sovietes”, a Rússia passou por um curto período de disputas com outras forças pelo poder: milícias czaristas, frentes liberais e mesmo exércitos insurgentes (anarquistas) realizaram diversos levantes, todos sufocados pelo Exército Vermelho que saiu triunfante também em 1921, pondo fim à Guerra Civil.

indústria da construção (se é que é possível falar em “indústria” nesse caso) beirava a um “artesanato mais ou menos desenvolvido”⁴⁶, uma vez que as empresas de engenharia civil que atuavam na Rússia à época eram em sua maioria estrangeiras, e foram violentamente destruídas pelos eventos daquele momento histórico⁴⁷.

Seria inútil, aos propósitos deste estudo, apontar aqui todas as crises que surgiram ao longo dos anos da política de Comunismo de Guerra. Mas entre as medidas tomadas durante esses primeiros anos do regime, sob a pressão das urgências, pode-se citar: a repartição dos imóveis nobres e burgueses entre diversas famílias (com utilização coletiva das instalações sanitárias e da cozinha); a repartição da gestão, entre empresas do estado e órgãos locais, da produção de gêneros alimentares e dos raros produtos manufaturados; o pagamento de salários, na falta de créditos, sendo realizado em espécie; e a promulgação do trabalho obrigatório. Essas medidas foram aceleradas pela queda brutal do poder de compra do dinheiro, o que levou, em consequência, a fazer com que certas despesas populares se tornassem gratuitas: alugueis, transportes, jornais, etc. No que diz respeito à situação imobiliária, o resultado foram dificuldades práticas na execução das leis promulgadas, como a impossibilidade de dar sequência adequada à redistribuição dos imóveis existentes, e uma enorme defasagem entre as necessidades imediatas e a capacidade produtiva do setor de construção.

De qualquer modo, o legado mais importante desta primeira fase do planejamento soviético é o desenvolvimento de seus próprios instrumentos de planejamento, e não a elaboração de programas concretos. Ou, para dizer de outra maneira, o Estado estava se armando com os equipamentos públicos e técnicos formalmente exigidos para colocar seu Plano em ação – não importava (ainda) qual fosse o plano. O que estava sendo arquitetado nesse momento, entre 1917 e 1921, era a engenharia da própria máquina do Estado, cujo funcionamento futuro, este sim, seria produtor de projetos concretos.

É importante reconhecer que os dispositivos de socialização fundiária decorrentes dessa fase abriram áreas inteiramente novas para a tarefa do planejamento, ao mesmo tempo em que encerrava qualquer pretensão de autonomia do “urbanismo” como “sistema isolado”, tal como era sua formulação nos países de capitalismo avançado⁴⁸. Isso se deve ao fato de que, o problema básico que o urbanismo precisava resolver nesses países (sobretudo na Inglaterra, Alemanha e nos Estados Unidos⁴⁹) – ou seja, o equilíbrio entre mercado de terras e indústria da construção –

⁴⁶ KOPP, 1967. P. 53.

⁴⁷ Sobre a gênese da utopia construtivista em meio ao cenário devastado do princípio da União Soviética, há um comentário de E. Subirats (1991, p.45) pertinente: *“As utopias estéticas da modernidade contemplam a ordem racional e a salvação espiritual da cultura em estreita e explícita vizinhança com visões do caos e da destruição. Ambos os mundos, o de uma ordem racional fundada na razão técnico-científica, e o da destruição e da angústia, chegam a relacionar-se intimamente. [...] Nestas obras, assim como na realidade política e social das sociedades sociais desenvolvidas, o conflito entre o logos do progresso e a experiência da angústia nunca encontrou conciliação.”*

⁴⁸ Sobre a formulação disciplinar do urbanismo no contexto das emergências do capitalismo avançado, ocorreu no ano de 1910 em Londres, no Royal Institute of British Architecture, the *Town Planning Conference and Exhibition*, primeiro encontro internacional de “planejadores” para o estabelecimento de normativas gerais para o planejamento urbano segundo os interesses de diferentes modelos de desenvolvimento econômico capitalista.

⁴⁹ A comparação aqui é feita em relação a três movimentos específicos do Urbanismo que se consolidavam como

é suprimido pela legislação soviética, que elimina, na prática, o próprio motivo pelo qual tais teses urbanísticas eram formuladas: a propriedade privada.

A particularidade do planejamento soviético se fundava, portanto, não só na abolição da propriedade privada, mas na articulação do território em todas as suas escalas: arquitetônica, urbana, regional, federal. Em um Estado que havia rompido com a economia de mercado, o planejamento, enquanto disciplina, jamais teria autonomia, ao contrário, tornava-se instrumento subordinado à economia política – talvez fosse até seu advento principal. Pensando na construção dos paradigmas da política segundo um modelo positivo binário, a economia planificada comunista se edificaria como o contrário da economia de mercado.

Assim, com o fim da guerra civil e a consolidação do Partido Bolchevique no poder em 1921, um decreto fundamental para o futuro do planejamento soviético é promulgado: trata-se de um texto que, de um lado, torna obrigatório o estabelecimento de planos diretores de cidades, e do outro, atrela esta atividade ao Gosplan (Comissão Estatal de Planificação Econômica), quer dizer, ao organismo encarregado da planificação geral à escala do Estado. Tal decreto, porém, não se deu de modo isolado: estava inserido em um projeto político muito mais amplo, cuja elaboração fora motivo de enormes conflitos dentro do Partido, e marca um dos momentos mais nucleares para a formação da União Soviética.

O fim do regime de comunismo de guerra exigia, enfim, um plano de reerguimento da economia. Tal plano foi idealizado por Lenin, e aprovado no X Congresso do Partido (em março de 1921): era a NEP, *Novaya Ekonomiceskaya Politika* (Nova Política Econômica), que consistia basicamente na assimilação de ferramentas da economia política capitalista para a aceleração da recuperação da capacidade produtiva do Estado. A NEP marcava a liberalização do mercado de capitais privados em certos setores da produção: era permitido o investimento de capital estrangeiro na produção de bens de consumo de primeira necessidade, sobretudo na agricultura e na manufatura, também autorizava a atuação empresas privadas (pequenas e médias) no comércio. Às cooperativas nacionais era possível acumular recursos financeiros para ampliar sua própria capacidade produtiva, e os salários poderiam variar calculados com base na economia de mercado. No campo, o processo de coletivização das propriedades era mantido. Nas fábricas, era possível fazer concessões à esfera privada. Ao Estado, por fim, cabia a administração de todo o sistema financeiro, a regulação dos bancos, além de ser o detentor da maior parte do comércio, gestor geral dos transportes e da comunicação. Lenin defendeu a NEP como um recuo tático no “avanço socialista da história”: “um passo para trás, dois para frente”.

Porém, para dar força ao desenvolvimento econômico sobre este território imenso e completamente devastado, era necessário atrelar as atividades produtivas às suas fontes de energia. Deste modo, a planificação econômica e a projeção territorial da União Soviética são fundadas junto ao plano de eletrificação do país: tal plano previa a construção de dezenas de

paradigma à época, cujas formulações tiveram forte influência no encontro de Londres: o *City-Beautiful Movement* americano; a escola econômica Alemã e o movimento das *Garden-Cities* inglesas.

centrais elétricas com uma altíssima potência global de energia, junto com a reativação da produção pela reestruturação de antigas fábricas e criação de novos complexos industriais essencialmente no domínio da indústria de base. Mas, mais do que apontar intervenções localizadas, o plano basicamente subordinava todo o planejamento do território soviético à instalação do sistema de produção e distribuição de energia elétrica. Lenin chegou a declarar à época: o Comunismo é (assim mesmo, como em uma equação matemática) igual ao poder dos Sovietes + Eletrificação⁵⁰.

Sendo a União Soviética um país novo, com aglomerações de baixa densidade populacional na maior parte de seu território, parecia possível, no quadro de uma economia de Estado planejada, projetar um sistema de energia (e de toda a economia) mais racional. Este quadro justifica o aparecimento, dentre os projetos construtivistas da segunda fase⁵¹, de um projeto de rede elétrica ortogonal⁵² que, ao recobrir a totalidade do território, tornaria a produção de energia mais econômica e sua difusão mais eficiente, tendo efeito sobre toda ordenação produtiva das atividades industriais e agrícolas (estas duas, por sua vez, seriam fundidas em uma única unidade produtiva⁵³), e conseqüentemente, sobre os modelos de ocupação do território. Do ponto de vista científico reivindicado pelo planejamento soviético, a composição desta territorialidade seria absolutamente eficiente para os fins políticos do socialismo ou, como havia ilustrado Engels, previa a formação da União Soviética à imagem de uma “engrenagem harmoniosa”:

Apenas uma sociedade que engrena harmoniosamente suas forças produtivas umas às outras segundo linhas grandiosas de um plano único pode permitir à indústria de se instalar sobre o país com certa dispersão que seja mais conveniente para o seu próprio desenvolvimento e à manutenção e desenvolvimento dos outros elementos da produção. A supressão da oposição cidade e campo não seria então apenas possível, como torna-se uma necessidade da própria produção industrial, assim como se torna igualmente necessária para a produção agrícola, acima do mercado, para a higiene pública.

Friedrich Engels, *O Anti-Düring*, 1877

AGLOMERACOES SOCIALISTAS (URBANISTAS E DESURBANISTAS)

No geral, a ideia proposta pelos planejadores oficiais do Estado era: “a rede suplantar a centralidade” e, com isso, redefiniria também todo o espaço (territorial e cotidiano) daquela sociedade. A esse novo tipo de arranjo territorial (ou, no vocabulário construtivista, “nova

⁵⁰ Apud KOPP, 1975. P.286.

⁵¹ A definição do construtivismo entre primeira e segunda fase será desdobrada nos capítulos a seguir.

⁵² Projeto de Mikhail Okhitovitch, explanado no texto *Notas sobre a teoria do povoamento*, publicado na revista *Arquitetura Contemporânea (C.A.)*, nº 1-2, 1930. Apud KOPP, 1975. p.298

⁵³ A superação da separação cidade e campo já era anunciada pelas utopias socialistas do século XIX, mas também em *O Anti-Dühring*, e era um dos postulados mais recorrentes para o planejamento soviético – ainda que, posto à prova da realidade, não tenha se realizado de verdade.

repartição territorial socialista da humanidade”⁵⁴), que pelo advento da eletrificação suplantaria a divisão cidade/campo, os construtivistas deram o nome de “aglomerações socialistas” (*sotsialisticheskoe passelenié*):

Nas aglomerações socialistas, na nova repartição territorial da humanidade, a chaleira elétrica do VKhUTEMAS inscreve-se como um constituinte lógico do novo ambiente; o construtivismo, a partir de uma análise da linguagem, atingiu às diferentes etapas que, pelo objeto, o vestuário, a montagem cinematográfica, o edifício e o complexo arquitetônico, o conduziram até a etapa globalizante de um planejamento socialista do território.⁵⁵

Para os planificadores dos anos 20, tais aglomerações socialistas estavam inscritas na marcha da história: seria resultado inevitável do emprego no espaço das técnicas máximas de racionalização da produção. Ora, se a eletricidade em si já é um signo de modernidade, a concepção de toda arquitetônica soviética baseada em todas as escalas na eletrificação generalizada só poderia culminar em projetos de cidades-máquinas, considerando inclusive a automação e toda forma de tecnologia como promessas de libertação do trabalhador:

Desde Descartes, a máquina foi concebida na história da cultura ocidental como a máxima expressão e o mais decisivo meio do poder humano sobre a natureza e, conseqüentemente, como instrumento emancipador. O caráter cultural libertador da máquina provém, na sociedade moderna, tanto de seu potencial técnico como meio de ampliar o domínio humano, quanto da racionalidade que lhe é intrínseca.⁵⁶

É preciso, contudo, recuperar aqui um ponto importante: a cidade projetada como máquina não significa a simples projeção de um ambiente urbano industrializado. O é, mas sem reduzir-se a isso. O paradigma urbano pro socialismo entendia, seguindo Engels, que a cidade grande, densa, que concentra recursos (econômicos, mas também políticos e culturais), é uma das conseqüências do modo de produção capitalista e que um sistema socialista encontra sua expressão espacial em uma outra forma de ocupação. Seguindo esta linha de pensamento, a “aglomeração socialista” como unidade produtiva deve incorporar todos os momentos da produção. Sua extensão engloba, portanto, o campo como componente necessário.

O socialismo científico soviético reivindicava a superação da separação cidade-campo como uma lei geral de sua ciência positiva. Acreditava-se que com a devida racionalização da produção *latus-sensu* pelo emprego das técnicas de planejamento, resultaria como efeito mecânico do materialismo histórico. Em *A Revolução Urbana* (1970), Henri Lefebvre comenta os pressupostos da planificação estatal do materialismo histórico proposto por essa tendência política marxista-leninista:

Parece que o socialismo nascente e incerto não evitou nem o mito, nem a ideologia, nem a utopia. O pensamento socialista, com uma bela confiança e sempre se apoiando em afirmações dogmáticas, pretendeu transcender a separação “cidade-campo” concomitante com a divisão do trabalho em trabalho intelectual e manual, assim como

⁵⁴ « Sotsialisticheskoe Rasselenie » Apud KOPP, 1975. p.191.

⁵⁵ KOPP, 1975. p.275

⁵⁶ SUBIRATS, 1991. p.23.

acreditou poder transcender o mercado, o dinheiro, a lei do valor, a rentabilidade, etc. [...] Quando procura prever ou imaginar o futuro (ao que Marx se recusava, pois concebia a *via* e não o *modelo*), ele [o socialismo] se põe diante da problemática urbana armado de conceitos e de ideologias infantis.

Que os ideólogos soviéticos encaravam a noção de *superação* do materialismo dialético de Marx de modo deveras estruturalista era mesmo muito flagrante nas formulações construtivistas. Em carta à Le Corbusier⁵⁷, Moisei Guinzburg⁵⁸ fala a respeito da dispersão racional das atividades produtivas sobre o território e a necessária integração entre indústria e agricultura, invocando para seus argumentos citações dos grandes pensadores do socialismo. Diz ele:

É com prazer que constato que você aprovou a necessidade de referir-se à autoridade de Lênin. Você diz que ele pensava poder salvar os camponeses ao introduzir a indústria nas vilas do campo, mas que não pensava de maneira alguma em salvar a cidade.

Mas aí você se engana, Senhor Le Corbusier. E Lênin, e Engels, e Marx refletiram profundamente sobre as soluções em ambos os lados. Ou mais precisamente, eram para eles como dois aspectos do mesmo problema.

Permita-me citar palavra por palavra o que disseram eles sobre o assunto:

“Uma nova implantação da humanidade com a eliminação do isolamento rural, de sua ruptura com o mundo e a superlotação contranatural das enormes multidões nas cidades” – Lênin.

“A separação entre cidade e campo condenou as populações rurais a milênios de atraso e as populações urbanas à escravidão do trabalho assalariado. Ela destruiu a possibilidade de todo desenvolvimento cultural para os primeiros, de toda possibilidade de desenvolvimento físico para os segundos” – Engels.

“A contradição entre cidade e campo é a expressão mais grosseira da submissão da personalidade à divisão do trabalho que transforma o indivíduo e o limita ao estado de animal urbano em um caso, de animal rural no outro.” – Marx.

(...) Nós sabemos que ainda não existe solução para esse problema difícil. Mas nós não podemos deixar de nos colocá-lo, e de tentar resolvê-lo. É este o nosso dever, o dever dos arquitetos que querem se tornar os arquitetos do socialismo.⁵⁹

Se na teoria a superação da separação cidade-campo era consenso, seu desdobramento pragmático foi objeto das maiores querelas entre planejadores. O vetor *industrialização* → *urbanização* como movimento lógico da ocupação do território precisava ser suplantado pela racionalização do plano, de modo a amalgamar as forças produtivas do rural, do industrial e do urbano. Os procedimentos concretos para este fim, porém, se pensados em choque com a realidade do contexto, eram, como havia anunciado Guinzburg à Corbusier, “difíceis de desenhar”.

⁵⁷ A correspondência entre os dois arquitetos foi integralmente publicada na revista C.A., 1930, nº1-2. Apud KOPP, 1967. P. 305-309

⁵⁸ Moisei Guinzburg (1892-1946) foi uma das principais figuras da cena construtivista russa no que diz respeito à arquitetura e ao urbanismo. Foi professor na faculdade de arquitetura do VKhUTEMAS (Ateliês Superiores de Arte e Técnica) e do Instituto de Engenharia Civil de Moscou. Fundou o grupo O.S.A. (Organização dos Arquitetos Contemporâneos) junto aos membros da LEF (Frente de Esquerda da Arte). Seu livro *Estilo e Época*, lançado em 1924, pode ser considerado o manifesto da arquitetura construtivista. Foi ele o arquiteto responsável pelo projeto de um dos raros “condensadores sociais” concretizados: o conjunto habitacional *Narkomfin*. Representou a delegação soviética nos encontros da CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) de 1928 a 1932.

⁵⁹ Apud KOPP, 1967. P.308

E “como esse problema foi examinado, resolvido, ou não, na URSS após a Revolução de Outubro?”.⁶⁰ Duas frentes diferentes foram abertas para investigar por uma resposta. Em meio às disputas metodológicas para a construção do socialismo, arquitetos e urbanistas construtivistas dividiram-se em duas tendências, não exatamente antagônicas: “urbanistas” e “desurbanistas”.

Os “urbanistas” construtivistas não tinham nada a ver com os profissionais do Urbanismo, tal como este domínio se constituía nos países de capitalismo desenvolvido (como já exposto anteriormente). Isso porque a tendência “urbanista” construtivista não planejava “cidades”, mas “aglomerações socialistas”, concebidas à imagem do novo modo de vida que o socialismo deveria consolidar. Para L. Sabsovitch, principal teórico desta corrente, em um tempo que ele previa “em cerca de três planos quinquenais” (se a eficiência desses planos forem suficientemente dinâmicas), o conjunto do território da URSS seria completamente transformado, “nós teremos apagado da superfície da terra todas as cidades e vilas existentes”⁶¹ e em seu lugar se constituiriam as novas “aglomerações socialistas”, resultantes da fusão entre atividades industriais e agrícolas.

Pode-se considerar os “urbanistas” como os partidários de cidades de tamanho médio, de 40 a 60 mil habitantes. Sabsovitch considerava que “no lugar de uma grande cidade [era preferível criar] várias de tamanho menor”⁶². Previa ele:

A descentralização progressiva das cidades existentes pode ser organizada pela criação em torno delas (seguindo um plano predeterminado a uma distância de 30 a 50 verstes⁶³) de novas aglomerações de tipo socialista nas quais devem ser edificadas todas as novas empresas industriais ligadas, de uma maneira ou outra, à etapa atual das cidades já existentes. Essas aglomerações socialistas, ao mesmo tempo, deverão constituir os centros de importantes empresas agrícolas criadas por meio da coletivização

L. Sabsovitch, *as Cidades socialistas*. Moscou, 1930⁶⁴

No lugar de planos que prevêem a extensão infinita das cidades existentes, no lugar dos planos da “Grande Moscou”, do “Grande Nijni-Novgorod”, etc., nós devemos desenhar os planos de uma descentralização progressiva e de uma reconstrução socialista das cidades existentes.

L. Sabsovitch. *Porque nós devemos e podemos construir cidades socialistas*
Em: A Revolução e a Cultura. Moscou, 1930

A aglomeração socialista projetada por Sabsovitch é uma forma de ocupação e de organização do espaço concebida em função do projeto socialista de organização social. As diversas funções que devem compor a aglomeração socialista são decompostas no espaço seguindo um zoneamento rigoroso: área de habitação, zonas industriais, zonas agrícolas conectadas a estas na medida em que a tendência vai em direção à supressão da separação entre esses dois tipos de atividade, clubes, vilas infantis de idade pré-escolar, vilas escolares,

⁶⁰ LEFEBVRE, 2008. P.102

⁶¹ Apud KOPP, 1975. P.282

⁶² Idem

⁶³ Nota de tradução: eu não soube traduzir esta unidade de medida, que aparece escrita desta exata maneira no texto em francês. Não consegui descobrir se é uma unidade de medida russa, ou se é um erro ortográfico. De qualquer modo, sua precisão não muda o sentido da sentença.

⁶⁴ Apud KOPP, 1975. P.283

estabelecimentos de ensino superior em estreita ligação às empresas. Essas aglomerações são disseminadas sobre o conjunto do território de modo a evitar o crescimento urbano e também para realizar concretamente a superação das contradições entre cidade e campo, que passa necessariamente pela descentralização da economia.

Tal como a grande maioria das teorias construtivistas sobre produção do espaço, as aglomerações socialistas vislumbradas por Sabsovitch jamais foram postas à prova do empírico. O modelo construtivo “urbanístico”, porém, foi muito desenhado arquitetônica e urbanisticamente, e diversos projetos dessa linha foram submetidos a concursos públicos⁶⁵. Mas seus fundamentos a respeito das premissas socialistas do planejamento permanecerão ligadas à noção de urbano, mesmo se afirmavam seguir em direção à abolição das contradições entre cidade e campo. Isso porque em seus projetos a corrente “urbanista” tenta antes resolver tal contradição via uma urbanização da vida rural e das atividades agrícolas do que pela invenção de uma forma de ocupação do solo que em nada remetesse aos antigos modelos rurais ou urbanos.

Se os “urbanistas” não conseguiram romper totalmente com os modelos urbanísticos pré-existentes, os “desurbanistas” o tentarão ao colocar o problema da implantação das indústrias e do habitat em termos totalmente novos, não apenas ao nível das intenções, mas ao nível da utilização da totalidade do território (o plano ortogonal das redes de energia fora um plano da corrente desurbanista), recusando-se a qualquer apropriação dos tipos de obras estudadas até então. Para esquadrihar o que a frente desurbanista pregava, segue um breve inventário das direções tal tendência tomava: uma direção crítica que passava pelo reexame dos estudos e pesquisas de tudo aquilo que vinha sendo produzido na União Soviética desde os primeiros anos pós revolucionários, em matéria de arquitetura e também de “modo de vida”; uma direção econômica mais radical que aquela dos “urbanistas”, perseguindo sempre a ideia de suprimir as contradições entre cidade e campo, fazendo dessa supressão a condição absoluta de qualquer esquema de planejamento, e recusando nesse domínio qualquer compromisso com a espera; uma direção arquitetônica e urbanística que lhes permitirá inventar novas formas de planejamento e toda uma tipologia arquitetônica adaptada aos seus objetivos globais; e finalmente, uma direção política implícita. O planejamento disperso proposto pelos desurbanistas, a “nova repartição territorial socialista da humanidade”, era incompatível com o sistema econômico e político centralizado que, ao final dos anos vinte, já estava praticamente consolidado.⁶⁶

Em meio ao intenso debate teórico que tensionava a vanguarda a essa altura da história soviética, os “desurbanistas” tentarão demonstrar⁶⁷ que suas proposições não eram meros esquemas abstratos, que só poderiam ser realizados ao todo do conjunto (implantar esse quadro geral de um momento para o outro seria impossível), mas que a “repartição territorial socialista

⁶⁵ É o caso do projeto dos irmãos Alexandre e Leonid Vesnin para Stalingrado, e de G. Kroutkov, V. Lavrov e V. Ponov para Autostroi.

⁶⁶ KOPP, 1975. P.291

⁶⁷ Em: C.A., 1930 n°6. Apud KOPP, 1975. P.302

da população” poderia ser alcançada gradualmente, por etapas, acompanhando ao Gosplan⁶⁸. Esse esquema progressivo permitiria o desenvolvimento dos meios técnicos necessários para a articulação da nova territorialidade em rede: a criação de estradas, o desenvolvimento meios de transporte e comunicação, a desconcentração dos serviços dos equipamentos públicos em uma rede ampla e articulada.

Essa nova repartição territorial, por sua vez, deveria libertar a arquitetura das formas rígidas das cidades e imaginar, no lugar de edifícios de concreto ou tijolos – construídos “para a eternidade”, estruturas dinâmicas, que através de materiais mais leves e de soluções industriais estandarizadas conferissem a plasticidade necessária ao espaço social de uma sociedade revolucionária “em constante evolução”.

No momento em que os modelos de “aglomerações socialistas” – urbanas ou desurbanizadas – estão em pleno debate (esta discussão mais intensa se dava no final dos anos 1920, início dos 30), ainda que a forma *cidade* seja execrada pelos construtivistas enquanto sistema de sociedade, é ela que aparece, para os encarregados dos aspectos operacionais dos planos quinquenais⁶⁹, como a fórmula mais eficiente de se por o plano em curso. O que estava posto no horizonte do Partido Bolchevique, no limite, não era nenhuma projeção para realização futura da utopia socialista, mas sim a necessidade real e imediata de se modernizar a base produtiva do país.

Ou seja, na contramão de todos os projetos e desejos construtivistas, o primeiro plano quinquenal previa a construção imediata de 17 novas cidades, com população variante entre 50 e 200 mil habitantes, em regiões de alto potencial produtivo: na bacia carbonífera do Donetz, na região do rio Volga, em localizações estratégicas da Rússia européia e na cadeia de montanhas dos Urais. Assim, a industrialização impera como vetor supremo de toda a ocupação do território do novo Estado da União Soviética, e a forma urbana se reitera como sua principal formação socioespacial, como comenta Lefebvre:

Como superar a oposição “cidade–campo”? Pelo desaparecimento de grandes cidades, pela disseminação das empresas nos campos. O movimento dos urbanistas antiurbanos começou pouco tempo depois da Revolução de Outubro, segundo Kopp. Se ele engendrou tentativas arquiteturalmente notáveis, malogrou como projeto urbanístico. O crescimento das cidades soviéticas em tamanho, em importância na produção, em peso político, não cessou. Dito de outro modo, em que pese os esforços de pessoas extremamente utopistas, no exato momento em que elas se consideravam demasiado realistas e racionais, a revolução urbana continua nos países ditos socialistas sem que, por isso, neles exista um pensamento urbanístico diferente daquele que grassa nos países capitalistas. [...] O crescimento das cidades, hoje na China, como ontem na URSS,

⁶⁸ Plano de Estado.

⁶⁹ Mas o que era, afinal, o plano quinquenal? Tratava-se do modelo de plano econômico que sucedeu à NEP a partir de 1928. Era um instrumento de planificação econômica que determinava as metas de produção da indústria e da agricultura em períodos de cinco anos, visando tornar a URSS totalmente autossuficiente no que diz respeito à produção. O primeiro plano, estabelecido em 1928, estatizou absolutamente todos os setores da economia, estabelecendo prioridades de desenvolvimento, como a aceleração da produtividade na agricultura através do assalariamento de camponeses em propriedades do Estado, e o fomento à industrialização de base, à siderurgia e à eletrificação.

continuou acompanhando o crescimento econômico, talvez ocorreu ainda mais rápido: como noutros lugares, as causas demográficas, as razões sociológicas, as vantagens econômicas e políticas da cidade são as mesmas. [...] O espaço urbano se define do mesmo modo num país socialista como noutro país. A problemática urbana, o urbanismo como ideologia e instituição, a urbanização como tendência mundial, são fatos mundiais. A revolução urbana é um fenômeno planetário.”⁷⁰

⁷⁰ LEFEBVRE, 2008. P.105

CAPÍTULO TRES

ABSTRAÇÃO MODERNA: ARTE E TÉCNICA

As vanguardas realizaram a monumental síntese dos valores econômicos, tecnológicos e epistemológicos do maquinismo moderno com valores culturais de signo utópico. Nesta tarefa, os pioneiros do Movimento Moderno comprometeram a autonomia da arte e da arquitetura, assim como seus conteúdos semânticos e simbólicos, transformando-as em um meio real para conferir à nova tecnologia uma dimensão universal e absoluta.⁷¹

Como bem argumentou Anatole Kopp na síntese de sua obra, o Moderno professado pelas vanguardas modernistas não era um estilo, mas uma causa. Ou seja, não era a uma finalidade meramente formal que perseguiram os artistas e arquitetos de vanguarda: não se tratava de uma pesquisa em direção a uma estética original ou inédita. As formas plásticas tornadas possíveis pela utilização de técnicas e materiais nascidos da revolução industrial eram, antes de mais nada, tidas por eles como instrumentos para a *reconstrução do modo de vida*, missão à qual eles haviam sido convocados⁷² ao fronte, como militantes aptos, ou “operários especializados”⁷³.

De qualquer modo, não é possível entender o conteúdo verdadeiramente revolucionário do construtivismo russo se relevarmos seu aspecto artístico (plástico, poético, estético). Não se pode, evidentemente, desarticular a história da forma de suas formações históricas: a história da arte se move por forças sociais objetivas, e tal qual qualquer outra produção material, a produção artística se realiza no e pelo mundo da economia política (e – exatamente por isso – sua autonomização como disciplina é tão contestável). É importante, contudo, dar a devida atenção ao caráter revolucionário da forma na arte construtivista.

Na tradição da História da Arte ocidental, o construtivismo tem sido retratado como um movimento modernista russo desgarrado da particularidade política soviética. Na obra *Constructivism: Origin and Evolution*, de George Rickey (Nova York, 1967), aparece a seguinte definição:

⁷¹ SUBIRATS, 1991. P. 29.

⁷² Talvez fosse mais sensato admitir que se obstinavam à vanguarda – haveria missão mais redentora para um artista do que o poder de conduzir as massas?

⁷³ KOPP, 1988. P.10.

Obra de um grupo de russos entre 1913 e 1922, que inclui Tatlin, Malevich, Rodchenko, El Lissitzki, Naum Gabo, Antonie Pevsner e, brevemente, Wassily Kandinsky. Sua obra é, em geral, geométrica e não mimética. Se refere também à arte holandesa⁷⁴, que se assemelha à russa mas não deriva dela, e à resultante Pintura e Escultura na Europa e na América emanadas de tais grupos.

É certo que a redução formal do construtivismo à abstração geométrica culmina em uma universalidade vazia de sentido. E que, ao aparecer como discurso institucional de academias, museus e galerias, assim se dá de modo a neutralizar o potencial revolucionário que carrega (se ainda lhe couber algum). Mas é fato que o construtivismo fora engendrado em meio a um espírito eufórico e supostamente emancipatório que acometeu a Europa, e logo a América, “integrado à colonização tecnológica da vida e à racionalização coercitiva da sociedade e da cultura”⁷⁵.

Desde os primeiros anos do regime soviético aparece o termo *arte de esquerda* (*levoie iskusstvo*) que se aplica a todas as formas de arte em ruptura com a tradição, quer se tratasse de pintura ou escultura abstratas, de peças teatrais e cenografias não realistas, da poesia e da produção literária baseadas nas últimas descobertas da lingüística, ou das novas possibilidades de exploração da realidade à luz da fotografia e do cinema. Todos estes domínios estavam contemplados naquilo que se designava então como *arte de esquerda*: as diferentes linguagens compartilhavam de um mesmo vocabulário, mais técnico, mais geométrico, mais matemático. A racionalização geral das formas de arte era vista então como instrumento fundamental para o estabelecimento da igualdade entre indivíduos na sociedade socialista, pois universalizaria a substância de toda experiência subjetiva.

DO SUPREMATISMO À TORRE DE TATLIN: MANIFESTAÇÕES IDEAIS DA FORMA

No plano da linguagem pictórica, a universalidade da forma racional apareceu no meio artístico russo antes mesmo da Revolução de Outubro: o «Suprematismo»⁷⁶, corrente que engendrou o construtivismo, teve suas primeiras manifestações em 1913. O termo «Suprematismo», criado por Kasimir Malevitch, designa a supremacia dos elementos “puros” em relação às representações figurativas, lançando assim as bases de uma nova escola estética identificada pelas composições de cor e formas geométricas em um arranjo espacial absoluto⁷⁷. A supremacia do signo puro reivindicada pelo suprematismo se posicionava então contra toda

⁷⁴ Referência ao grupo De Stijl (“O Estilo”), fundado na Holanda em 1917, cujos artistas mais eminentes foram Theo van Doesburg e Piet Mondrian.

⁷⁵ SUBIRATS, 1991. p.2

⁷⁶ Breve inventário de nomes ligados ao Suprematismo: Kasimir Malevitch, Nadesha Udalzova, Nikolai Suetine, Ivan Klioune, Jean Pougny, Pavel Mansurov, Liubov Popova, Alexandra Exter, Olga Rozanova, Alexandre Rodchenko e El Lissitzki (os dois últimos vão figurar também no hall dos construtivistas).

⁷⁷ À espacialidade das composições suprematistas pode-se identificar uma concepção espacial kantiana.

arte representativa do “mundo visível das aparências” já que esta, ao imprimir uma realidade mimetizada na tela, o faz através de uma ótica moral e ética subjetiva e viciada nos paradigmas da sociedade vigente (os paradigmas em voga para arte moderna eram, evidentemente, os da sociedade burguesa). Há, portanto, no horizonte do suprematismo, a intenção de superar a tradição da representação para avançar em direção a uma estética universal, a da forma ideal da razão, defendida justamente por seu estatuto ontológico:

As formas do suprematismo têm a mesma vida que as formas da natureza. Aí está um novo realismo plástico, pois a realidade das montanhas, do céu e da água está ausente. Toda forma real é um mundo, e toda superfície pictórica pura é mais viva do que um rosto desenhado ou pintado vestindo dois olhos e um sorriso.⁷⁸

A partir do paradigma da universalidade da forma suprematista e do jogo de infinitas possibilidades de composições que ela suscita, os termos da espacialidade do objeto de arte são colocados em questão. As imagens produzidas pelo Suprematismo rompem então com o discernimento clássico entre o que é pintura e o que é escultura, e inauguram um novo campo para as criações plásticas – lugar este que permite a fusão da arte com a engenharia, da abstração ideal com a técnica, do projeto social com seu “*design*”. A evolução da série de PROUN’s⁷⁹ de El Lissitski ilustra bem essa ascensão do domínio de competências da produção artística: Lissitski anunciou, em sua exposição de 1919, que pretendia criar um universo novo a partir de um “mundo de objetos” correspondentes à nova ordem. De fato, dos primeiros aos últimos PROUN’s produzidos (entre 1919 e 1923), a composição imagética se emancipa da tela de pintura e torna-se efetivamente arquitetura.

A trajetória da obra de Vladimir Tatlin, por sua vez, parece traçar linearmente a evolução do Suprematismo ao Construtivismo, e serve aqui, de modo deveras reduzido e simplificado, como uma ilustração digna deste processo. Tal como Malevitch ou Lissitzki, a iniciação de Tatlin nas artes se deu pela pintura. Em 1914, após um encontro notoriamente conflituoso com Pablo Picasso em Paris, Tatlin passa a dedicar-se à produção de seus *contra-relevos*: a partir de então seus “quadros” saltam para o espaço tridimensional e abortam qualquer possibilidade de representação que não a da “verdade objetiva do material”. A linguagem da composição plástica deve ser a da expressão real das qualidades naturais do material: deve denotar imediatamente a realidade de sua cor, estrutura, peso, solidez, elasticidade, etc.:

Minha maquinaria é edificada sobre o princípio da utilização de formas vivas e orgânicas. A observação destas formas me conduziram à conclusão que as formas mais estéticas são aquelas mais econômicas. Nisso, a arte é o trabalho com as formas do material.

Vladimir Tatlin⁸⁰

⁷⁸ REFERENCIA

⁷⁹ PROUN (abreviação do russo *Pro unovis*: por uma renovação da forma), série de produções de El Lissitzki entre 1919 e 1923, que se realizou como estudo progressivo de composições formais no espaço. Os resultados alcançados ao longo deste processo dão base para as formulações teóricas de Lissitzki a respeito da modelação “do espaço” segundo preceitos de eficiência e economia.

⁸⁰ Apud RUHBERG, SCHNECKENBURGER, FRICKE, HONNEF., 2010. P.164

Um pouco mais tarde, a resolução estética da “verdade objetiva” na obra de Tatlin faz outro salto qualitativo, em direção à superação de sua própria condição de obra de arte. A beleza da verdade objetiva deve corresponder, em tempos revolucionários, à dinâmica das transformações sociais, à plasticidade da realidade vivida.

O Monumento à III Internacional fora encomendado à Tatlin em 1919 pelo Instituto de Cultura Artística (INKhUK), órgão subordinado ao Comissariado para a Instrução do Povo do Partido Bolchevique (NARKOMPROS). Em 1921, o projeto é apresentado na forma de maquete: trata-se de uma estrutura dinâmica em aço, a ser construída com uma dimensão imensa (ainda maior que a torre Eiffel francesa), e cuja finalidade não se limitava ao signo de monumentalidade (como até hoje se pensa), e sim servir de sede institucional à Internacional. Em forma de uma enorme espiral, a torre envolveria três volumes em rotação sobre o mesmo eixo: um cubo, uma pirâmide e um cilindro. Cada um destes seria o local de uma instância diferente da Internacional (o parlamento, o executivo e a central de informação e propaganda), e giraria de acordo com um ritmo próprio sintonizado com os demais: o cubo completaria seu giro em um ano, a pirâmide em um mês e o cilindro em um dia. Funcionando nesta dinâmica (e utilizando-se de energia elétrica para tanto), a imagem do Monumento à III Internacional na paisagem de Moscou seria uma ode espacial ao tempo da modernização revolucionária: a plasticidade de sua composição conotaria o processo da transformação histórica, enquanto o enorme invólucro espiral em ascensão desenharia “a linha do movimento de libertação da humanidade” (esta seria, ao menos, a tradução ideológica das formas). A Torre de Tatlin (nome pelo qual ficou historicamente conhecida) nunca pôde ser realizada – por razões tão técnicas quanto pragmáticas – mas ficou marcada como símbolo da Arquitetura-Manifesto do construtivismo.

A INSTITUCIONALIZACAO DO NOVO

É possível fazer um recorte temporal da produção arquitetônica do construtivismo russo em duas fases distintas – é esta, ao menos, a leitura proposta pela historiografia de Anatole Kopp. À primeira fase corresponde o período entre 1917 e 1925: época marcada pela “busca de uma expressão formal”⁸¹, momento do desenvolvimento das novas pesquisas científicas, técnicas e estéticas que constituirão os preceitos do planejamento espacial construtivista. É o momento também da formação das novas escolas e institutos incubadores dos projetos construtivos. A segunda fase, que corresponde ao período entre 1925 e 1932, é, por sua vez, determinada por projeções mais concretas, ligadas ao fortalecimento das infraestruturas do recém-instaurado Estado soviético e aos logros de produtividade alcançados pelo sucesso do plano da Nova Política Econômica (NEP). De qualquer modo, só é possível entender concretamente o desenvolvimento do construtivismo ao considerarmos seus elos institucionais com o Estado, e o

⁸¹ “*À la recherche d’une expression formelle*” – título do quarto capítulo do livro *Ville et Révolution* (1967).

lugar de cada instituição em particular em relação às demandas políticas e à ordenação do novo poder.

A instauração de uma nova ordem política não se realizaria, porém, sem a incorporação de instituições já consolidadas naquela sociedade. Na década de 1920, já havia na Rússia uma série de tendências acadêmicas divergentes nos domínios da arte e da arquitetura – a vanguarda moderna já antagonizava com as cátedras clássicas antes mesmo da Revolução. Com a reestruturação dos quadros institucionais do país, tais frentes foram reorganizadas em grupos qualificados oficialmente como “organizações criadoras” (*Tvortchiskii organisatsii*). Estas e todas as outras formas de associação de trabalhadores passaram a estar subordinadas, ainda que indiretamente, ao Partido Bolchevique, e assim foram incumbidas de realizar tarefas produtivas ligadas diretamente às demandas do Estado.

Dentre as instituições políticas de maior influência na condução do desenvolvimento artístico soviético estava o INKhUK (*Institut Khujestvennoi Kul'tury*, Instituto para a Cultura Artística), fundado em 1920, subordinado ao NARKOMPROS (*Narodnyi Komissariat Prosveshcheniya* – Comissariado para a Instrução do Povo, este fundado em 1918). Este instituto aglutinou artistas de grande respaldo no cenário modernista que se desenvolvia na Rússia desde o início do século, convocados por Anatole Lunatcharski (o Comissário), artista ligado ao meio da *arte de esquerda* e grande entusiasta das linguagens modernas. Compunham os quadros do INKhUK nomes como Vladimir Tatlin, Kazimir Malevitch, Wassily Kandinsky e El Lissitzki. Além de atrelar o processo de produção artístico ao projeto de construção do novo Estado, a composição do INKhUK foi determinante para estabelecer os fundamentos funcionalistas e produtivistas da nova ideologia estética da União Soviética.

O INKhUK, em Moscou, é a síntese de um modelo de atuação dos vanguardistas na administração soviética, sob a guarda de Lunatcharski. Um espaço para a discussão, para o florescimento de ideias e para a ampliação da própria modernidade russa/soviética. Um lugar para que os mais atuantes artistas e teóricos da Arte pudessem levar adiante suas indagações, pensamentos e aspirações. Uma instituição que buscava na diversidade a unidade da nova arte russa. Novamente é a força da chamada utopia concretizada em atividades intelectuais e práticas artísticas.⁸²

Nesse sentido, vale a pena esmiuçar melhor os conteúdos daquilo que se estabeleceu e se institucionalizou na URSS como *arte de esquerda*. Este termo os próprios artistas russos criaram para designar as linguagens artísticas de vocabulário modernista (ou seja: matemático, geométrico, racionalista, como já descrito anteriormente neste capítulo) consideradas, contudo, mais por seu conteúdo político revolucionário do que por seu aspecto formal. Tratava-se, afinal, do estabelecimento de uma nova política para a produção artística, pensando na arte como instrumento social a ser empregado publicamente com a única finalidade de realizar o *modo de vida socialista*:

A arte é uma das superestruturas mais complicadas e ainda menos estudada que as outras por nós, marxistas. Nosso Partido ainda não se apropriou da arte de um ponto de

⁸² MIGUEL, 2006. P.63

vista teórico. E isto é compreensível uma vez que até agora ele teve de concentrar suas forças em tarefas de choque nos fronts imediatos.

Nossa revolução desacelerou seu ritmo, mas não parou.

Aprofundando-se, ela abordou o modo de vida. O modo de vida é o nosso novo fronte. A arte, nossa arma nesse fronte.

Em: Lef nº4, agosto-dezembro 1924⁸³

Tal proclamação do sentido da *arte de esquerda* era também o anúncio do programa de um grupo conciso, automeado como o *Fronte de Esquerda da Arte* (L.E.F.). “Pelo quê luta o L.E.F.?” era o título do primeiro número da revista⁸⁴ do grupo, dirigida por Vladimir Maiakovski, lançada em 1923, número-manifesto que anunciava os termos da arte-produtiva, base constitutiva do construtivismo. Seus princípios consistiam basicamente nos seguintes:

- O L.E.F. conduzirá uma ação de agitação em serviço das artes, abrindo às artes a rota em direção ao amanhã;
- O L.E.F. conduzirá no seio das massas uma ação de agitação por meio de nossa arte, encontrando nela sua força organizacional;
- O L.E.F. apoiará nossas teorias de uma arte eficaz elevando-a ao nível mais alto de qualificação profissional;
- O L.E.F. se edificará por uma arte-construção da vida.

Em: Lef nº1, março de 1923⁸⁵

Ou seja, os paradigmas edificados no interior deste antro de debates chamado *Fronte de Esquerda da Arte* eram logo assumidos como diretivas políticas da *Cultura Artística* em nome da *Instrução do Povo*, com status, portanto, de projeto de Estado. Não que estas diferentes esferas estejam diretamente subordinadas umas às outras, a L.E.F. até guarda certa autonomia em relação às instâncias de burocracia, mas estão entrelaçadas na medida em que se estabelecem pela circulação das mesmas influências (pelos esforços dos mesmos intelectuais profissionais de vanguarda).

Os participantes do L.E.F. imaginam a transformação de nossas escolas de arte sobre as bases politécnicas. (...) A questão que se põe é: sob quais formas se apresentarão os produtos construídos? É necessário saber qual estética propagarão os objetos usuais do modo de vida operário.⁸⁶

O cenário de fato mais produtivo do Construtivismo, lugar específico da concepção de seus projetos de totalidade e de seus espaços planejados, chamava-se VKhUTEMAS (*Vysshie Gosudarstvennye Khudozhestvenno-Tekhnicheskie Masterkie* – Ateliêrs Superiores Estatais de Arte e Técnica). Tratava-se do principal estabelecimento de ensino mobilizado como escola de vanguarda na União Soviética. Fora inaugurado em 1920, como fusão dos ateliêrs-livres⁸⁷

⁸³ Apud KOPP, 1975. P.131.

⁸⁴ Entre 1922 e 1923 são lançadas algumas publicações que contribuem para a formação de um debate entre as vanguardas. Primeiro apareceu, em Berlim, a *Vesch, Gegenstand, Objet* (Objeto), Revista Internacional de Arte Moderna, publicada por El Lissitzki e Iliá Ehrenburg (1922). Depois, em Moscou, surgiu a *Kino-Fot* (Cine-foto), revista de cinema e fotografia de Alexei Gan. Em 1923 sai a *Lef*, publicada até 1925, e depois de um hiato de dois anos, ressurgiu sob o título de *Novy Lef*, até o final de 1928.

⁸⁵ Apud KOPP, 1975. P.137.

⁸⁶ Apud KOPP, 1975. P.140.

⁸⁷ O decreto, publicado no diário oficial *Izvestsia*, nº193, de 7 de setembro de 1918, dizia o seguinte: “A Escola de Arte Industrial Stoganov e a Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura de Moscou serão rebatizadas de Ateliêrs Artísticos

criados em 1918 em Moscou pela apropriação das instalações da Escola Stroganov⁸⁸ por artistas ligados ao fronte de esquerda, sob jurisdição do INKhUK.

Ao ser criado, o VKhUTEMAS consagrou-se como instituição de formação superior e técnica, cuja missão era prover o novo Estado de artistas e arquitetos designados para as funções “criativas” mais urgentes voltadas ao programa de industrialização do país. Fundou-se sobre propostas pedagógicas absolutamente inovadoras à época para a formação artística, a partir de metodologias modulares que integrariam as Belas Artes às Artes Aplicadas, e todas disciplinas estéticas à engenharia “do novo modo de vida”⁸⁹. Concentrava assim um trabalho analítico e criativo do mais alto interesse para a modernização da produção arquitetônica, o que fez com que essa escola permanecesse na história como momento particularmente original do desenvolvimento teórico e técnico da arquitetura. Ainda que vulgarmente se credite à Bauhaus tal posto, esta última fora, na realidade, inspirada no modelo do VKhUTEMAS.

Que uma escola de artes plásticas aplicadas fosse criada com pretensões revolucionárias em todos os planos, do projeto de ensino aos métodos e processos produtivos, fazia todo o sentido no momento pós-revolucionário, quando toda utopia social parecia possível se fosse tecnicamente planejada e efetivamente posta em curso via Estado. Porém, a conjuntura política e econômica da União Soviética àquela altura não permitia aos jovens aprendizes do VKhUTEMAS realizarem seus audaciosos projetos de fato. O construtivismo, enquanto concepção arquitetônica, não passava dos estudos formais e metodológicos. Não era possível conceber uma construção real: a inovação da vanguarda russa, ao mesmo tempo que rompia com os canons da arquitetura do passado, não tinha meios de se estabelecer fora do plano tridimensional.

Todos aqueles que a época trabalhavam nos ateliers lembram-se que quase todo projeto, fosse importante ou não, exprimia-se, tanto na planta como na fachada, por uma impetuosa espiral, que a dissimetria reinava soberana, que os desníveis de planos e volumes eram objeto de admiração, que escorçava a qualquer preço para “inflar” cada programa e fazer dele um edifício gigante suscetível, por suas dimensões únicas e por sua escala, de traduzir a emoção revolucionária que agitava os jovens arquitetos. (...) A justificativa funcional das formas era então a menor de suas preocupações. Ao contrário, a aspiração a uma “expressão” ideológica e emocional máxima da arquitetura levava... a indiferença quanto aos seus aspectos práticos. Era o reino da não ortogonalidade, imaginavam-se formas fantásticas que mesmo um engenheiro genial não teria sabido calcular... E aí que as teorias amplamente difundidas a época, do jogo dos volumes em

livres Estatais sob a direção do Comissariado do Povo para a Instrução”. Apud MIGUEL, 2010. P.89.

⁸⁸ Escola Stroganov de Arte Industrial surgiu a partir de 1825 através de uma escola privada de desenho fundada pelo industrial S. Stroganov em Moscou. Em 1843 ela é doada ao estado russo e passa a funcionar como uma escola voltada par o ensino de artes aplicadas para a indústria. Ganhou grande reputação dentre as Exposições industriais universais do século XIX. Formou inclusive diversos dos construtivistas russos. Apud MIGUEL, 2010. P.89.

⁸⁹ O esquema de ensino do VKhUTEMAS contemplava um ciclo básico (Seção de Base, ou Seção Preparatória Experimental) e quatro faculdades: Faculdade de Produção Industrial (com quatro especialidades: trabalho em metal, trabalho em madeira, cerâmica e vidro, e têxtil); Faculdade de Artes Gráficas; Faculdade de Escultura e Faculdade de Arquitetura. O caráter acadêmico científico da instituição era garantido pela ênfase em disciplinas de ciências aplicadas: Matemática, Geometria descritiva, Física mecânica, Química, incluindo nesse hall também as disciplinas de História da Arte e Instrução Política.

arquitetura, da 'arquitetura enquanto organismo', do 'movimento', do 'ritmo', se elaboravam. A juventude estudante desses ateliers tomava de assalto as rédeas das tradições acadêmicas (...), eles propunham, como um dos meios de formação do arquiteto, que os elementos e as leis da composição arquitetônica fossem submetidos às pesquisas conduzidas em laboratório sobre os temas (escala, modulação, proposição, ritmo, jogo de volumes, movimento, etc.). Essas experiências deveriam ser conduzidas com o objetivo de encontrar o meio 'de expressar as idéias' (por meio da linguagem arquitetônica).

R.I.A. Higer, *Puti arkhitektournoi mysl'i*.

(Os caminhos do pensamento arquitetônico). Moscou, 1933⁹⁰

Havia ainda enormes querelas a respeito do sentido da arte de vanguarda à época. Ainda que o modernismo funcionalista tivesse assumido o lugar de ideologia institucionalizada no campo do desenvolvimento técnico-científico – e artístico! – do novo Estado (em programas experimentais e absolutamente pontuais, não se pode esquecer), diversas outras frentes políticas da estética também disputavam hegemonia e espaços oficiais para se estabelecer. Muitos grupos acusavam o construtivismo de ser ininteligível e inacessível às massas. Os construtivistas, por conta disso, militaram muito tempo contra estas acusações entendidas como reacionárias – o que explica o lançamento de tantos textos-manifestos ao longo daqueles anos e a promoção de tantos debates políticos nesse domínio. Os problemas postos a eles, contudo, na medida em que emergiam das condições objetivas da realidade social e das urgências mais pragmáticas, eram inescapáveis. E em um universo político recém inaugurado, o poder centralizado nas mãos do Estado, não havia possibilidade do construtivismo desenvolver-se como um empreendimento autonomizado dos quadros políticos oficiais (estatuto do qual gozavam as vanguardas nas sociais-democracias capitalistas) – era necessário disputá-lo, enquanto projeto, em meio ao quórum do Partido Bolchevique.

Anatole Kopp conta que Lênin não gostava de Maiakovski, e que só o admitia na política pois confiava nos critérios de seu comissário Lunatcharscki, afinal, “é ele o especialista”⁹¹. Há, aliás, no livro de Kopp (1975), uma passagem curiosa a respeito da visita de Lênin aos ateliês do VKhUTEMAS em 25 de fevereiro de 1921:

– Isso representa o quê? – pergunta Lênin, girando o desenho em todos os sentidos – E como vocês irão fazer a política penetrar na arte?

– Ainda não sabemos, Vladimir Ilitch, por enquanto nós aprendemos. Isso em suas mãos não é senão uma decomposição analítica de volumes, de elementos essenciais, para aprender, assim, a dominá-los.⁹²

O funcionamento do VKhUTEMAS como campo de pesquisa altamente experimental permaneceu, enfim, restrito ao curto período de 1920 à 1926. A partir de 1927, a instituição passa por uma reestruturação profunda e torna-se o VKhUTEIN (*Vysshiĭ Gosudarstvennyi Khudozhestvenno-Tekhnicheskii Institut* – Instituto Superior Estatal de Arte e Técnica), cujo projeto carregava um caráter muito mais pragmático do que o de seu antecessor.

⁹⁰ Apud KOPP, 1967. P. 80-81.

⁹¹ Apud KOPP, 1975. P.153

⁹² SENKINE, Lênin na Comuna do VKhUTEMAS. Em: V. Maiakovski nas memórias de seus contemporâneos. Moscou, 1963. Apud KOPP, 1975. P 153.

O VKhUTEMAS continha todas as esperanças e contradições da vanguarda: orientação para a experimentação artística, exploração da forma, máxima criação subjetiva e individual aliada a uma busca do coletivo, conhecimento objetivo para experimentações artísticas, solução do dilema da análise e síntese da prática artística e na teorização da arte contemporânea, etc. Toda essa ânsia de encontrar uma nova forma de se fazer arte estava enraizada e contemplava o desejo utópico de mudança da sociedade, das pessoas e inclusive, do tempo histórico. A pedagogia daí derivada buscou levar em seus projetos essa esperança de renovação.⁹³

A DISPUTA DA ARQUITETURA COMO OBRA DE ARTE TOTAL

A Faculdade de Arquitetura⁹⁴ fora, sem dúvida, o maior expoente das criações de vanguarda do VKhUTEMAS-VKhUTEIN e ocupava, aliás, uma posição de centralidade no programa pedagógico da escola. Seu privilégio dentro da faculdade deve-se ao entendimento de que a arquitetura, embora possa ser qualificada como arte (se tomada em certos de seus aspectos), definitivamente não se enquadra dentro das especializações da arte. Ela seria em si mesma uma arte que contemplaria todas as formas da arte: só a arquitetura poderia realizar-se como obra de arte total pois, ao realizar-se, realiza nela *“o modo de vida”*.

Para “criá-la”, porém, o trabalho é infinitamente mais complexo do que o trabalho de um artista ou artesão. Isso porque “criá-la” não se resume a concebê-la enquanto projeto. E porque não cabe ao arquiteto a tarefa de executá-la: sua construção implica mais do que o simples emprego de ferramentas pois mobiliza forças muito mais complexas. Para que a arquitetura se realize é imprescindível articulá-la a um programa e a uma “encomenda”, é preciso contar com a oferta de materiais, de mão-de-obra e de técnicas adequadas. A produção do espaço é, afinal, um problema de economia política.

Dadas as determinações concretas da União Soviética no decorrer de sua formação enquanto Estado, a reformulação institucional da escola VKhUTEMAS-VKhUTEIN acompanhou então as emergências de um pragmatismo necessário no campo da produção em sentido amplo. Este movimento histórico marca também as “fases” criativas do construtivismo russo no domínio da arquitetura e do urbanismo, discernidas por A. Kopp.

Até 1925, como já dito, a arquitetura construtivista não dispunha de meios técnicos e nem de uma conjuntura político-econômica para superar as projeções dos modelos tridimensionais. Era este cenário, contudo, que impulsionava as experimentações formais mais

⁹³ MIGUEL, 2010. P.99

⁹⁴ *“Ateliês da Faculdade de Arquitetura: um ateliê de arquitetura decorativa e espacial (ateliê geral de composição); - um ateliê de arquitetura monumental que compreende arquitetura das grandes construções, dos edifícios públicos, das usinas-fábricas e das construções com destinação especial; um ateliê de arquitetura comunitária de habitação e o urbanismo; - um ateliê de arquitetura histórica.”* Relato da Direção do VKhUTEMAS ao Glavprofobr (Direção Geral do Ensino Profissional) com base na reestruturação do VKhUTEMAS como estabelecimento escolar superior (VUZ), 1923 (cópia datilografada, RGALI, pasta 681). Apud MIGUEL, 2006. P.

radicais, se postas em relação com tudo aquilo que veio antes ou até mesmo depois. É precisamente este o momento de formação dos jovens arquitetos que logo vão compor os quadros das associações de ofício e que entrarão em disputa no campo da teoria arquitetônica revolucionária e também nos concursos públicos oficiais.

As obras da arquitetura construtivista mais relevantes deste período não puderam superar a arte enquanto forma de representação. Figuram entre elas o projeto da Torre de Tatlin (já apresentado), o projeto dos irmãos Alexandre, Léonid e Viktor Vesnine para o Palácio do Trabalho (que ficou em quinta colocação no concurso lançado em 1923 pelo Soviete de Moscou – cujo primeiro colocado tampouco fora realizado), a grande Exposição Agrícola e Artesanal de Toda a Rússia (realizada em 1923 em Moscou, cujos pavilhões – representando cada setor produtivo expressivo da Rússia – foram na maioria desenhados por arquitetos ligados ao VKhUTEMAS), e o Pavilhão Soviético na Exposição de Artes Industriais e Decorativas de Paris (1925 – escolhido em concurso promovido pelo INKHUK e projetado por Konstantin Melnikov. Abrigava em seu interior a instalação do Clube Operário “Lenin”, concebida por Aleksandr Rodchenko). Todos estes projetos remetem não apenas aos valores estéticos da composição racional mecânica, mas também aos fundamentos teleológicos da forma-arquitetônica como meio revolucionário. Porém, como construções pontuais, hipostasiaram-se ao absoluto, pois encerraram seus sentidos em si mesmos. Foram realizados, afinal, apenas na condição de expressão formal – tal qual toda obra de arte que seus pressupostos ideológicos estavam determinados a abolir.

A partir de 1925, contudo, novas determinações da economia política inauguram a época das realizações concretas do construtivismo russo. O que faz deste ano um marco é o fato de que os esforços produtivos lançados pela NEP em 1921 haviam enfim alcançado aos resultados esperados. Daí em diante, o cenário político vai se tornando cada vez mais favorável ao desenvolvimento dos novos métodos de planificação espacial propostos pelos grupos construtivistas: em 1926 a organização político-administrativa da União Soviética ganha contornos mais nítidos com a decisão do Partido Bolchevique em assumir o projeto do “Socialismo de um único país”; em 1929 é lançado o primeiro plano quinquenal que vai finalmente superar as capacidades produtivas da Rússia pré-guerras. No domínio da construção, ao lado das empresas do Estado, empresas privadas (algumas constituídas com a ajuda de capital estrangeiro), participam cada vez mais dos empreendimentos, importando para a União Soviética as técnicas de edificação mais avançadas.

O fim da fase áurea construtivista data, segundo Kopp, do ano de 1932⁹⁵, o que consagra à arquitetura de vanguarda soviética seus grandes feitos em apenas sete anos. É claro que, neste período, os projetos não realizados permanecerão extremamente mais numerosos que aqueles postos em obra, e que também as correntes conservadoras (neoclássicas e acadêmicas) se

⁹⁵ Em 1932, o Estado soviético promove a centralização das organizações de arquitetos e promulga uma doutrina oficial para a arquitetura – que não é, por sua vez, nada construtivista. Esse momento político será melhor desenvolvido na conclusão deste trabalho.

manterão e alcançarão também suas realizações eméritas, até mais importantes que aquelas da arquitetura modernista.

A coexistência de diversas tendências arquitetônicas na Rússia nos anos 20 é flagrante pela quantidade de organizações, associações e escritórios de arquitetos que reivindicavam, cada um ao seu modo, os saberes próprios para as devidas proposições da uma nova arquitetura soviética. Algumas das oficinas existentes desde antes da revolução permaneceram funcionando, evidentemente com alterações em seu estatuto, como foi o caso da Associação dos Arquitetos de Moscou (MAO) e a Associação dos Arquitetos de Leningrado (LAO) – que, embora se articulassem como associações locais, posicionavam-se politicamente em terreno amplo, sendo reconhecidas pela postura mais conservadora em relação às inovações formais. Nos interessa, contudo, identificar quais grupos representavam a arquitetura de vanguarda.

Em *Os Caminhos do Pensamento Arquitetônico* (Moscou, 1933⁹⁶ – já citado), R.I.A. Higer, arquiteto e teórico construtivista, esforçou-se para analisar as diferentes tendências arquitetônicas russas pós-revolucionárias de modo a discerni-las, apontando em que se afrontavam e como seguiam umas às outras. Higer distingue: “O formalismo, o construtivismo e o funcionalismo, o neoclassicismo e o eclétismo”. Ele identifica estes dois últimos a grupos como MAO e LAO, mas também ao grupo VOPRA (União dos Arquitetos Proletários, fundado em 1929), este, por sua vez, considerado como um dos maiores agentes políticos provocadores da derrocada do programa construtivista dentro do governo até 1932. Porém, no que concerne à arquitetura de vanguarda, Higer faz o seguinte discernimento: ao formalismo vincula o grupo ASNOVA (Associação dos Novos Arquitetos) e, ao construtivismo e ao funcionalismo, corresponde o grupo OSA (*Obchtchestvi Sovremennykh Arkhitektorov*, ou Associação dos Arquitetos Contemporâneos). Tracemos um histórico destes dois grupos.

O ASNOVA foi fundado em 1923 por Nikolai Ladovski, à época professor do VKhUTEMAS. Entre os principais nomes que compuseram o ASNOVA estavam, além de Ladovski, Nikolai Dokuchaev, Vladimir Krinski, El Lissitski e Melnikov. As proposições de Ladovski para plasticidade da arte e da arquitetura em muito se baseava na teoria da Gestalt⁹⁷ alemã, a tal ponto que defendia a pesquisa da nova arquitetura em direção a uma "economia da energia psíquica na percepção dos aspectos funcionais e espaciais de um edifício", em oposição ao que ele próprio acusava como "racionalismo técnico". Os procedimentos de trabalho do grupo seguiam ao método “psicotécnico” proposto por Hugo Münsterberg, psicólogo alemão que desenvolveu as teorias da Psicologia Industrial⁹⁸ (em 1926, inclusive, o ASNOVA inaugurou

⁹⁶ Seu livro, lançado em 1933, logo após a unificação forçada das associações literárias e artísticas pelo Estado, será julgado pela nova “diretoria” artística como “extremamente indulgente”. Apud KOPP, 1967. P.109.

⁹⁷ A teoria da Gestalt (“forma” em alemão) tornou-se bastante popular na Europa do início do século XX, como método de estudo dos campos da estética e da percepção. Sua matriz teórico-metodológica se liga à psicologia e à fenomenologia, e seu emprego enquanto saber institucionalizado persegue até hoje uma “operacionalidade” da imagem.

⁹⁸ Psicologia Industrial: mais tarde, renomeada como Psicologia Organizacional, o que hoje corresponde aos “Recursos Humanos”. Trata-se da aplicação de teorias da psicologia como instrumento para a organização do trabalho produtivo, um tipo de taylorismo que administra a subjetividade do trabalhador.

um laboratório para investigar a criação de efeitos “psico-organizacionais” no indivíduo a partir do espaço construído). Essa é uma das razões pela qual Higer, em seu livro, acusa o pensamento arquitetônico do ASNOVA como um “pseudo-racionalismo”, que ele compara às concepções estéticas de Kant. Apesar das críticas adversárias, são estes os princípios, os da “metodologia psicotécnica”, que operam na pedagogia das escolas da arquitetura moderna (como a Bauhaus e a Hoshcule für Gestalt de Ulm, VKhUTEMAS incluso): o estudo da cor, dos volumes, das texturas, etc., e seus efeitos na percepção do espaço, e conseqüentemente, na assimilação de seu sentido para “o indivíduo”.

A concepção arquitetônica do ASNOVA era, contudo, contestada em meio às discussões políticas da “nova arquitetura” devido às limitações de seus projetos: concebia edifícios únicos, cada um como resultado de uma pesquisa minuciosa. Eram construções rigorosamente estudadas para uma época em que todos os tipos de equipamentos públicos eram urgentes e em que a “tipificação”, a industrialização e a prefabricação das construções eram demandas sociais na ordem do dia. As acusações de que as pesquisas do ASNOVA buscavam a inovação da arquitetura por ela mesma, ou seja, de que tinham um caráter puramente formal (de arquitetura-escultura/ arquitetura-linguagem), puseram limites ao desenrolar do grupo que, em 1928, se cindiu, dando origem ao ARU (Associação dos Arquitetos Urbanistas), que logo se fundiu com o grupo rival do ASNOVA: o grupo OCA.

A Associação dos Arquitetos Contemporâneos (OSA) foi fundada em 1925 por iniciativa de um grupo de arquitetos ligados ao VKhUTEMAS, particularmente Moise Guinzburg e os irmãos Vesnine. No corpo da OSA estavam os arquitetos militantes que conduziam na União Soviética o desenvolvimento da arquitetura como parte integrante do programa de instauração do socialismo. A OSA se reivindicava ela própria pelo termo “construtivista”: sua formação é consequência direta da primeira “teoria da arquitetura” propriamente construtivista, elaborada por Guinzburg e publicada na obra *Estilo e Época (Stil i Epkoja)*, 1924). Seu argumento fundamental insiste na necessidade da realização de pesquisas avançadas de novas formas arquitetônicas para dar corpo aos novos conteúdos sociais do modo de vida socialista – ou seja: a OSA se consolida a partir do argumento nuclear do construtivismo.

A OSA deve ser considerada como uma organização de arquitetos-inovadores, consagrada aos problemas do novo estilo arquitetônico contemporâneo aos grandes centros industriais (...) para nós a finalidade da arquitetura não é a execução de uma demanda enquanto tal, mas o trabalho comum junto ao proletariado nas tarefas de edificação de uma nova vida, de um novo modo de vida.

Em: C.A n°1, 1929

Constituída uma parte por membros dissidentes do ASNOVA, uma parte por estudantes e jovens recém formados, a OSA não era composta apenas por arquitetos: compunham seus quadros outros profissionais especializados em diversos campos do conhecimento técnico e científico. Sua tarefa autodeclarada era a de não apenas definir e desenvolver os princípios fundamentais da arquitetura da sociedade socialista, mas também *trabalhar* para concretizá-la. Para tanto, a OSA se organizava como uma organização militante, pois atuava em meio ao

poder público – suas reivindicações, contudo, não faziam uso apenas dos aparelhos institucionais oficiais do Estado (do parlamento, dos congressos, etc.) – a OSA, aliás, ganhou muita força no interior do INKhUK – mas fazia-se sobretudo através de embates inflamados promovidos pelo próprio grupo, e pela publicação de manifestos. Foi este grupo, aliás, que articulou o desenvolvimento dos princípios da arquitetura “moderna” como projeto Internacional⁹⁹: foi através da OSA que se realizaram os intercâmbios com a Bauhaus e a CIAM (e nomes como Le Corbusier, André Lurçat, Walter Gropius e Hannes Meyer).

De 1926 até 1931, a OSA foi responsável pela publicação da revista *Arquitetura Contemporânea* (*Sovremennaia Arkhitektura – C.A.*), que se constituiu como o maior foro de debates da dita arquitetura *de esquerda* nos princípios da União Soviética. A circulação da revista de fato impactava os meios da produção intelectual: não bastava a radicalidade das ideias apresentadas nos textos, sua própria forma plástica era, em si mesma, extremamente original. A CA inaugurou diversos procedimentos técnicos “mais modernos” no que se refere à produção gráfica, e é ainda hoje particularmente estudada pela inovação no campo da tipografia e da diagramação. Esta revista também inaugurou (ou tentou instaurar) um método de consulta pública para a orientação das pesquisas arquitetônicas – em todos os números apareciam enquetes que deveriam contribuir para elucidar os termos do entendimento popular de “qualidade de vida”¹⁰⁰.

O construtivismo, enquanto corrente materialista no domínio da produção artística, enquanto método de criação, apareceu, se desenvolveu e perseguiu sua evolução social e produtiva sob o signo do materialismo dialético. (...) A metodologia do construtivismo esta ligada indissolavelmente a revolução proletária e a edificação socialista do regime soviético. (...) Apesar de todas as simplificações, as distorções e vulgarizações das quais o construtivismo foi objeto, ele logrou em desempenhar seu papel na edificação das bases materiais e culturais da nova sociedade e a introduzir na nova criação artística um realismo verdadeiro, a dar forma ao utilitarismo e ao racionalismo proletário, a encontrar ainda a expressão artística das aspirações a uma vida social e coletiva da classe operaria.

Alexis Gan. Em: C.A. N°3. Moscou, 1928 ¹⁰¹

⁹⁹ Anatole Kopp defende, inclusive, que a OSA foi a instituição fundadora daquilo que ficou consagrado como “estilo modernista internacional”: que as unidades de habitação realizadas por Corbusier (particularmente a de Marseille) partiram dos estudos realizados para as células de habitação construtivistas (células de *Stroikom*, apresentadas mais adiante), que a Bauhaus de Dessau só pode ser formada a partir da experiência soviética do VKhUTEMAS. Não se pode, é claro, tomar tais afirmações como causalidades positivas, mas sim como evidências de que o fenômeno da arquitetura modernista que despontou na Europa no início do século XX é tributário da teleologia da modernização lançada pelas utopias socialistas e endossada cientificamente como canto da Revolução de Outubro de 1917.

¹⁰⁰ A enquete sobre o tema da Casa-Comuna lançada na CA n°3 (1927) aparece nos anexos deste trabalho.

¹⁰¹ Apud KOPP, 1967.

CAPÍTULO QUATRO

PERESTROIKA BYTA

A superação da propriedade privada e das relações mercantis de produção não é um fim em si mesmo, mas um meio. E o radicalismo do meio é proporcional ao radicalismo do fim: fim que não é apenas o de assegurar uma produção mais eficiente das riquezas e sua melhor distribuição, menos ainda o de conservar e consolidar, no contexto de novas formas de produção, valores e instituições dos bons tempos passados; mas o de assinalar a superação da separação entre indivíduo e gênero, entre sociedade civil e política, de liberar o trabalho de seu caráter necessário e alienado, de submeter as forças produtivas e naturais às necessidades e às livres finalidades do homem e de sua história. A crítica da economia política e de suas mistificações é, ao mesmo tempo, crítica das ideologias, das instituições, das formas de vida da sociedade precedente.

Luciana Castellina, *A Experiência Soviética*. Roma: 1964¹⁰²

O conteúdo real da revolução radical que o construtivismo pretende engendrar no interior de suas formas é aquilo que pode-se chamar de novo «BYT», palavra em russo para MODO DE VIDA, ou, de maneira mais concreta, VIDA COTIDIANA. Este termo era, aliás, muito recorrente nos debates políticos sobre as possibilidades de condução da revolução nos anos 20 – diz Nikolai A. Semachko (1926)¹⁰³ a respeito:

Antes de falar sobre o combate para o novo BYT, coloquemo-nos de acordo sobre aquilo que se entende por BYT. Por esse termo, designa-se geralmente o conjunto de hábitos, de usos e de costumes, de crenças, de opiniões pertencentes a um homem ou um grupo social.¹⁰⁴

Isso significa que todo o sentido do processo revolucionário, da vitória de outubro de 1917, da consolidação do Partido Bolchevique no poder, da instauração de um novo Estado e da implementação de novas instituições políticas, de todo o esforço de modernização da economia, de todas as renovações formais no campo das relações sociais (arte e técnica aqui inclusos), o sentido disso tudo não seria outro senão o de transformar substancialmente a realidade vivida (e apreendida) pela classe proletária – historicamente explorada e subsumida ao poder das classes proprietárias dos meios de produção. Ou seja: a tomada histórica do poder pelo proletariado não tinha um fim em si mesma, mas deveria ser, ao contrário, um meio historicamente necessário para se realizar a verdadeira finalidade do processo revolucionário: a

¹⁰² CASTELLINA, 1971. P.51.

¹⁰³ Comissário do Povo para as questões de Saúde entre 1918 e 1930.

¹⁰⁴ N.A. Semachko, *O modo de vida e as relações sexuais*. Moscou, 1926. Apud KOPP, 1975. P. 51.

transformação do modo de vida. A este objetivo universal da revolução socialista os russos deram o nome de PERESTROIKA BYTA.

O entendimento marxista do socialismo científico “aplicado” pelos bolcheviques em seu projeto de Estado entendia o processo revolucionário como um meio de condução consciente da vida em sociedade (pela classe operária) em direção à realização de uma formação social superior, o comunismo, posta como virtualidade deste estado revolucionário em curso. Este percurso histórico implicava, contudo, em um esforço imediato e progressivo para transformar os aspectos da vida social, rumo a este lugar pós-histórico onde todas as relações sociais estariam livres de qualquer tipo de coerção. A concepção russa de Perestroika Byta surgida nos anos 20 deriva de uma passagem específica de Marx, em carta sobre a experiência da Comuna de Paris, escrita em 1817:

A classe operária não espera o milagre da comuna. Ela não tem utopias prontas a serem introduzidas por decreto ao povo. Ela sabe que, para realizar sua própria emancipação, e com ela a de um MODO DE VIDA (BYT)¹⁰⁵ mais avançado e em direção ao qual a sociedade atual se dirige irresistivelmente por seu próprio desenvolvimento econômico, ela terá que atravessar a longas lutas, a uma série de processos históricos que transformam radicalmente os homens e suas circunstâncias.¹⁰⁶

O imaginário deste “*Novy Byt*” soviético carregava, contudo, infinitas contingências. Estas eram, por sua vez, desdobramento direto das circunstâncias degradantes mais recorrentes na vida comum, necessidades postas em evidência a partir dos mais diversos tipos de constrangimentos cotidianos. Mas nem todo aspecto da vida cotidiana representava com clareza a uma necessidade de transformação para o senso comum: se, por um lado, muitas metas de “superação” foram postas em relação a domínios básicos da sobrevivência – como no domínio da saúde pública (através de medidas globais de higiene, ações de prevenção a epidemias, etc) – ou da instrumentalização da população – como no domínio da educação (campanha para o fim do analfabetismo, ampliação da escolarização, etc)¹⁰⁷ –; por outro lado, muita coisa havia sido posta em jogo no campo da moral e da ética: a elaboração de uma nova legislação colocava muitos consensos tradicionais sob nova jurisdição. Neste contexto havia espaço para os mais variados posicionamentos, e é notável o fato de que os construtivistas eram, na maioria das vezes, partidários das posições mais radicais.

A questão do modelo familiar foi, nesse princípio da União Soviética, uma questão nuclear. Isso porque a família tangencia todas as esferas da formação particular de um indivíduo no mundo social – ela corresponde tradicionalmente à mediação entre o que há de mais particular, a individualidade, e o que há de mais geral, a sociedade, de modo a conformar, nesta operação, os sentimentos de identidade e de pertencimento. Mas não basta o dado subjetivo. Objetivamente a família tradicional também corresponde ao modelo da família burguesa, ou

¹⁰⁵ Os termos foram postos em destaque por Anatole Kopp, ao citar esta passagem em *Changer la ville, changer la vie* (1975).

¹⁰⁶ MARX, K. Carta à Kugelmann. 24/7/1871, A.B. p.254. Apud KOPP, 1975. P.52

¹⁰⁷ Esta passagem do texto parece banalizar estes conteúdos – saúde e educação – que são extremamente substantivos para o debate da reprodução social ou, pensando numa chave foucaultiana, dos dispositivos de poder. Não convém, aqui, porém, estender estes dois temas em particular.

seja, do elo hereditário pelo qual a propriedade privada atravessa a história. Ora, se não havia mais propriedade privada no Estado socialista, então não havia também mais motivo para haver o advento do casamento. Além disso, com a coletivização dos meios de produção da vida em *latus sensu* na sociedade comunista, também não haveria mais necessidade de a família particular de tratar de sua subsistência na escala privada e nem de dar conta sozinha de introduzir as novas gerações à vida pública. Por fim, com a destituição oficial de todo o poder religioso, já não era mais possível constituir uma família como unidade perante a Deus.

O raciocínio marxista que propõe a destruição dos códigos da família burguesa como meio de instaurar relações de equidade verdadeira entre indivíduos vem da leitura do Manifesto Comunista (1848), quando Marx e Engels defendem que o comunismo

Transformará as relações entre os sexos em uma questão puramente privada (...) e na qual a sociedade não terá a ocasião de intervir. Isso é possível uma vez que (o comunismo) abole a propriedade privada e educa as crianças em uma base comunitária e, desta maneira, elimina as duas bases do casamento tradicional: a dependência enraizada na propriedade privada da mulher em relação ao homem, e das crianças em relação aos pais. (...) uma completa igualdade sexual, uma completa liberdade de escolha, um amor perfeito – tal é a promessa do comunismo¹⁰⁸

A possibilidade de decretar-se um fim à forma-família foi motivo para muitas elucubrações a respeito do vir-a-ser desta sociedade. Havia um fronte de luta particularmente radical a respeito dos assuntos ligados às relações intersexuais, que interrogavam fortemente certos pressupostos morais como a heterossexualidade e a monogamia. A militância pelo amor livre era posta em pauta por diversos *intelectuais* dedicados às questões da revolução do modo de vida (ver as teses de Alexandra Kollontai, notavelmente¹⁰⁹) que viam o sexo como o âmbito da vida social a ser com maior urgência libertado das opressões herdadas do passado:

Sobre a ruína da antiga família, uma nova forma, de relações totalmente outras entre homem e mulher, e que será a união da afeição, da camaradagem, união de dois membros iguais na sociedade socialista, dois membros livres, os dois independentes, os dois trabalhadores. (...). Ver-se-á o casamento depurado de todos os seus lados materiais, de todos os cálculos de dinheiro, esta praga hedionda que acomete a vida da família em nossos dias. (...) Em nome da liberdade, da igualdade e do amor livre, nos os convocamos, operários e operárias, camponeses e camponesas, a empreender com fé e coragem a obra de reconstrução da sociedade humana em vista de torná-la mais perfeita, mais justa, e mais apta a garantir ao individuo a felicidade que merece. (...) É tempo de lembrar que a integração do código da moral sexual às tarefas fundamentais da classe pode ser uma arma potente para a consolidação da posição de combate desta classe que ascende. O que é que nos impede de utilizar os ensinamentos da história ao que se refere ao interesse da classe operária na luta por um regime comunista e por novas relações entre os sexos, mais bem-sucedidas, mais completas e mais aproveitadas? As bandeiras vermelhas da Revolução que

¹⁰⁸ Apud KOPP, 1975. P.76.

¹⁰⁹ Em 1918 Alexandra Kollontai publicou uma obra chamada “*A nova moral e a classe operária*”, composta por três capítulos: 1º A nova mulher; 2º O amor e a nova moral; 3º As relações entre os sexos e a luta de classes. Nessa obra, Kollontai descreve um novo paradigma de amor em oposição ao amor-romântico burguês: «Lyubov Igra», ou: «Amor-Jogo». Esta formulação entende que a independência sexual é um pressuposto para a liberdade individual: “só os indivíduos deste modo concebidos são capazes de trabalho voluntário, e da autodeterminação de suas vidas fora de qualquer princípio de autoridade”.

flanarão ao redor do mundo desde a Rússia anunciam desde já o advento próximo do paraíso terrestre ao qual há séculos aspira a humanidade.¹¹⁰

Por trás das reivindicações de Kollontai pela dissolução do modelo social da família burguesa e em nome de uma libertação sexual que fizesse do socialismo a promessa da “terra paradisíaca”, há um conteúdo extremamente central: a libertação da mulher da instituição familiar e sua integração ao mundo do trabalho – que, no socialismo, corresponde ao universo da vida social mais ampla: a vida política. Mas este não é o único âmbito ao qual a emancipação da mulher interessava: com a proletarianização global da população soviética no contexto de aceleração da produção econômica, não havia possibilidade de deixar a mulher permanecer fora do universo produtivo. Em um artigo de 1919, diz Lenin a respeito:

A verdadeira emancipação da mulher, o verdadeiro comunismo, começará apenas no momento onde começar a luta de massas, dirigida pelo proletariado, que detém o poder do Estado, contra a pequena economia doméstica, ou melhor, quando começar a transformação em massa desta economia na grande economia socialista.¹¹¹

Durante todo o período que vai da revolução de outubro ao primeiro plano quinquenal, no que se refere às políticas sobre a família, o poder soviético segue em grande parte às linhas apontadas por muitos daqueles considerados como os mais radicais no debate deste assunto. Os principais pontos acordados sobre o tema foram (segundo Castellina): a imediata e radical supressão de qualquer forma de subordinação da mulher na vida social, econômica e familiar; o caráter consensual e voluntário da sociedade familiar; a transferência de muitas de suas funções para a sociedade e sua plena inserção nas mais amplas e complexas formas de vida econômica e social¹¹². As medidas concretas para a realização de tais objetivos se estendem no terreno econômico ao social e do jurídico. No terreno econômico, leva-se adiante em etapas aceleradas a inserção da mulher na produção. No plano jurídico, a mulher ganha equidade absoluta em relação ao homem, isso desde a primeira legislação soviética de 1917. Em 1920, é introduzido o direito ao aborto legal. No social, desenvolvem-se programas de serviços coletivos que liberam as mulheres das instâncias de reprodução doméstica, inclusive no que diz respeito à educação dos filhos, com o Estado tornando-se o único responsável pela educação das crianças através da instituição de uma escolarização total sobre as bases do trabalho produtivo. Em 1918, é decretado:

É o trabalho produtivo que deve constituir a base da vida escolar... A velha disciplina que entrava o conjunto da vida escolar e o livre desenvolvimento da personalidade da criança nada tem a fazer na escola do trabalho... O trabalho produtivo coletivo e a organização da vida escolar em seu conjunto devem garantir a educação dos futuros cidadãos da república socialista.¹¹³

¹¹⁰ Alexandra Mikhailovna Kollontai, *A Família e o Estado comunista*. Moscou, 1920 Apud KOPP, 1975. P.92.

¹¹¹ Apud CASTELLINA, 1971. P.60.

¹¹² CASTELLINA, 1971. P. 54.

¹¹³ Apud KOPP, 1975. P.85.

As medidas políticas de integração da mulher e das crianças ao mundo do trabalho não são as únicas a promulgar condições concretas para o aumento da capacidade produtiva da economia soviética.

Em 1929, a adoção da “semana contínua de trabalho” fez crescer a produtividade de trabalhadores e também das máquinas engajadas no primeiro plano quinquenal. A reorganização do calendário produtivo fora, esta sim, definitiva para a transformação do modo de vida em suas determinações mais concretas. Primeiramente, no plano ideológico, porque destituía o caráter religioso dos sete dias da semana: “nada mais de semana calculada sobre aquela de Deus criando o mundo”¹¹⁴. O caráter sagrado repousava agora em outro deus: o Trabalho. Na “semana proletária” instituída trabalhava-se cinco dias em sequência e tinha-se repouso no sexto, ou até no quinto mesmo – no caso de trabalhos mais penosos. Como os dias de folga não coincidiam para todos, os meios de produção continuavam a todo vapor todos os dias da semana, sem exceção, o que contabilizava mais 52 dias produtivos ao ano.

CONDENSADORES SOCIAIS

A primeira conferência da Associação de Arquitetos Contemporâneos (OSA) sublinha sua unidade profunda e adota a posição ideológica e o programa de trabalho do construtivismo em arquitetura. A conferência estima que para fazer entrar na vida os novos valores materiais e artísticos da cultura de classe da sociedade que constrói o socialismo e para obter uma orientação mais metódica do trabalho empreendido neste sentido, uma escola fundada sobre os princípios ideológicos sólidos e sobre as bases científicas e indispensável. (...) A conferência reconheceu esta escola no construtivismo... Nos opomos aos tipos arquitetônicos pré-revolucionários – que resultam das condições sociais, técnicas e econômicas de antes da revolução, mas que, até os nossos dias, servem de modelo para a arquitetura que se edifica na URSS – os novos tipos de habitação comunitária, um tipo novo de clube, de comitê executivo, de fábrica, etc., que devem se tornar novo o quadro de vida, o CONDENSADOR SOCIAL DA CULTURA SOCIALISTA.

Alexei Gan, discurso na primeira (e única) conferência da OSA
Moscou, no dia 25 de abril de 1928¹¹⁵

A declaração de Gan a respeito dos fundamentos da Associação dos Arquitetos Contemporâneos demonstra de modo evidente a preocupação essencial da produção construtivista naquele momento: construir um quadro de vida adaptado a nova sociedade mas que, ao mesmo tempo, através de um processo dialético, ajude esta sociedade a se renovar. Este é o duplo compasso previsto para aquilo que os arquitetos chamam, pela primeira vez neste texto, de CONDENSADOR SOCIAL: uma arquitetura que seja, simultaneamente, reflexo das aspirações da nova sociedade e instrumento para sua transformação social. A ideia é que, ao viver dentro destas novas estruturas espaciais, um novo sujeito social, o trabalhador livre, se moldará.

¹¹⁴ KOPP, 1975. P.86.

¹¹⁵ Em: A.C. Nº3, Moscou, 1928. Apud KOPP, 1967.

A noção de reconstrução, ou edificação do modo de vida, implica na concepção do proletário como o construtor e ator desta nova sociedade que se instituí. Isso significa dizer que a nova ética do desenvolvimento socialista, que deveria ser absorvida por cada um na vida em sociedade, deveria realizar-se conjuntamente com o próprio desenvolvimento desta sociedade, no interior dos seus processos de construção. Ou seja, os condensadores sociais não deveriam ser o reflexo imediato da sociedade soviética tal qual ela existia, sintonizada ainda com os velhos paradigmas, mas os espaços construídos que catalisariam o modo de vida e as relações sociais da sociedade futura. Seria, afinal, o que Tchoujak, em artigo na LEF (1923) chamou de um “modelo dialético que constrói diretamente o futuro”¹¹⁶. Para isso, estes espaços deveriam estar objetivamente aliados a transformações reais da base econômica e política da sociedade e de suas relações sociais de produção.

Todos equipamentos urbanos foram então projetados pelos construtivistas como para se realizarem como *condensadores sociais*. Estes seriam os novos instrumentos do progresso social que, assim como os condensadores elétricos que transformam a natureza das correntes, deveriam fazer do indivíduo forjado na sociedade capitalista, preocupado apenas com seus próprios interesses, um sujeito completo, um militante consciente da sociedade socialista onde o interesse de cada um se confunde com o interesse de todos.

Assim o design dos edifícios se traduzia em seus intuitos econômicos, políticos e sociais. O clube, a habitação, a fábrica eram as estruturas onde o novo modo de vida deveria se forjar. Estes “elementos condensadores” separavam as atividades – postulando um lugar próprio para cada momento do cotidiano da classe trabalhadora – mas sintagmaticamente as uniam em um mesmo projeto, formando aquilo que seria a estrutura do *condensador geral* da sociedade: a cidade. E na imagem desta cidade aparece a fascinação moderna pela estética da máquina, a arquitetura como economia simbólica “eficaz”, como afirmação de identidade entre o útil e o belo, e conseqüentemente, o belo, o resultado exclusivo de preocupações utilitárias, redundando a forma à solução ideal de um problema posto por um programa de Estado.

A urgência pela construção de equipamentos públicos era, contudo, um dos maiores problemas para poder público nesses primeiros anos da União Soviética. Apesar dos grandes esforços em garantir moradia e os demais equipamentos sociais à população, as taxas demográficas aumentavam muito mais rapidamente do que a velocidade média da edificação da infraestrutura pública. Este problema exigiu dos arquitetos construtivistas o planejamento de uma coletivização ainda mais categórica do modo de vida, caminhando para uma standardização completa de todos os ambientes do cotidiano. Com o estabelecimento do primeiro plano quinquenal em 1928, por sua vez, que colocou o desenvolvimento industrial como tarefa prioritária do Estado, a concepção utópica socialista da vida completamente compartilhada tornou-se não apenas verossímil, mas agora necessária.

¹¹⁶ Apud KOPP, 1975. P. 196

Nos edifícios que constituiriam o novo quadro de vida, já não havia mais espaço para o indivíduo antigo, fechado e individualista. A supercoletivização do modo de vida exigia do novo cidadão desfazer-se de seus antigos preconceitos, liberar-se das tarefas domésticas privadas, deixar de encarar o trabalho como uma necessidade penosa para assumi-lo como participação voluntária nas tarefas comuns de edificação do socialismo. A programação do *novy byt* previa inclusive o novo emprego do tempo deste novo indivíduo, que deveria ser dividido entre uma atividade produtiva e “exaltante” (o Trabalho), o aperfeiçoamento pessoal e o estudo, e à prática de esportes e atividades militantes.

Um estudo particularmente categórico a respeito do rendimento do tempo produtivo da vida de um indivíduo-proletário no interior de uma “cidade-máquina” hipotética fora apresentado por T. Kouzmine na CA nº6 (1930). Não se tratava, porém, exatamente de uma projeção prospectiva ou mesmo propositiva do quadro geral do novo modo de vida socialista, mas sim da elaboração de um modelo sistêmico que servisse de instrumento à planificação da “aglomeração socialista” a partir do seguinte procedimento metodológico (apresentado aqui tal como descrito pelo arquiteto):

Cálculo dos elementos. Gráficos de circulação. Meios de produção. Gabaritos dos equipamentos. A partir de diversos fatores psico-fisiológicos, determina-se a superfície, o volume, a iluminação, a cor, a textura, o aquecimento, a ventilação, etc. (...) Se examinamos o gráfico da vida cotidiana, se verá que eu diferencio a população da comuna por categorias de idade. Cada categoria de idade vive em locais especialmente equipados e adaptados a suas atividades particulares.

A título de exemplo, apresento o modo de vida dos adultos:

1) Dormir:	22h
2) Oito horas de sono. Acordar:	6h
3) Ginástica (5min):	6h05
4) Banheiro (10min):	6h15
5) Banho (facultativo – 5min):	6h20
6) Vestir-se (5min):	6h25
7) Ir ao refeitório (3min):	6h28
8) Primeira refeição (15min):	6h43
9) Ir ao vestiário (2min):	6h45
10) Vestir-se (roupa externa – 5min):	6h50
11) Ir à mina (10 min):	7h
12) Trabalho na mina (8 horas):	15h
13) Ir à Comuna (10min):	15h10
14) Desvestir-se (7min):	15h17
15) Lavar as mãos (8min):	15h25
16) Segunda refeição (30min):	15h55
17) Ir à sala de repouso para a utilização de um tempo morto de uma hora (3min):	15h58
18) Tempo morto de uma hora. Aqueles que desejarem podem dormir – ou algo melhor. Nesse caso eles devem ir ao dormitório. (1 hora):	16h58
19) Banheiro. Troca de roupas (10min):	17h8
20) Ir ao refeitório (2min):	17h10

21) Chá (15min):	17h25
22) Ir ao clube. Distrações culturais. Desenvolvimento cultural. Ginástica. Talvez um banho, ou nadar em uma piscina. Aqui é a própria vida que dirá o emprego do tempo, que estabelecerá o plano. (4 horas):	21h25
23) Ir ao refeitório, tomar uma sopa, dirigir-se ao dormitório. (25min):	21h50
24) Preparação para o sono (pode-se tomar um banho se desejar) (10min):	22h

Os comunas adultos dormem em grupos de seis (homens e mulheres em locais distintos, ou em pares – para os antigos “casados”). Os quartos não são previstos senão para dormir. As crianças dormem por grupo de idade...¹¹⁷

A organização da vida coletiva no interior desses complexos gigantescos, a articulação de todos os momentos das atividades produtivas em setores espacialmente especializados, separados mas integrados em um conjunto total, esta era a proposta construtivista para o “condensador social geral” do socialismo: a cidade-máquina, imaginada como o grande transformador elétrico do sentido da vida da classe operária. Através de dispositivos técnico-ideológicos, a arquitetura da Perestroika Byta busca revolucionar o modo de vida pela via “taylorista” da modernização:

Na professada equação de necessidade e liberdade, a divisão do trabalho torna-se, no trabalho socialista, explicação do mundo e libertação do trabalhador. Por sua participação na divisão social do trabalho, ele se reconhece como parte de um todo. Por sua compreensão da divisão técnica do trabalho, ele se reconhece como participante da racionalidade operacional e assim realiza sua essência humana. O trabalho parcelar se mantém, e mesmo se aprofunda, objetivamente, enquanto, subjetivamente, o operário, identificando-se no trabalhador coletivo, desaliena-se como classe, em extinção. O produtor internaliza a produção tornando as unidades de produção – fábrica, habitação, clube, cidade – totalidades que o trabalhador mesmo exprime.¹¹⁸

É, finalmente, à criação desses novos instrumentos do “progresso social”, os CONDENSADORES SOCIAIS, que os planejadores e arquitetos irão dedicar seus esforços. Através da construção desses espaços planejados eles pretendem, segundo KOPP (1967): 1º) criar o quadro de vida socialista em construção; 2º) acelerar o vir-a-ser desta sociedade influenciando seus próprios cidadãos por meio da arquitetura; 3º) encontrar soluções arquitetônicas e construtivas que permitam atingir a esses objetivos apesar dos curtos créditos e meios materiais, que estavam prioritariamente voltados ao desenvolvimento industrial.

CLUBE OPERÁRIO

Desde os primeiros meses do poder soviético, diversos clubes surgiram, geridos pelas organizações sindicais ou partidárias locais. Os clubes, tradicionalmente estabelecidos como

¹¹⁷ Apud KOPP, 1975. P. 318

¹¹⁸ AZEVEDO, 2005. P.78

antros de sociabilidade e lazer da burguesia, ganham dentro do projeto soviético o caráter da classe operaria, servindo de pólo de cultura nas acepções socialistas (cultura de massa). A existência do clube compensa, ao mesmo tempo, a quase inexistência de espaços de permanência (e de pertencimento) nas habitações. Em sua nova concepção, a moradia deve servir apenas como lugar de repouso, sem abrigar cômodos de usos privados (como escritórios particulares para estudo ou trabalho). A vida, em todos os seus aspectos sociais e culturais, deve se desenrolar em locais coletivos e sob formas coletivas.

O clube, que El Lissitzki chamará de “fábrica social” (*Soziales Kraftwerk*), “um atelier de transformação do homem”, evoluirá desde os primeiros anos do poder soviético até o início dos anos trinta, tanto em sua expressão arquitetônica quanto em seu programa. Se a princípio ele se assemelhava muito aos antigos padrões de cultura, com a separação entre atração e público, mais tarde dará espaço para que seus usuários sejam eles próprios os criadores, os instrutores e os animadores culturais. Assim, põe-se o problema de uma arquitetura flexível e adaptável, não no que concerne apenas aos preceitos de uma sala de espetáculo, mas a todos os locais que devem poder ser isolados uns dos outros ou, ao contrario, serem parcialmente ou totalmente reunidos, segundo as proposições de uso. Daí vem também o paradigma de que a arte socialista não seria mais representação, mas a própria realização da vida, pois o novo sujeito social (o proletário) se tornaria ator de sua própria fruição.

Nós vivemos hoje uma época em que nas massas operárias se desenvolve um imenso movimento cultural, é a passos de gigante que progride a ideia de um novo modo de vida social e coletivo. Cada operário nos nossos novos centros industriais deseja tomar parte ativa na vida pública e cultural. A sede de conhecimento é imensa. O momento chegou em que devemos dar aos operários não apenas alojamento, mas também edifícios nos quais ele encontra os locais necessários às reuniões políticas, aos estudos, aos exercícios esportivos, as bibliotecas, etc, por diferentes círculos especializados (*kroujok*) em uma integração de conjunto.¹¹⁹

Em 1929, o arquiteto Ivan Leonidov apresenta na CA nº3 o programa “Clube operário de novo tipo”¹²⁰, que define contornos ideais para as funções que o clube deveria exercer na sociedade:

- 1) Trabalhos de laboratório;
- 2) Conferências;
- 3) Esporte, jogos esportivos e militares;
- 4) Trabalho de museu;
- 5) Reuniões
- 6) Campanha de agitação social e política
- 7) Exposições
- 8) Turismo
- 9) Competições nos domínios da produção
- 10) Jornal filmado
- 11) Planetário
- 12) Campanhas de ação para um novo modo de vida

¹¹⁹ Trecho do protocolo da comissão técnica do Comitê regional de ajuda ao movimento cooperativo de construção de habitações operárias e casas de cultura em Leningrado. Apud KOPP, 1967. P. 161.

¹²⁰ Apud KOPP, 1967. P.165

De 1917 à 1925, o clube se instala em qualquer lugar disponível. Os primeiros projetos construtivistas de clube são do tipo gigantescos e, entre eles, o palácio do Trabalho dos irmãos Vesnine de 1923, que não é só lugar de reunião da Assembleia Geral dos Sovietes, mas também um imenso palácio da cultura onde “operários e camponeses encontrarão tudo aquilo que lhes interessa para expandir seus horizontes”¹²¹, concebido para toda a cidade de Moscou e, assim como todos os projetos dos primeiros anos que jamais foram realizados, seu tamanho deve-ser à função de propaganda monumental. É a partir de 1925 que o clube operário ganha projetos e programas próprios fundados nos princípios de descentralização e de ampliação da acessibilidade aos equipamentos culturais: será concebido para cada bairro ou para cada empresa em particular.

Entre 1927 e 1929, Melnikov apresentou sete projetos de clubes operários, dos quais seis foram realmente realizados ao longo destes dois anos – um grande feito para uma época em que as realizações dos projetos arquitetônicos mais inovadores eram bastante difíceis. Nesses clubes pretendia-se afirmar a pesquisa da síntese entre inovações formais e sociais anunciadas pelo programa do socialismo a partir das interpretações particulares do “arquiteto do prédio”. As pesquisas de Melnikov carregam tanto a funcionalidade quanto a tradução plástica das funções: ele introduz nesses edifícios os princípios dos volumes transformáveis, das salas de dimensões variáveis segundo o uso que se quer fazer delas: produz-se um plano livre e flexível para este lugar cuja função social deve necessariamente se modificar ao longo do tempo (e dos desejos de expressão de cada época). Não à toa, Melnikov é acusado de “romantismo”.

Tratava-se de pesquisas que deveriam alcançar a um novo tipo de edifício público, às relações sociais de novo tipo, pesquisas sem tradição, sem programa claro. O tema do clube era um dos temas essenciais desta época, atrás apenas do tema da habitação. Escrevia-se muito a respeito dos clubes (ver: *Arkhitektura Kluba*, Arquitetura do Clube. Moscou, 1929), e em particular sobre aqueles de Melnikov. Eles excitavam a imaginação. Eram inabituais, paradoxais e não pareciam a nada conhecido, mesmo entre eles. Melnikov buscava as múltiplas variantes possíveis desse tema sem deter-se a nenhuma, sem canonizar a nada, recomeçando a cada vez desde o início.

Y. Guertchik, *Sovetskaiia Arkhitektura* n°8, 1966¹²²

DOM KOMUNA (CASA-COMUNA)

A reflexão sobre a habitação é, de longe, um dos aspectos essenciais da obra construtivista. Seria pela renovação da forma de habitação que se passaria a renovação completa da noção de cidade (ou não-cidade), alcançando uma nova forma de ocupação do território (*sotsialisticheskoe passeleniè*) que caracterizasse o sistema comunista.

¹²¹ Esse aspecto de propaganda aparece no discurso de Serge Kirov (dirigente bolchevique entusiasta da monumentalidade construtivista) no congresso dos soviets em 30/12/1922; este discurso aparece transcrito na obra *Ville et Révolution* de Kopp.

¹²² Apud KOPP, 1967. P.114.

Nos primeiros anos da União Soviética, nem os bairros precários herdados da época do regime czarista, nem os imóveis burgueses divididos entre diversas famílias representavam os “novos condensadores sociais” que a engrenagem da máquina socialista necessitava. Os primeiros bairros operários construídos pelo regime soviético traziam concepções diferentes daqueles tipos pré-revolucionários, no entanto esta diferença era mais evidente na concepção do bairro do que na da moradia em si. As escolhas arquitetônicas feitas sob as condições técnicas e econômicas daquele momento não permitiram senão a construção de apartamentos no modelo familiar, apenas enxugados das dependências mais irrelevantes e diminuídos em proporção.

Diante dos contrassensos que se impuseram com a implantação desse tipo de habitação unifamiliar em larga escala, era preciso encontrar um meio mais barato, mais rápido e mais revolucionário na esfera do morar. Uma habitação, contudo, deve satisfazer determinadas funções ligadas a esfera particular da vida cotidiana: os cuidados pessoais de higiene, a lavanderia, o descanso, etc. Ora, mas era justamente através da interferência no escopo das atividades particulares que se poderia lançar bases para a formação do novo indivíduo dentro de uma nova sociedade mais coletivista. Para tanto, era necessário introduzir na construção noções até então novas de tipificação e standardização, apelando a novas técnicas e materiais. Poderia-se, assim, transformar a condição do habitat em dois sentidos: primeiro, otimizar o uso do espaço por volume construído e, segundo, criar o “condensador social” essencial, pela importância central que a habitação tem na vida particular.

A partir desta premissa, métodos de projeção mais racionais e científicos foram empregados pelas associações de arquitetos construtivistas para a definição da “expressão arquitetônica” dessa habitação de novo tipo e de seu programa construtivo. É introduzida então a noção de células-tipo para morar, e tais pesquisas se dedicam não apenas a concebê-la em si mesma, mas também a estruturar seu arranjo em grupos, formando um edifício que, tendo ele de cumprir diversas necessidades do habitat, não seria apenas uma justaposição de células de habitação, mas um organismo social bastante complexo. A este edifício habitacional que responde às necessidades do novo modo de vida da sociedade, que implica seus moradores na construção de uma sociabilidade mais comunitária, deu-se o nome de Casa-Comuna (*Dom-Komuna*).

Em 1929 o Stroikom (Comitê pela construção da República Socialista Federativa dos Sovietes da Rússia), dirigido por arquitetos da OSA, lança um relatório de seus estudos neste domínio, a ser apresentado a uma assembléia composta por dirigentes do partido, por representantes dos organismos de planificação da economia e do território, técnicos e usuários dos serviços públicos. Este relatório apresenta cinco tipos de células, estabelecidas segundo as bases normativas legais para as áreas de superfície construídas na URSS, correspondendo a programas diferentes e comportando, portanto, diversas variantes. Dessas células, apenas uma, a célula de tipo F, que ficara conhecida na arquitetura pelo nome de célula de Stroikom,

apresenta um tipo de habitação completamente novo à época, sendo correspondente ao espírito de transformação total do modo de vida que os construtivistas vislumbravam naquele momento.

Consideramos que um dos aspectos importantes que devemos levar em conta na construção dos novos imóveis e a dialética do desenvolvimento da vida. De fato, o conjunto habitacional constituído de células do tipo F já e um organismo novo, que nos conduz a uma forma de vida superior, em direção a casa de tipo comunal – mas que ESTIMULA a passagem para essas novas formas, sem DECRETÁ-LAS. (...) A existência de uma via horizontal: o corredor iluminado permitira a integração orgânica [dentro do prédio] de uma cantina pública, de salões de repouso ou leitura, de salas de banho, etc., fazendo de todos os lugares locais integrantes de uma nova sociabilidade.¹²³

De fato, a célula de Stroikom preserva os valores essenciais da vida aquela época, mesmo em forma comunitária: a vida em família, a separação das famílias vizinhas, a possibilidade de isolamento, etc. Não se encontra, em nenhuma parte, proposições tendentes a instauração imediata e total de uma vida comunitária, a abolição da família, ao distanciamento dos filhos em relação aos pais. Essas aspirações a rompantes totais com a moral burguesa apareceram de fato nos debates, e chegaram mesmo a serem pensadas arquitetonicamente, mas jamais foram realizadas – o que Guinzbourg temia era que a concretização “por decreto” do novo modo de vida contribuísse a criar um “modo de vida infernal”.

A mais famosa realização das células de Stoikom e o imóvel construído pelo próprio Guinzbourg e Ignaty Milinis a partir de 1928, e concluído em 1932 (apenas dois dos quatro edifícios planejados), dedicado aos trabalhadores do comissariado de finanças (Narkomfin), ficando popularmente conhecido por este nome. Os prédios do Narkomfin¹²⁴ contavam majoritariamente com células do tipo F, com alguma presença de células do tipo K (que ainda provia espaço para filhos e cozinha). É curioso notar que a assim chamada “penthouse”¹²⁵ foi construída para ser ocupada pelo Comissário em pessoa, o partidário bolchevique Nikolai Militem.

Antes do modelo de habitação celular de Stroikom, diversos projetos e concursos sobre o tema da Casa-Comuna já haviam sido realizados desde os primeiros anos da União Soviética. Em 1925 o Soviete de Moscou lançou um concurso para um projeto de Casa-Comuna:

Uma vida nova exige formas novas. Mas tais formas não existem ainda enquanto a humanidade já tem necessidade. O dever dos arquitetos e de as descobrir, informando-se com as massas sobre suas novas necessidades. Eles devem criar este instrumento da vida nova, eles devem torná-lo menos caro que o modo de habitar antigo. Para conhecer a direção das pesquisas dos arquitetos, para saber em qual medida eles já descobriram estas

¹²³ Apud KOPP, 1967. P.177

¹²⁴ Há mais de trinta anos os prédios do Narkomfin estão abandonados, e hoje dão lugar a uma ocupação. A condição atual das obras arquitetônicas do construtivismo russo realizadas a época, bem como os usos que hoje são feitos delas, foram documentados no filme *Away From All Suns* (dir: Isa Willinger, Rússia-Alemanha, 2013).

¹²⁵ Nome dado aos apartamentos construídos em forma de casa no topo dos prédios, sendo tipicamente mais luxuosos e espaçosos – dispo de varanda com vista privilegiada.

formas indispensáveis ao novo modo de vida da classe operaria, a presidência do Mossoviet declara o concurso aberto.¹²⁶

O conjunto habitacional deveria comportar todos os elementos que se tornarão o programa obrigatório das Casa-Comuna: refeitório, cozinha industrial, locais de serviços coletivos, lavanderia, etc., assim como uma certa quantidade de locais de repouso ou para usos culturais. O programa insiste sobre o isolamento fônico, sobre a necessidade de prever elementos de organização [mobiliário] incorporados a construção (o que na URSS de 1925 era uma noção completamente nova), e precisa que a parte reservada a moradia propriamente dita seja composta de quartos individuais de 9m², podendo ser reunidos entre eles no caso de acomodar uma família.

Os primeiros programas de Casa-Comuna contemplavam uma população de 750 a 800 pessoas (o concurso aberto em 1925 pelo Soviete de Moscou estabelecia que o quadro geral de habitantes deveria ser composto por 10% de solteiros, 30% de casais sem filhos, e 60% de famílias de 3 a 5 pessoas). Mas a evolução dos projetos das Casas-Comuna tenderia a inflá-los, integrando em um único complexo os equipamentos técnicos, sociais e culturais que normalmente serviriam a um bairro inteiro: biblioteca, clube, escola, jardim de infância, creche, serviços, centros esportivos, etc. Assim, os projetos crescem progressivamente em volume e em numero de habitantes.

A questão da transformação do lugar social da mulher era uma das primeiras pautas da instauração do socialismo na União Soviética, baseada no ideal da equidade de gêneros como condição para a construção de uma sociedade realmente justa e igualitária. Assim, muito se falava sobre a libertação da mulher das tarefas privadas, da “escravidão domestica”. Esta preocupação legítima fazia parte da necessidade criada pela aceleração da industrialização do país, que exigia emprego universal de mão-de-obra, convocando ao trabalho produtivo toda a quota da população até então não-ativa: as mulheres. A Casa-Comuna serviria de dispositivo social para integrar a mulher a esfera econômica produtiva.

Assim, a sociedade é esquematicamente concebida e composta exclusivamente por produtores. Todo mundo trabalha na fábrica, e nasce a ideia de que a usina e a casa (e seus prolongamentos) são os dois únicos pólos entre os quais oscila a vida cotidiana de absolutamente todas as pessoas. Integrado a um coletivo de trabalhadores, cada individuo tem uma vida regrada em seus mínimos detalhes, programada em consonância com a dinâmica da cidade, inserida num complexo industrial regional – e este, por sua vez, alinhado a todo um projeto de planificação territorial voltado para a modernização da economia. Assim, a própria noção de cidade vai ganhar a imagem de um único arranjo espacial integrado de empresas industriais e Casas-Comuna.

¹²⁶ N. Popov-Sibriak, editor-chefe da revista CA, no prefácio que anuncia o lançamento do concurso (1925). Apud KOPP, 1967. P.182

A fábrica deixou de ser entre nós um estabelecimento detestável, um lugar feito para ganhar dinheiro. Sabe-se hoje que o trabalho deve ser a mais bela ocupação do homem... A fábrica tornou-se um verdadeiro ambiente de formação do novo homem social. Pode-se mesmo dizer uma escola superior. Assim, a fábrica está se tornando um ambiente de socialização.

El Lissitzki

“A Reconstrução da Arquitetura na Rússia e outros escritos”, 1929¹²⁷

Apesar dos enormes esforços em planejar a habitação como um “novo condensador social” efetivo, o principal “condensador social” desta época deveria ser a fábrica. Pois no momento em que a industrialização do país é o problema decisivo para o estabelecimento do socialismo, a usina torna-se o maior vetor da urbanização.

Sobre os canteiros dos grandes complexos hidroelétricos ou industriais migram os até então camponeses das regiões mais próximas. Eles são incorporados, num primeiro momento, como operários na construção das próprias instalações da usina, e em seguida passam a trabalhar nas fábricas que eles próprios construíram. Eis aí o modo como efetivamente se deu o salto mortal da industrialização acelerada da União Soviética e a modernização daquilo que os construtivistas exaltavam como *novy byta*. Assim, aqueles arquitetos que, ao lado dos engenheiros, desenharam a edificação das bases industriais da URSS, se viam como os “criadores” do ambiente construído correspondente àquilo que se exaltava como um dos principais “condensadores sociais” do socialismo. Neste contexto, foi inaugurado o Instituto para a Organização Científica do Trabalho e a Mecanização do Homem que, dirigido por Alexei Gastev, aplicava-se ao estudo da racionalização extensiva e intensiva dos processos produtivos e da vida em geral. Esta sistematização pretendia abranger a estratégia nutricional, a funcionalização do habitat, o condicionamento no trabalho, a seriação dos procedimentos e a dinâmica informacional, objetivando a maximização do rendimento. Propagava-se assim máximas de comportamento nas fábricas:

Visão aguda, ouvido fino, vigilância, informação exata!
Luta incessante, domínio do corpo!
Golpe potente, pressão calculada, repouso controlado!
Alto grau de organização, agilidade!¹²⁸

O progresso da arquitetura industrial no mundo inteiro foi avassalador a partir dos anos vinte, e a arquitetura industrial soviética desta época carregava características bastante representativas. A primeira delas é a participação dos arquitetos neste domínio, que na maior parte do mundo fica nas mãos apenas dos engenheiros. Em seguida, há o fato de que, em uma sociedade cujo proletariado deve ser a classe dirigente, a fábrica “deve se tornar o verdadeiro palácio do trabalho”. Por fim, as usinas eram criadas *ex nihilo*, ou seja, a partir do nada, o que

¹²⁷ Apud KOPP, 1975. P.86

¹²⁸ Apud AZEVEDO, 2005. p.78.

permitia que fossem projetadas integralmente como conjuntos articulados, diferentemente das estruturas industriais já presentes nos Estados Unidos ou na Europa ocidental. Por conta desse contexto, as indústrias soviéticas puderam ser concebidas enquanto “obras arquitetônicas”, seus projetos realizados como se fossem a transcrição racional dos processos industriais em curso em todo o mundo:

A última palavra do capitalismo sobre esse ponto, ou seja, o taylorismo, contém, junto à refinada crueldade da gestão burguesa, a série de descobertas científicas mais férteis que já existiram... É necessário estudar e ensinar na Rússia o sistema de Taylor, temos que experimentá-lo sistematicamente e adaptá-lo às nossas necessidades

Lênin, 1918¹²⁹

Quando em dezembro de 1917, pouco mais de um mês depois da Revolução, Alexandre Vesnine foi designado como arquiteto da primeira central elétrica projetada na proximidade de Moscou, abriu-se a frente para que os arquitetos passassem a se ocupar das demandas industriais, o que, por sua vez, contribuiu para que a própria escola do construtivismo russo, o VKhUTEMAS, fundasse seu programa sobre técnicas industriais. Ou seja, a formação arquitetônica do construtivismo russo foi particularmente forjada ao reivindicar para si o estatuto da racionalidade científica, tomando os processos industriais como seu objeto próprio de estudos. Escritórios de engenharia são criados pelo Estado com a participação dos arquitetos construtivistas, que se especializam em domínios particulares (produção de energia, cimento, construções mecânicas, etc.) ou trabalham em bases regionais articulando diferentes processos industriais.

É então que se inicia na União Soviética uma atividade industrial crescente e ininterrupta, que encontrará sua plena expansão com o estabelecimento dos planos quinquenais, transformando toda extensão de seu território. De fato, a 'construção industrial' torna-se rapidamente a atividade essencial da 'indústria da construção' soviética, e assim o país passa de economia majoritariamente agrária a potência industrial mundial.

No mais, os centros industriais são elementos importantes da paisagem urbana soviética, isso porque eram eles próprios os agentes da urbanização. O arquiteto construtivista Iuri Larine (filho do famoso bolchevique Nicolai Bukarin) defendia que no regime socialista o zoneamento não separaria as indústrias dos grandes centros urbanos, uma vez que “as fábricas-palácio, inteiramente eletrificadas, não produzindo nem poeira nem fumaça” poderiam ser instaladas no interior de bairros residenciais. Indo ao limite deste pensamento, a composição urbano-industrial que vislumbrava a utopia construtivista, ao ser traduzida para a linguagem arquitetônica, não poderia lançar mão de outra estética senão aquela da engenharia geométrica máquina.

¹²⁹ Apud AZEVEDO, 2005. p.78.

O comportamento do proletário deve reproduzir a precisão cronométrica da máquina e da eletricidade: o trabalhador não é, tal como se dá pela tirania do Capital, extensão viva da maquinaria, mas parte de uma mecanização integrada dos processos que, produtivos, entre produtos produzem produtores, parcelas do trabalhador coletivo que constrói, na sociedade, o socialismo.¹³⁰

Finalmente, o *modo de vida* socialista, a perestroyka byta, é ordenado de tal modo que corresponda à própria vontade do proletário, mesmo que ele ainda não conheça. Pela consciência da necessidade, realizaria-se a liberdade do homem, que entenderia ser essa a sua autodeterminação. O trabalho cadenciado da fábrica encerraria, para isso, exatidão pedagógica:

A fábrica converteu-se, através de sua exata distribuição do tempo, de seu ritmo de trabalho, pelo qual cada indivíduo se insere na responsabilidade comum, em verdadeiro lugar de formação, a universidade do novo homem social

El Lissitzki

“*A Reconstrução da Arquitetura na Rússia e outros escritos*”, 1929¹³¹

¹³⁰ AZEVEDO, 2005. P.77

¹³¹ Apud AZEVEDO, 2005. p.77.

CAPÍTULO CINCO

CRÍTICA AO ESPAÇO ABSTRATO

ESTRUTURA E IDEOLOGIA DO PLANO

Historicamente, ciências estruturalistas como a semiologia ou o próprio “urbanismo” foram instituídas como fundamento da crítica formal aos objetos espaciais gerais – fossem eles da escala das mãos, da construção ou da região: uma obra de arte, uma cidade, ou até mesmo determinado arranjo territorial, tudo o que é objeto é passível de ser interpretado por estes métodos. Porém, como já anunciado, a intenção aqui não é apenas a de formular uma concepção crítica a determinadas formas arquitetônicas e urbanísticas, vai além disso: deve ser uma crítica aos próprios instrumentos teórico-metodológicos desta crítica.

Tais interpretações ditas estruturalistas tendem a entender a relação de objetos *no* espaço (partem do preceito de *organização* do espaço), mas não propõem um conhecimento *do* espaço (como *produção* do espaço, este enquanto produto em si mesmo e não soma de objetos produzidos). É contra esta tradição crítica formalista que se faz necessária a produção de uma crítica à *economia política do espaço*, afim de conceber um pensamento teórico capaz de desarmar as operações ideológicas da arte, da arquitetura, e do planejamento espacial em geral. O que a crítica espacial propõe, a partir da noção de produção do espaço, é explicitar todas as contradições implicadas no funcionamento desta idéia, destrinchando-a camada por camada, sem descuidar das nuances de sua complexidade. Ou seja: analisar através da dialética materialista um tipo histórico de marxismo estruturalista.

A visão funcionalista e racionalizada do sentido que o espaço social carrega para os construtivistas é ilustrada pela imagem geometrizada da *Cidade-Máquina*: na ordenação mecânica pela qual esta regula a vida cotidiana, na tecitura de um território a ser ocupado não pela apropriação livre da população, mas segundo a eficiência da produção. Toda esta concepção espacial baseia-se, como já apresentado, no preceito lógico-formal de “organização do espaço”:

Assim, o arquiteto não se sentirá mais como o decorador da vida, mas como seu organizador (...). O racionalismo e o contexto técnico atual dão luz a um outro aspecto do novo estilo, rico em potencialidades. Trata-se da estandardização da produção em questão de construção, da fabricação massiva e mecanizada dos detalhes arquiteturais, de elementos constitutivos inteiros, etc. A qual escala deve-se constituir a arquitetura contemporânea? A uma escala de amplitude sem precedentes, à escala de conjuntos grandiosos, de complexos urbanos inteiros, à escala dos problemas que pela primeira vez

se põem a nós em toda sua amplitude, à escala da urbanização compreendida em seu sentido mais amplo (...)

Moise Guinzbourg, *Estilo e Época*. Moscou, 1924¹³²

Ao arquiteto soviético cabia, portanto, o trabalho de *organização* do espaço social. A escala da intervenção sobre o real determina que o edifício, sua situação, sua distribuição, sua função, derive da totalidade espacial ao mesmo tempo que a componha. Simultaneamente a isso, o processo que industrializa a produção dos edifícios é o mesmo que transforma a industrialização em urbanismo. O espaço social é, portanto, entendido como um dispositivo todo constituído de partes integrantes, cada qual com uma função específica, à semelhança da divisão técnica do trabalho. Tal distribuição científica das funções específicas deve operar os mecanismos de produção e reprodução desta sociedade. Assim, é possível notar que em todas as escalas do projeto construtivista o espaço aparece profundamente fragmentado e decupado em suas especializações e cada fragmento ligado ao outro, e ao todo, numa trama hierarquizada de formas-funções. Esta trama, por sua vez, acaba por recobrir todo o espaço social como um tecido homogêneo, de modo que só é possível entendê-lo por um movimento de abstração.

Seguindo tais premissas, a ideia de *Cidade-Máquina* só poderia ser concebida segundo a perspectiva estruturalista que reduz os elementos da forma urbana a signos puros, o que constrói sua própria estrutura como conjunto de relações tautológicas, que se remetem entre si mesmas num máximo de “entropia negativa”. O que isso significa? Este é um termo da teoria de sistemas, ciência estruturalista por excelência, que diz respeito à interação dos elementos de um sistema, resultando em seu pleno funcionamento. A teoria de sistemas faz parte do universo das “linguagens da programação”, ou seja, de um escopo de “técnicas de análise que partem precisamente da aplicação de teorias neopositivistas”¹³³. Esta imagem parece ser coerente com o modo como os próprios construtivistas encaravam a arquitetura e o urbanismo em consonância com toda a estética que propunham para as artes plásticas de modo geral: a imagem tridimensional faz alusão ao plano cartesiano e à geometria euclidiana, bases da concepção espacial construtiva: “Com a razão cartesiana, o espaço entra no absoluto. Objeto diante do Sujeito, «res-extensa » diante da «res-cogitans», ele domina pois os contém: os sentidos e os corpos”¹³⁴.

Eis a grande crise do construtivismo russo: a complexidade multifacetada da contradição entre teoria e prática no que diz respeito à concepção espacial. A aposta residia sobre a identidade imediata entre projeto social e projeto espacial. Seu fundamento ideológico, como os próprios ideólogos do Partido Comunista definiam, era a “doutrina marxista”, baseada em uma compreensão do tempo social (historicidade) impulsionada adiante pelas forças produtivas, orientadas de maneira satisfatória (otimista) pela racionalidade industrial, proletária, revolucionária. Para que se realizasse, acreditavam no estabelecimento de uma hegemonia de classe, prevendo o papel da classe operária na construção de uma outra sociedade. A hegemonia

¹³² Apud KOPP, 1975. p.191

¹³³ TAFURI, 1985. p.109

¹³⁴ LEFEBVRE, 2000. p.7

deveria ser exercida sobre a sociedade inteira, cultura e saber incluso – dominando, portanto, as instituições e as representações espaciais.

No limite, esta “ciência do espaço” esboçada nos projetos construtivistas seria, como descreve Lefebvre, uma *ideologia tecnocrático-funcional-estruturalista*: confia a um tipo de “mecanologia”, ciência geral de dispositivos técnicos, a exploração da realidade material, do conhecimento e do espaço social. Assim, se traduziria em emprego político do saber, que se integra às forças produtivas de maneira cada vez mais imediata, e serve de mediação às relações sociais de produção. Esse socialismo científico reivindicado pelo construtivismo contém, por sua vez,

uma utopia tecnológica, simulação ou programação do futuro (do possível) nos quadros do real, quer dizer, do modo de produção existente. Operação que se cumpre a partir de um saber integrado-integrador no modo de produção. Esta utopia tecnológica, que preenche os romances de ficção-científica, se encontra em todos os projetos concernentes ao espaço : arquitetônicos, urbanísticos, planejadores.¹³⁵

Ou seja : uma utopia da tecnocracia!

O racionalismo da arquitetura funda-se, como o técnico, sobre o princípio de economia. A diferença consiste em que o racionalismo técnico é uma economia de trabalho e de material, visando uma edificação racional, enquanto que o racionalismo da Arquitetura é economia de energia psíquica visando a uma percepção das propriedades espaciais e funcionais do edifício. A síntese de ambos em uma mesma construção consiste na rácio-arquitetura.

Nikolai Nadovski, *Fundamentos para a Elaboração de Uma Teoria da Arquitetura*, 1926.¹³⁶

Essa pretensão de domínio “racional” do futuro, da eliminação do risco que este comporta, propõe uma versão mistificada do funcionamento da realidade e da utopia. No caso da vanguarda construtivista, localizada no seio do Estado soviético que se estabelecia, o termo de *superação* é encarado como resultado de uma mecânica dialética marxista. Isto porque a ideologia se transforma em utopia num movimento de racionalização total do porvir, como prefiguração de um momento final abstrato do desenvolvimento que consumaria a realização da dialética. Para falar apenas do campo teórico-metodológico do projeto construtivista (sem entrar aqui na discussão sobre a práxis efetiva da U.R.S.S. naquele momento da história, discussão fundamental que ainda deve aparecer neste trabalho), sua dialética se mostra positiva, pois a suposta superação dos termos em contradição só poderia se realizar, de fato, como manutenção da contradição, que seria reposta em novos termos. É preciso considerar que há efetivamente, por parte desta vanguarda, um reconhecimento do irracional que existe no sistema, do negativo que há nele, mas de forma desgarrada do que esta positivamente estabelecido. O problema reside então na convicção nos instrumentos capazes de fazer funcionar o positivo separado da sua negatividade, em permitir uma divergência dos dois termos, sem se dar conta da sua complementaridade. O plano construtivista de um mundo formalmente organizado é de uma positivação dilacerante, e a recusa da contradição é premissa para a objetividade e racionalidade da programação. Como se a

¹³⁵ LEFEBVRE, 2000. p.16.

¹³⁶ Apud AZEVEDO, 2005. p.66.

máquina, depois de alguns reparos estruturais, tendo trocado suas peças principais, pudesse funcionar perfeitamente, sucessivamente, autossustentavelmente, seus resíduos servindo de insumo ao seu próprio motor. Este é o lugar da utopia, o fim da história, onde o processo social se auto regula mecanicamente, sem contradições.

A ideologia modernizadora das vanguardas supera a arquitetura para alcançar a escala de *ideologia do Plano*. O que Tafuri sugere é que esse momento é posto em crise quando, após a crise econômica de 1929, através da elaboração de teorias anticíclicas e da reorganização internacional do capital e após o lançamento do Primeiro Plano Quinquenal na Rússia soviética, a função ideológica da arquitetura parece tornar-se supérflua ou limitada a desempenhar tarefas e retaguarda e apoio marginal.

Na URSS, entre 1920 e 1930, houve uma imensa efervescência criadora. De uma maneira extraordinária, essa sociedade, convulsionada pela revolução, produziu superestruturas profundamente novas (surgidas das profundezas). E isso em todos os domínios, aí compreendidos a política, o urbanismo, a arquitetura. Essas superestruturas brotaram antecipadamente em relação às estruturas (relações sociais) e a base (forças produtivas). Teria sido preciso que a base e as estruturas avançassem, saindo de seu atraso, para que se pusessem ao nível das superestruturas nascidas da criatividade revolucionária. Esse foi o problema para Lênin durante seus últimos anos. Quem o ignora nos dias de hoje? (...) O pensamento arquitetural e urbanístico não pode derivar apenas do esforço da reflexão, apenas da teoria (urbanística, sociológica, econômica, etc).¹³⁷

É nesse sentido de Lefebvre que o entendimento da produção do espaço abre perspectiva para uma crítica espacial. O próprio autor propõe a constituição de um corpo teórico-metodológico de “crítica do espaço”, pois seu “objeto” tem tanta ou maior importância e influência do que os objetos estéticos da “crítica de arte”, ou “crítica literária”, etc. A existência de uma crítica arquitetônica e urbanística se impõe: suas razões e fundamentos estão no modo como o ambiente construído da sociedade influi na vida (e vice-versa).

O ponto de partida para uma crítica espacial que tem como objeto um projeto que não foi realizado de fato (pelo menos não plenamente), é o fato de que uma distância se impõe separando o espaço “ideal”, desdobramento de categorias “mentais” (segundo uma lógica formal), do espaço “real”, aquele da prática social. Mesmo que um termo implique, ponha e suponha o outro. Portanto, se a maioria dos planos construtivistas nunca tomou forma para além dos papéis, dos modelos tridimensionais ou mesmo dos discursos, então esta transposição do ideal para o real não pode ser imediata. Isso porque a racionalidade máxima, ou seja, o estatuto científico ao qual o socialismo soviético reivindicava, considerava que o espaço cartesiano/euclidiano da lógica matemática (que abriga o estudo das formas, volumes e dispositivos arquitetônicos) teria correspondência direta com o espaço onde se desenrola a vida social. Havia uma ilusão de transparência entre o espaço mental e o real, e exatamente esta falsa relação de identidade que a teoria da produção do espaço se preocupa em desmistificar.

¹³⁷ LEFEBVRE, 2008. p.165.

Para entender a produção do espaço é preciso retomar a economia política como conhecimento da atividade produtiva. Mas sem se tratar de uma economia política das coisas no espaço: trata-se de uma economia política do espaço, de sua produção. Se cada modo de produção produz seu próprio espaço, então os momentos de transição de modos de produção produzem espaços novos. Nesse sentido, a *produção* e tomada em seu sentido mais amplo: não se liga a um lastro econômico apenas, mas aos desdobramentos mais abstratos de sua materialidade (e vice-versa). O espaço produzido implica um processo significante, produzido junto com ele, ao mesmo tempo que é justamente o significado social desse espaço que justifica sua produção. Essa reciprocidade entre significante e significado (que se assume negativa e positivamente) nos faz pensar na necessidade de se formular um estudo da linguagem do espaço. Eis a questão: no lugar de se insistir no rigor formal dos códigos, como numa lingüística estruturalista, a noção de produção do espaço nos permite dialetizar a noção. A análise precisa se situar em uma relação prática, na interação dos “sujeitos” com seu espaço. Ou seja, a crítica espacial não pode se pautar nos limites da forma: é preciso por em questão seus conteúdos, as práticas sociais (espaciais) inerentes a essas formas.

A *prática espacial* consiste em uma projeção “localizada” de todos os aspectos, elementos e momentos da *prática social*, os separando, sem abandonar um instante do controle global, quer dizer a sujeição da sociedade inteira a *prática política*, ao poder do Estado. O pensamento reflexivo tanto confunde quanto separa os “níveis” que a prática social discerne, colocando ainda a questão de suas relações. Tais “níveis” seriam designados pela dimensão do habitar, da habitação ou “habitat”, concernente a Arquitetura. A cidade, o espaço urbano, remete a uma outra especialidade: o Urbanismo. O espaço mais amplo, o território (regional, nacional, mundial) trata de uma competência diferente, aquela dos Planificadores, ou Economia-Política. Tais especialidades recaem umas sobre as outras. No caso do construtivismo russo, o fato de seus projetos nunca terem ultrapassado do primeiro plano – o arquitetônico – já demonstra o descompasso entre esses (des)níveis do espaço, ainda que tenham sido concebidos de modo racionalissimamente orquestrado.

Em todas as escalas do planejamento soviético dos anos vinte, da arquitetura, ao urbanismo, ao planejamento territorial, o espaço aparece profundamente fragmentado e decupado em suas especializações – estas ligadas as atividades produtivas ou reprodutivas da sociedade, e cada fragmento ligado ao outro, e ao todo, numa trama hierarquizada de formas, com conteúdos políticos bem precisos. Trama esta que, por sua vez, corresponde aquilo que Lefebvre descreve como um tecido homogêneo que recobre o espaço social (*espaço abstrato*). No limite, o projeto espacial do construtivismo russo, concebido a imagem de uma máquina social, assume o espaço fraturado na homogeneidade do conjunto, criando o habitat arquitetônico para um “sujeito” quase autômato, nos limites de um indivíduo circunscrito por uma sociedade de massa.

Para se entender melhor como se engendram estes (des)níveis do espaço social, é preciso compreender que a noção de espaço social carrega consigo a complexidade do real e do formal.

O espaço (social) é um produto (social). E enquanto o espaço for assim produzido, serve tanto de instrumento para o pensamento quanto para a ação, e ao mesmo tempo um meio de produção e um meio de controle (de dominação e poder). As forças sociais e políticas (estatais) que o engendram tentam ordená-lo. É um espaço abstrato mas também real. É concreto, mas não da mesma forma que um produto/objeto qualquer. É instrumental, mas como o conhecimento, transborda sua instrumentalidade. Se reduziria a uma projeção, a uma “objetivação” do saber? Sim e não: o saber objetivado em um produto não coincide mais com o conhecimento teórico.

Assim se explica a “falência” da utopia socialista na realização da construção do Estado soviético. Seu fundamento ideológico, como os próprios ideólogos do Partido Comunista tratavam, era a “doutrina marxista”, baseada em uma compreensão do tempo social (historicidade) impulsionada adiante pelas forças produtivas, orientadas de maneira satisfatória (otimista) pela racionalidade industrial, proletária, revolucionária. Para que se realizasse, acreditavam no estabelecimento de uma hegemonia de classe (na acepção gramsciana), prevendo o papel da classe operária na construção de uma outra sociedade. A hegemonia deveria ser exercida sobre a sociedade inteira, cultura e saber incluso – se exerce, portanto, sobre as instituições e as representações.

Aqui entra um cuidado analítico interessante que é não descartar, no movimento de análise dos fenômenos urbanos (da morfologia prático-sensível-material e social da cidade), “o emprego de todos os instrumentos metodológicos: forma, função, estrutura – níveis, dimensões – texto, contexto – campo e conjunto, escrita e leitura, sistema, significante e significado, linguagem e metalinguagem, instituições, etc.”¹³⁸ – justamente para tentar contemplar todas as versões e os avessos do problema. O que inclui, portanto, assimilar o próprio vocabulário técnico dos mais variados tipos de “especialistas no assunto” para, assim, ampliar o léxico pelo qual se explicitam as contradições. Mas o que importa para esta prática teórica, no entanto, é o esforço em superar os termos analíticos como estão postos. A este respeito, seguem duas citações, de Henri Lefebvre (2008) e Manfredo Tafuri (1985), respectivamente:

Entre os sistemas de significações, há margem para se estudar com a maior atenção (crítica) o sistema dos arquitetos. Acontece frequentemente que homens de talento acreditam estar no âmago do conhecimento e da experiência quando na verdade permanecem no âmago de um sistema de grafismo, de projeção para o papel, de visualizações. Com os arquitetos, do seu lado, tendendo para um sistema de significações que geralmente chamam “urbanismo”, não é impossível que os analistas da sociedade urbana, agrupando seus dados fragmentados, constituam um sistema de significações um pouco diferente, que eles também chamam de urbanismo e cuja programação confiam às máquinas.

LEFEBVRE, 2008. p.71

¹³⁸ LEFEBVRE, 2008. p.65

Não é, portanto, lícito interrogarmo-nos sobre se as técnicas de análise da linguagem podem ser utilizadas em abstrato pela investigação histórica. Do nosso ponto de vista [*do pesquisador comprometido com a crítica espacial*], apenas deve ser examinada a hipótese de usar alguns dos seus parâmetros, em função de uma crítica intencionalmente “exterior” à obra considerada. Posto pois de parte o abraço conciliador entre marxismo e estruturalismo, há um dado que se mantém: também a ideologia, apesar de toda sua inefectividade, possui uma estrutura própria, histórica e transitória como todas as estruturas. Clarificar as suas características específicas e avaliar o seu grau de funcionalidade relativamente aos fins gerais que as forças dominantes se propõem, em determinadas fases do seu desenvolvimento, é o único contributo que uma crítica não puramente descritiva pode hoje oferecer.

TAFURI, 1985. p.113

A DIALÉTICA EM TRES DIMENSOES

Já que estamos tratando de representações e espacialidade, cabe aqui apresentar uma tríade proposta por Lefebvre que serve perfeitamente de chave interpretativa para as contradições construtivistas em três dimensões.

O espaço social contém entrecruzamentos de múltiplas relações, de produção e reprodução, em pontos assinalados. Quanto às representações das relações de produção, que envolvem as relações de poder, elas se efetuam também no espaço, e o espaço contém as representações nos edifícios, nos monumentos, obras de arte, etc. As relações frontais, normalmente brutais, não interditam completamente os aspectos mais clandestinos ou subterrâneos: não há poder sem cúmplices nem polícia.¹³⁹

Assim toma figura o espaço social em três dimensões. Seus termos:

Primeiro – *A prática espacial*: engloba produção e reprodução, lugares específicos e conjuntos espaciais próprios a cada formação social, que assegura a continuidade em uma relativa coesão. Esta coesão implica, naquilo que concerne ao espaço social e a relação de cada membro de tal sociedade com seu espaço, ao mesmo tempo uma certa *competência* e uma certa *performance*.¹⁴⁰

A prática social de uma sociedade segrega seu espaço; ela o põe e o supõe em uma interação dialética: ela o produz lentamente e seguramente, dominando-o e apropriando-o. À análise, a prática espacial se descobre decifrando seu espaço. Ela associa estreitamente no espaço percebido a realidade cotidiana (o emprego do tempo) e a realidade urbana (os percursos e redes que ligam os lugares de trabalho, da vida “privada”, dos lazeres). Associação surpreendente pois inclui nela a separação mais afastada entre esses lugares que religa. A competência e a performance espacial próprias a cada membro da sociedade não se apreciam senão empiricamente. (...) Uma prática espacial deve possuir uma certa coesão, o que não quer dizer uma coerência (intelectualmente elaborada: concebida e lógica).

¹³⁹ LEFEBVRE, 2000. p. 42.

¹⁴⁰ Termos tomado de emprestimo da linguística de Noam Chomsky, o que não subordina em nada a teoria do espaço a linguística.” Idem

Segundo – *As representações do espaço*: ligadas as relações de produção, a “ordem” que elas impõem e, por isso, aos conhecimentos, aos signos, aos códigos, as relações “frontais”. As *representações do espaço*, que dizer, o espaço concebido, aquele dos conhecedores, dos planejadores, urbanistas, dos tecnocratas “decupadores” e “agenciadores”, de certos artistas próximos da cientificidade, identificando o vivido e o percebido ao concebido. É o espaço dominante de uma sociedade (modo de produção). As concepções do espaço tenderiam (com algumas reservas) em direção a um sistema de signos verbais então elaborados intelectualmente. O construtivismo russo, por razões evidentes, pertence globalmente a esta categoria (e consequentemente se implica e se imbrica nas outras).

Terceiro – *Os espaços de representação*: apresentam (com ou sem códigos) os simbolismos complexos, ligados ao lado clandestino e subterrâneo da vida social, mas também a arte, que poderia eventualmente se definir não como código do espaço, mas como código dos espaços de representação. *Os espaços de representação*, quer dizer, o espaço vivido através das imagens e símbolos que o acompanham, portanto o espaço dos “habitantes”, dos “usuários”, mas também de certos artistas e talvez daqueles que descrevem e crêem apenas descrever: os escritores, os filósofos. É o espaço dominado, portanto submetido, que tenta modificar e se apropriar da imaginação. Ele recobre o espaço físico ao usar simbolicamente seus objetos. De modo que esses espaços de representação tenderiam (com as mesmas reservas anteriores) em direção a sistemas mais ou menos coerentes de símbolos e signos não verbais.

Estes três níveis, necessariamente articulados um ao outro, correspondem respectivamente ao espaço percebido, ao espaço concebido e ao espaço vivido, mas não em uma relação de identidade imediata, em que a imagem da cidade aparece colada a sua projeção e a sua dinâmica prática real. Estes (des)níveis carregam em si e entre si as contradições do espaço como simultaneidade de sua abstração formal e de sua prática sensível e social. Disso vem a aposta nessas categorias de análise para que a crítica se instale justamente no ponto nodal da contradição em três termos, apontando as inflexões entre o lugar político ideológico do construtivismo, o vislumbamento de seus projetos, e a realidade social que permitiu (ou não) que seus planos se tornassem concretos.

O grande valor histórico que se confere hoje as ditas vanguardas modernistas, naquilo que diz respeito as suas inovações pictóricas, é o fato de que estas revelavam a transformação social e política do espaço. Henri Lefebvre, ao tentar formular uma história do espaço social em *A Produção do Espaço*, toma por objeto de reflexão diversas obras da história da arte que se manifestaram como reflexo das práticas espaciais em transformação. Faz aí inclusive uma crítica assertiva ao domínio teórico-metodológico da História da Arte, que segundo ele coloca em parênteses a prática social para considerar apenas a plasticidade das obras como objeto de crítica. Nesse sentido, faz referências diretas as vanguardas do início do século vinte, e dá ênfase aos arquitetos construtivistas:

A arquitetura, nesse contexto [das vanguardas], se revelara a serviço do Estado, portanto conformista e reformista em escala mundial. Mas aí então seu advento e celebrado como uma revolução – mais que isso, como a revolução arquitetônica antiburguesa ! A Bauhaus, da mesma forma que Le Corbusier, exprime (quer dizer, formula e realiza) as exigências do capitalismo de Estado, quase nada diferentes das exigências do socialismo de Estado, lançadas no mesmo período pelos construtivistas russos. Estes mostraram mais imaginação (de caráter utopista) do que seus colegas ocidentais; e se passaram por reacionários em seu país [no período stalinista] enquanto que seus contemporâneos da Bauhaus se passaram por subversivos. O mal-entendido, que durou meio século, esta longe de ser dissipado: a ideologia e a utopia, indiscernivelmente misturadas ao saber e a determinação, ainda se mantêm.¹⁴¹

A ESCALA MONUMENTAL

A situação atual da ciência tecnológica que rapidamente progride e avança constantemente deverá gerar em sua dinâmica a arquitetura que até o presente não havia sido alcançada senão incidentalmente. Os novos organismos (que são) as obras dos engenheiros destinadas à produção em maior ressonância e mais próximas do movimento da vida contemporânea deverão derramar sua seiva neste outro domínio que constituem os monumentos arquitetônicos, lhes conferir um caráter resolutamente contemporâneo, ajudar a valorizar uma nova concepção de espaço arquitetônico (...)

Moise Guinzburg, *Estilo e época*. Moscou, 1924¹⁴²

Uma simples leitura de imagem dos projetos arquitetônicos e dos planos urbanos construtivistas já permite constatar, em primeira análise, a grandiloqüência de sua linguagem espacial. As proporções de suas proposições se destacam pelo gigantismo em relação à escala do corpo – ainda que seus componentes celulares apresentassem um coeficiente de espaço individual bastante apertado – e é de se considerar que a amplitude de suas ambições deveria ocupar todo o território russo, além das demais republicas soviéticas, nada mais nada menos do que o maior Estado do mundo. Escolher o termo “monumentalidade” para retratar o vocabulário espacial dos arquitetos e urbanistas construtivistas já soaria apropriado a principio, mas Lefebvre vai além desse sentido:

O espaço social, aquele de uma prática espacial, aquele das relações sociais de produção, do trabalho e do não-trabalho, relações mais ou menos codificadas, este espaço social se condensa em espaço monumental. O conceito de “condensador social” emitido pelos arquitetos russos entre 1920 e 1930 tem um alcance geral. As “propriedades” de uma textura espacial se concentram entorno de um ponto. Assim, cada espaço monumental torna-se o suporte metafórico e quase metafísico de uma sociedade, no curso de um jogo de substituições, o religioso e o político cambiando simbolicamente seus atributos: aqueles do poder. Então, a força do sagrado e a consagração da força se transferem uma para a outra, e dessa forma se reforçam. Ao encadeamento horizontal dos lugares do espaço se substitui então uma sobreposição vertical, uma hierarquia que segue seus caminhos para aceder ao lugar do poder, a disposição desses lugares.¹⁴³

¹⁴¹ LEFEBVRE, 2000, p.350.

¹⁴² Apud KOPP, 1975, p.191.

¹⁴³ Idem. p.259.

O espaço monumental não corresponde ao espaço arquitetônico, tomado como domínio de uma profissão especializada no interior da divisão social do trabalho. Para defini-lo, é preciso limitar as explicações simplesmente simbólicas (sem por isso rejeitá-las ou recusá-las). Não que o monumento não resulte de uma prática significativa, de um jeito de se apresentar um sentido, mas porque ele não se reduz nem a uma linguagem, nem a um discurso, nem as categorias e conceitos elaborados para o estudo da linguagem. O caso da obra espacial (monumento, obra da arquitetura) atinge a uma complexidade outra daquela de um texto, prosa, ou poesia. Trata-se de uma textura, e não de textos propriamente. De uma textura como um tecido que recobre um espaço (*abstrato*) geralmente vasto de redes e tramas diferentes, da qual os monumentos ocupam os pontos nodais. No monumento se reúnem todos os momentos (formais, funcionais, estruturais) da prática social.

Basicamente, o espaço monumental oferece a cada membro de uma sociedade a imagem de seu pertencimento e de sua faceta social, espelho coletivo mais “verdadeiro” que qualquer espelho individualizado. Deste espaço social, que reúne todos os momentos da produção da vida em *latius sensu* (dando a cada um desses momentos seu lugar devido), cada indivíduo tem sua parte e todos o têm como um todo. É esta a aposta que fazem os projetos construtivistas ao planejar condensar socialmente o “homem novo”. Espera-se deste a dissolução de suas aspirações mais subjetivas nos parâmetros de reconhecimento da/na massa. O canto em uníssono do proletariado aprendido como o coro mais sublime. No seio de um Poder e de uma Sabedoria instituídos, o monumento se realizaria como um “consensus” prático e concreto.

CAPÍTULO SEIS

DERIVA NA CIDADE MÁQUINA

A CONSTRUÇÃO CONSCIENTE DE SITUAÇÕES

À imagem difundida pela sociedade dominante deve-se opor uma *economia do desejo*, que se traduziria nos seguintes termos: sociedade tecnológica + imaginação do possível.

Internacional Situacionista, *Os meus dias acabarão*
Em: Revista Internacional Situacionista nº7, abril 1962

Inúmeras são as aproximações teóricas entre construtivistas russos e a Internacional Situacionista (I.S.). O modo como o ambiente construído influencia a construção subjetiva do indivíduo, a crítica à alienação na cultura moderna e à separação entre arte e vida, a necessidade de uma transformação radical do cotidiano como meio de superação do modo de produção capitalista, o destino do proletariado organizado como verdadeiro sujeito da História (eram os Sovietes análogos aos Conselhos Operários?), a própria formulação da teoria sobre a práxis revolucionária no interior de um grupo específico que se reivindica como vanguarda – tudo isso aparece na obra situacionista a partir da década de 50, mas já estava presente antes, nos anos 20, nos projetos e aspirações do construtivismo.

Que a I.S. seja tributária de uma tradição de esquerda radical na política e nas artes é uma constatação evidente. Até no campo semântico a noção de “situação” se aproxima à de “construção”. Não há, porém, nenhuma referência admitida às ideias construtivistas pelos situacionistas.¹⁴⁴ Mas para nos posicionar contra uma equivalência geral dos momentos da história, alguns apontamentos precisam ser feitos a respeito.

Se ambos os grupos se reivindicam marxistas, não o são da mesma maneira. Há uma grande diferença teórico-metodológica entre as duas formas de se apropriar dos textos de Marx. De forma vulgar, se poderia falar na contraposição entre uma lógica formal, positivista, e uma dialética particular (ora positiva, ora negativa, ou as duas coisas ao mesmo tempo).

Na obra situacionista, afirmação e negação das possibilidades aparecem como momentos de um mesmo movimento do pensamento, que se constrói, ele próprio, como um processo de

¹⁴⁴ Tendo já explorado muito os escritos situacionistas, sozinha e em grupo de estudos, não me recordo de nenhuma passagem com referência expressa aos russos. Se por acaso alguém (vocês mesmos, minha cara banca: Amélia, Glauco, Odette...) identificar um momento onde isso ocorra nas obras situacionistas, seja da própria I.S. ou a de seus autores em particular, por favor, não se esqueçam de me indicar.

simultânea crítica social e autocrítica. Essa dialética situacionista apontou, ao longo de seu desenvolvimento, em direção a uma perspectiva negativa da história – ainda que romântica, há quem diga. Sua síntese, no entanto, é materialista: marca o eterno retorno (como temia Nietzsche) ao mundo concreto.

Talvez esteja aí a ruptura mais elementar com a utopia construtivista: a negação situacionista à estrutura lógica positiva. É claro que a divergência se explica inclusive pelos contextos históricos e os cenários políticos em que os grupos estavam inseridos – a posição dos construtivistas obviamente tendia a ser mais afirmativa que a dos situacionistas. O contraste tava posto pela oposição Instituição versus Marginalidade, mas vai além disso. O que há por trás dessa querela é uma profunda divergência no campo da ética: quais instrumentos são dignos de apropriação para se operar a transformação da realidade?

Os construtivistas se concebem na luta armada, na guerra revolucionária – com o sangue da aristocracia e da alta burguesia nas mãos, tomam para si o Estado, suas instituições, valem-se das ferramentas da ciência. Os situacionistas, por outro lado, nascem da paz eufórica do pós-guerra, são filhos bastardos da glória do capitalismo avançado – recusam-se aos métodos tecnocráticos, e se fazem uso da Técnica, tomam-na de assalto. Assim, imaginando os “mesmos fins” no que diz respeito à transformação do modo de vida (ou, ao menos, se visam um cenário consideravelmente parecido), os primeiros admitem o Poder e a Geopolítica – os segundos querem, ao contrário, destruí-los.

No que diz respeito à categoria “espaço”, os situacionistas se dedicaram muito a debater as potencialidades e os constrangimentos da arquitetura e do urbanismo. A crítica – bastante inflamada – dos situs ao funcionalismo, ideologia constitutiva do construtivismo, se deve à ordenação produtiva do arranjo formal do espaço, que torna as aptidões dos lugares restritas a um uso programado. Assim, a ideologia funcionalista acaba com as possibilidades mais inventivas de se realizar a vida. Integra-se a ela uma pretensão de controle máximo de todos os momentos e aspectos do cotidiano por forças de um poder abstrato, seja ele difuso ou concentrado (do Mercado ou do Estado). É a essa lógica autoritária de dominação abstrata, e socialmente admitida, que os situacionistas pretendem combater – ou melhor: subverter. A intenção da “construção consciente de situações” é romper com a abstração concreta das relações que produzem a miséria dos espaços e dos tempos vividos por essa sociedade moderna, através de situações rompantes (e portanto provisórias), que subvertam as estruturas condicionantes da alienação espacial.

Ao método de estudo das influências que o ambiente construído exerce sobre as pessoas, estudo este conduzido justamente para servir de ferramenta de assalto aos dispositivos condicionantes, os situacionistas chamavam de psicogeografia. Nos documentos dos programas urbanos construtivistas aparecem os termos políticos do desenho das redes de fluxos das cidades, ligado a uma cotidianidade decupada em tempos e espaços determinados para cada atividade social. O problema da regulação do local e da duração dos eventos do cotidiano é que ela é planejada por uma lógica produtivista, efeito de uma engenharia idealista de organização do

espaço. O sujeito social planejado como o “novo homem” do socialismo, o proletário, torna-se praticamente um autômato circulando pelas esferas produtivas e reprodutoras da sociedade, tendo sua vida inteira ordenada entre a casa-comuna, o clube operário e a fábrica. Resta ser descrita a psicogeografia desse sujeito autômato na cidade-máquina.

Para alimentar o motor à explosão dessa reflexão sobre as contingências e as fronteiras entre as duas frentes, seguem embaralhadas algumas passagens desviadas de suas obras, afim de serem apropriadas por um livre jogo de interpretações¹⁴⁵:

O Urbanismo moderno jamais fora uma arte – e muito menos um modo de vida – mas por outro lado fora sempre inspirado por diretivas da Polícia. Aí está o programa: a vida definitivamente dividida em ilhotas fechadas, em sociedades vigiadas; o fim das chances de insurreição e de encontros; a resignação automática.

A poesia esgotou seus últimos prestígios formais. Para além da estética, ela está toda no poder dos homens sobre suas aventuras. A poesia se lê em suas caras. É portanto urgente criar caras novas. A poesia está na forma das cidades.

O que nós queremos fazer de uma arquitetura é uma ordenação bastante próxima do que nós queremos fazer da vida. As belas aventuras, como se diz, não podem ter por cenário, e origens, senão os bairros mais belos. A noção de belo mudará.

Os acasos e os poderes do urbanismo, que nós nos contentamos atualmente em utilizar, não cessarão de nos fixar por fim, na maior medida possível, à suas construções reais.

Que a edificação da sociedade socialista não é o processo inverso da dissolução da sociedade capitalista. Que esta edificação repousara cada vez mais sobre a aparição de novas relações humanas fundadas sobre a perspectiva política e econômica, tendo por fim o desaparecimento do meio técnico por meio da própria técnica.

O trabalho coletivo que nós propomos é o da criação de um novo teatro de operações culturais, que colocamos como hipótese ao nível de uma eventual construção geral das ambiências por uma preparação, em dada circunstância, dos termos da dialética cenário-comportamento.

A arquitetura é o meio mais simples para se articular o tempo e o espaço, para modular a realidade, para fazer sonhar. Não se trata de articulação e de modulação plásticas apenas, expressões de uma beleza passageira. Mas uma modulação influenciadora, que se inscreve sob a curva eterna dos desejos humanos e dos progressos para a realização desses desejos. A arquitetura de amanhã será então um meio de modificar as concepções atuais de tempo e espaço. Será um meio de conhecimento e um meio de ação.

¹⁴⁵ Excertos dos livros: DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo* (1967); *INTERNATIONALE LETTRISTE*, Potlatch (1954-1957); *INTERNATIONALE SITUATIONNISTE* (1958-1969); e documentos originais do construtivismo russo disponíveis na obra de Anatole Kopp.

O socialismo, que tende à mais completa libertação das energias e capacidades que são de cada indivíduo, será obrigada a ver na automação uma tendência anti-progressista em si, tornada progressista apenas por sua relação com as novas provocações capazes de exteriorizar as energias latentes do homem.

A sociedade que modela tudo o que a cerca construiu uma técnica especial para agir sobre o que dá sustentação a essas tarefas: o próprio território. O urbanismo é a tomada de posse do ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver sua lógica de dominação absoluta, pode e deve agora refazer a totalidade do espaço como seu próprio cenário.

O urbanismo é a realização moderna da tarefa permanente que salvaguarda o poder de classe: a manutenção da atomização dos trabalhadores que as condições urbanas de produção tinham perigosamente reunido. A luta sempre travada contra todos os aspectos dessa possibilidade de encontro encobre no urbanismo seu campo privilegiado. O esforço de todos os poderes estabelecidos, desde as experiências da Revolução Francesa, para ampliar os meios de manter a ordem na rua culmina afinal com a supressão da rua. (...) Mas o movimento geral do isolamento, que é a realidade do urbanismo, deve também conter uma reintegração controlada dos trabalhadores, segundo as necessidades planificáveis da produção e do consumo. A integração no sistema deve recuperar os indivíduos isolados como indivíduos isolados em conjunto: as fábricas e os centros culturais, os clubes e os “condomínios residenciais” são organizados de propósito para os fins dessa pseudocoletividade (...)

Pela primeira vez uma arquitetura nova, que em cada época anterior era reservada à satisfação das classes dominantes, acha-se diretamente destinada aos pobres. A miséria formal e a extensão gigantesca dessa nova experiência de habitar provêm ambas de seu caráter de massa, implícito tanto por sua destinação quanto pelas condições modernas de construção. A decisão autoritária, que planeja abstratamente o território como território da abstração, este bem evidente no centro dessas condições modernas de construção. Nos lugares onde se inicia a industrialização dos países atrasados, aparece a mesma arquitetura, terreno adequado ao novo gênero da existência social que se deseja aí implantar. Da mesma forma que nas questões do armamento termonuclear ou da natalidade – esta última já próxima à possibilidade de manipulação da hereditariedade –, o urbanismo mostra com nitidez a superação de um limiar no crescimento do poder material da sociedade e o atraso da dominação consciente desse poder.

A história econômica, que se desenvolveu toda em torno da oposição cidade-campo, chegou a um estágio de sucesso que anula ambos os termos. A paralisia atual do desenvolvimento histórico total, em proveito apenas da busca do movimento independente da economia, faz do momento em que começam a desaparecer a cidade e o campo não a superação de sua cisão, mas sua destruição simultânea. O desgaste recíproco da cidade e do campo, produto da falha do movimento histórico pelo qual a realidade urbana existente deveria ser superada, aparece nessa mistura eclética de elementos decompostos que recobre as zonas mais adiantadas da industrialização.

A história universal nasceu das cidades e atingiu a maioria no momento da vitória decisiva da cidade sobre o campo. Marx considera como um dos maiores méritos revolucionários da burguesia o fato de “ela ter sujeitado o campo à cidade”, cujo “ar emancipa”. Mas, se a história da cidade é a história da liberdade, ela também foi a da tirania, da administração estatal que controla o campo e a própria cidade. Até agora, a cidade só pôde ser o terreno de batalha da liberdade histórica, e não o lugar em que essa liberdade se realizou. A cidade é o espaço da história porque é ao mesmo tempo concentração do

poder social, que torna possível a empreitada histórica, e consciência do passado. Portanto, a atual tendência de liquidação da cidade é outra forma de expressar o atraso de uma subordinação da economia à consciência histórica, de uma unificação em que a sociedade recupere os poderes que se destacaram dela.

“O campo mostra justamente o fato oposto, o isolamento e a separação” (A ideologia alemã). O urbanismo que destrói as cidades reconstituiu um pseudocampo, no qual estão perdidas tanto as relações naturais do antigo campo quanto as relações sociais diretas, e diretamente questionadas, da cidade histórica. Um novo campesinato artificial é recriado pelas condições de hábitat e de controle espetacular no atual “território planificado”: a dispersão no espaço e a mentalidade estreita, que sempre impediram o campesinato de empreender uma ação histórica criadora, voltam a ser característica dos produtores. Assim, o movimento do mundo que eles próprios fabricam fica completamente fora do alcance deles, tal como era o ritmo natural dos trabalhos para a sociedade agrária. Mas, quando esse campesinato, que foi a base inabalável do “despotismo oriental” e cuja dispersão clamava pela centralização burocrática, reaparece como produto das condições de crescimento da burocratização estatal moderna, então sua apatia tem de ser historicamente fabricada e mantida; a ignorância natural cedeu lugar ao espetáculo organizado do erro. As “cidades novas” do pseudocampesinato tecnológico fixam no terreno, claramente, a ruptura com o tempo histórico no qual elas são construídas; sua divisa pode ser: “Aqui, nunca acontecerá nada, e nada nunca aconteceu”. Já que a história que é preciso liberar nas cidades ainda não foi liberada, as forças da ausência histórica começam a compor sua paisagem exclusiva.

A história que ameaça este mundo crepuscular é também a força que pode submeter o espaço ao tempo vivido. A revolução proletária é a crítica da geografia humana através da qual os indivíduos e as comunidades devem construir os locais e os acontecimentos correspondentes à apropriação, já não apenas de seu trabalho, mas de sua história total. Nesse espaço movente do jogo, a autonomia do lugar pode se reencontrar, sem reintroduzir um apego exclusivo ao solo, e assim trazer de volta a realidade da viagem, e da vida entendida como uma viagem que contém em si mesma todo o seu sentido.

A idéia mais revolucionária a respeito do urbanismo não é uma idéia urbanística, tecnológica ou estética. É a decisão de reconstruir integralmente o território de acordo com as necessidades do poder dos Conselhos dos trabalhadores, da ditadura anti-estatal do proletariado, do diálogo executório. E o poder dos Conselhos, que só pode ser efetivo ao transformar a totalidade das condições existentes, não poderá adotar uma tarefa menor se quiser ser reconhecido e reconhecer a si mesmo em seu mundo.

O pensamento da história só pode ser salvo ao se tornar pensamento prático; e a prática do proletariado como classe revolucionária não pode ser nada menos que a consciência histórica agindo sobre a totalidade de seu mundo. Todas as correntes teóricas do movimento operário revolucionário são resultantes do confronto crítico hegeliano, seja em Marx, Stirner e Bakunin.

(...) O projeto de Marx é o de uma história consciente. O quantitativo que surge no desenvolvimento cego das forças produtivas meramente econômicas deve transformar-se em apropriação histórica qualitativa. A crítica da economia política e o primeiro ato desse fim da pré-história: “De todos os instrumentos de produção, o maior poder produtivo é a própria classe revolucionária”.

O que liga estreitamente a teoria de Marx ao pensamento científico é a compreensão racional das forças que se exercem na sociedade. Mas ela é fundamentalmente um mais-além do pensamento científico, no qual este só será conservado se for superado: trata-se de uma apropriação da luta, e não da lei. “Conhecemos uma única ciência: a ciência da história”, diz *A Ideologia Alemã*.

A época burguesa, que quer fundamentar cientificamente a história, esquece o fato de que a ciência disponível teve que ser fundamentada historicamente na economia. A história, ao contrário, não depende radicalmente desse conhecimento, a não ser que ela seja história econômica. Aliás, a inocuidade dos cálculos socialistas que pensavam ter estabelecido a periodicidade exata das crises mostra o quanto o papel da história na economia – ou seja, o processo global que modifica seus próprios dados científicos básicos – pôde ser desprezada pela observação científica; desde que a intervenção consciente do Estado conseguiu compensar as tendências à crise, o mesmo tipo de raciocínio vê nesse equilíbrio uma harmonia econômica definitiva. Se o projeto de superar a economia e de apossar-se da história precisa conhecer – e trazer para si – a ciência da sociedade, ele não pode ser em si científico. Neste último movimento que acreditou dominar a história atual por um conhecimento científico, o ponto de vista revolucionário permaneceu burguês.

As correntes utópicas do socialismo, embora fundadas historicamente na crítica da organização social existente, podem ser consideradas utópicas na medida em que rejeitam a história – isto é, a luta real em curso, tanto quanto o movimento do tempo para além da perfeição imutável de sua imagem de sociedade feliz – mas não por terem rejeitado a ciência. Ao contrário: os pensadores utópicos estão inteiramente dominados pelo pensamento científico, tal como ele se impusera nos séculos anteriores. Buscam a realização desse sistema racional geral: não se consideram profetas desarmados, porque crêem no poder social da demonstração científica e até, no caso de Saint-Simon, na tomada do poder pela ciência. Sombart pergunta: “Como queriam eles arrancar pela luta o que deve ser provado?”. No entanto, a concepção científica dos utópicos não alcança o entendimento de que grupos sociais têm interesses numa situação existente, forças para mantê-la, assim como formas de falsa consciência correspondentes a essas posições. Ela fica portanto muito aquém da realidade histórica do desenvolvimento da própria ciência, que foi em grande parte orientada pela demanda social proveniente de tais fatores, demanda que seleciona não apenas o que pode ser conhecido, mas o que pode ser buscado. Os socialistas utópicos, que continuaram presos ao modo de exposição da verdade científica, concebem essa imagem com a pura imagem abstrata dela, tal como se impusera num estágio muito anterior da sociedade. (...) Tenta fazer-se reconhecida com a mesma inocência da doutrina experimental de Newton, e o destino feliz sempre postulado “desempenha em sua ciência social papel análogo ao que compete à inércia na mecânica racional” (*Matériaux pour une théorie du prolétariat*).

O lado determinista do pensamento de Marx foi a brecha pela qual penetrou o processo de “ideologização”, enquanto ele ainda vivia, e sobretudo em sua herança teórica deixada ao movimento operário. A vinda do sujeito da história é adiada para depois, e a ciência histórica por excelência, a economia, tende de modo cada vez mais alargado a garantir a necessidade de sua própria negação futura. Mas, dessa forma, a prática revolucionária, única verdade dessa negação, é rechaçada para fora do campo da visão teórica. Por isso é importante estudar com paciência o desenvolvimento econômico e admitir ainda, com tranquilidade hegeliana, a dor que dele advém, o que resulta num “cemitério de boas intenções”. Descobre-se que agora, segundo a ciência das revoluções, a consciência sempre chega cedo demais, e deverá ser ensinada. “A história mostrou que estávamos errados, nós e todos os que pensavam

como nós. Mostrou claramente que o desenvolvimento econômico no continente estava então muito longe de se mostrar maduro...”, dirá Engels em 1895. Durante toda a vida, Marx manteve o ponto de vista unitário de sua teoria, mas a exposição dessa teoria manteve-se no terreno do pensamento dominante ao adotar a forma de críticas de disciplinas particulares, principalmente a crítica da ciência fundamental da sociedade burguesa, a economia política. Foi essa mutilação, ulteriormente aceita como definitiva, que constituiu o “marxismo”.

A falha na teoria de Marx é a falha da luta revolucionária do proletariado de sua época. (...) As justificativas científicas tiradas do futuro desenvolvimento da classe operária e a prática organizacional combinada com essas justificativas tornar-se-ão os obstáculos à consciência proletária num estágio mais avançado.

Toda a insuficiência teórica na defesa científica da revolução proletária pode ser resumida, para o conteúdo e a forma da exposição, em uma identificação do proletariado com a burguesia no ponto de vista da tomada revolucionária do poder.

Desde o Manifesto, a tendência a fundamentar uma demonstração da legalidade científica do proletário pela referência a experiências repetidas do passado obscurece o pensamento histórico de Marx, levando-o a sustentar uma imagem linear do desenvolvimento dos modos de produção, provocado por lutas de classe que acabariam sempre “numa transformação revolucionária de toda a sociedade ou na destruição comum das classes em luta”. (...) O esquema linear perde de vista, primeiro, que a burguesia é a única classe revolucionária para quem o desenvolvimento histórico da economia foi causa e consequência de seu domínio sobre a sociedade. (...) Estão colocadas aqui as bases sociopolíticas do espetáculo moderno, que pela negativa define o proletariado como único pretendente à vida histórica.

A fusão do conhecimento e da ação precisa realizar-se na própria luta histórica, de tal modo que cada um desses termos coloque no outro a garantia da sua verdade. A constituição da classe proletária como sujeito é a organização das lutas revolucionárias e a organização da sociedade no momento revolucionário: é aí que devem existir as condições práticas da consciência, nas quais a teoria da práxis se confirma tornando-se teoria prática. Entretanto, esta organização central da organização foi a menos considerada pela teoria revolucionária na época em que se fundava o movimento operário, quando essa teoria ainda possuía caráter unitário vindo do pensamento da história (e que ele se tinha dado como tarefa desenvolver até uma prática histórica unitária). A questão da organização é, ao contrário, o lugar da inconsequência dessa teoria, ao admitir o uso de métodos estatais e hierárquicos tirados da revolução burguesa. Em contrapartida, as formas de organização do movimento operário desenvolvidas com base nessa renúncia tenderam a impedir a permanência de uma teoria unitária, dissolvendo-se em diversos conhecimentos especializados e parcelares. Essa alienação ideológica da teoria não pode mais reconhecer a confirmação prática do pensamento histórico unitário que ela traiu, quando tal confirmação só surge na luta espontânea dos operários; ela só pode ajudar a reprimir-lhes a manifestação e a memória. Entretanto, essas formas históricas surgidas na luta são justamente o meio prático que faltava à teoria, mas que não havia sido formulada teoricamente. O soviete não era uma descoberta da teoria. E a mais alta verdade teórica da Internacional dos Trabalhadores era sua própria existência prática.

O “marxismo ortodoxo” da II Internacional é a ideologia científica da revolução socialista, que identifica toda a sua verdade ao processo objetivo na economia e ao progresso dum reconhecimento desta

necessidade na classe operária educada pela organização. Esta ideologia reencontra a confiança na demonstração pedagógica que tinha caracterizado o socialismo utópico, mas dotado de uma referência contemplativa ao curso da história: porém, uma tal atitude perdeu tanto a dimensão hegeliana de uma história total como perdeu a imagem imóvel da totalidade presente na crítica utopista (no mais alto grau, em Fourier). É de uma tal atitude científica, que não podia fazer menos que relançar simetricamente escolhas éticas, que procedem as tolices de Hilferding quando este precisa que reconhecer a necessidade do socialismo não dá «”indicação sobre a atitude prática a adotar. Porque uma coisa é reconhecer uma necessidade, e uma outra é pôr-se ao serviço desta necessidade” (O Capital financeiro). Aqueles que não reconheceram que o pensamento unitário da história, para Marx e para o proletariado revolucionário, não era nada de distinto de uma atitude prática a adotar, deviam normalmente ser vítimas da prática que tinham simultaneamente adotado.

Lenin não foi, como pensador, marxista, senão um Kautskista fiel e conseqüente, que aplicava a ideologia revolucionária deste “marxismo ortodoxo” nas condições russas, condições que não permitiam a prática reformista que a II Internacional seguia em contrapartida. A direção exterior do proletariado, agindo por intermédio de um partido clandestino disciplinado, submetido aos intelectuais que se tornaram “revolucionários profissionais”, constitui aqui uma profissão que não quer pactuar com nenhuma profissão dirigente da sociedade capitalista (o regime czarista sendo, de resto, incapaz de oferecer uma tal abertura, cuja base é um estágio avançado do poder da burguesia). Ela toma-se, pois, a profissão da direção absoluta da sociedade.

O mesmo momento histórico, em que o bolchevismo triunfou por si próprio na Rússia, e em que a social-democracia combateu vitoriosamente pelo velho mundo, marca o nascimento acabado de uma ordem de coisas que está no âmago da dominação do espetáculo moderno: a representação operária opôs-se radicalmente à classe.

A organização do proletariado segundo o modelo bolchevique, que nascera do atraso russo e da omissão do movimento operário dos países avançados diante da luta revolucionária, encontrou também no atraso russo todas as condições que levavam essa forma de organização à inversão contra-revolucionária que ela continha inconscientemente em seu germe original. (...). A tomada do monopólio estatal da representação e da defesa do poder dos operários, que justificou o partido bolchevique, fez com que ele se tornasse o que era: o partido dos proprietários do proletariado, eliminando no essencial as formas anteriores de propriedade.

Todas as condições da liquidação do czarismo, encaradas no debate teórico, sempre insatisfatório, das diversas tendências da social-democracia russa durante vinte anos – fraqueza da burguesia, peso da maioria camponesa, papel decisivo de um proletariado concentrado e combativo mas extremamente minoritário no país – revelaram afinal, na prática, a sua solução através de um dado que não estava presente nas hipóteses: ao se apossar do Estado, a burocracia revolucionária que dirigia o proletariado deu à sociedade uma nova dominação de classe. A revolução estritamente burguesa era impossível; a “ditadura democrática dos operários e dos camponeses” era vazia de sentido; o poder proletário dos Sovietes não podia manter-se ao mesmo tempo contra a classe dos camponeses proprietários, a reação branca nacional e internacional dos russos, e contra sua própria representação exteriorizada e alienada como partido operário dos senhores absolutos do Estado, da economia, da expressão e, em breve, do pensamento. (...) A concentração da ditadura nas mãos da representação

suprema da ideologia foi defendida da maneira máxima consequência por Lenin em inúmeros confrontos da direção bolchevique. Lenin sempre tinha razão contra os seus adversários quando sustentava a solução decorrente das opções anteriores do poder absoluto minoritário: a democracia, recusada estatalmente aos camponeses também o deveria ser aos operários, o que significava recusá-la aos dirigentes comunistas dos sindicatos, e de todo o partido, e finalmente até à cúpula do partido hierárquico. No X Congresso, no momento em que o soviete de Kronstadt era abatido pelas armas e enterrado sob calúnia, Lenin pronunciava contra os burocratas de esquerda organizados em “Oposição Operária” esta conclusão, cuja lógica Stalin ia estender até a perfeita divisão do mundo: “Aqui, ou além, com um fuzil mas não com a oposição... Estamos fartos da oposição”.

A ideologia revolucionária, a coerência do separado da qual o leninismo constitui o mais alto esforço voluntarista, detém a gestão de uma realidade que a rejeita. Por isso, o stalinismo voltará à sua verdade na incoerência. Nesse momento, a ideologia já não é uma arma, mas um fim. A mentira que não é mais desmentida torna-se loucura. A realidade tanto quanto o objetivo são dissolvidos na proclamação ideológica totalitária: tudo o que ela diz é o que é. É um primitivismo local do espetáculo, cujo papel é, todavia, essencial no desenvolvimento do espetáculo mundial. A ideologia que aqui se materializa não transformou economicamente o mundo, como o capitalismo chegado ao estágio da abundância; ela só transformou policialmente a percepção.

O DIÁRIO DE WALTER BENJAMIN EM MOSCOU (1926-1927)

Se não há disponível para consulta um guia psicogeográfico do autômato na cidade-máquina, há contudo outro documento para acessar *en flânerie* o ambiente das vanguardas artísticas na Rússia pós-revolucionária.

Walter Benjamin visitou Moscou no inverno entre 1926 e 1927, e circulou entre grupos de intelectuais profissionais ligados a diversos departamentos da produção cultural soviética. Sua viagem era fruto de uma conjuntura particular na vida pessoal: não tendo passado no concurso de livre-docência da Universidade de Frankfurt, foi à União Soviética afim de escrever alguns artigos para publicações importantes à época (escreveria o artigo sobre Goethe e o romantismo alemão para a enciclopédia soviética que estava então sendo produzida, artigo o qual fora recusado por ser uma “contribuição ideologicamente inaceitável para uma enciclopédia marxista, mas também absolutamente incoerente no todo. Desagradável.”¹⁴⁶). Seu registro mais importante, no entanto, não foi o ensaio acabado “Moscou” publicado pela revista alemã *Die Kreatur* (cujo pagamento adiantado bancou a viagem), mas sim seu diário, que narrou a atmosfera da metrópole soviética no plano das contingências mais sutis e também mais expressivas da vida cotidiana.

¹⁴⁶ A Lunarcharsky, em carta do Comitê Popular de Instrução Pública aos editores da *Grande Enciclopédia Soviética*, datada de 29 de março de 1929. Apud. BENJAMIN, 1989. p.149.

Para além dos pretextos formais, Benjamin foi à Rússia movido por paixões de outras ordens: primeiro, lhe comovia a perspectiva de um cenário fascinante a ser desvendado, sobretudo porque colocava à prova diversas teorias e míticas da teleologia da História. Ele se interrogava àquela altura, como quase todos marxistas ocidentais o fizeram, se deveria filiar-se ao Partido Comunista Alemão, ou mesmo se deveria partir definitivamente para construir o socialismo real na U.R.S.S. Mas mais latente do que a missão política era intenção de encontrar Asja Lacis, dramaturga letã militante bolchevique, com quem Benjamin viveu não apenas um romance mas sobretudo uma importante parceria filosófica. O fato é que, ao final dos dois meses na cidade, as paixões que haviam lhe mobilizado e o levado até ali foram ambas objeto das frustrações mais dilacerantes e também edificantes para a compreensão de Benjamin a respeito das relações sociais e interpessoais no socialismo.

Há quem defenda que a maior expressão do Diário de Moscou é a sensação de alienação do autor na cidade. Benjamin sentia-se absolutamente estrangeiro, e toda experiência não escapava ao estranhamento. Isso se deve, em parte, ao seu desconhecimento da língua russa, e sua comunicação restrita aos pequenos círculos que compartilhavam da língua alemã, francesa ou inglesa, sobretudo aos judeus. Mas a contradição mais desconcertante estava instalada entre o desejo generalizado de se concretizar o processo revolucionário, como promessa de libertação do sujeito no mundo moderno, e o modo austero como se davam os encontros políticos, os congressos, comitês e plenários, que ocupavam quase todo o tempo do calendário desses intelectuais profissionais. O maior peso que sentiu Benjamin nesse contexto foi descrito mais tarde desse jeito: “o bolchevismo aboliu a vida privada”¹⁴⁷. O único modo socialmente aceito para o compartilhamento do universo simbólico que estava sendo produzido nessas esferas especializadas da arte e da literatura era a condição de que cada participante se submetesse incondicionalmente à causa revolucionária – o conteúdo difuso disso poderia ser discutido somente a partir da adesão ou não do integrante ao programa do partido.

Dada a complicação das circunstâncias sociais e políticas às quais estava inserido, Benjamin dedicou muita atenção ao universo material de Moscou naquele momento. Seu diário descreve minuciosamente os objetos de uso cotidiano, o modo como o clima drástico de inverno era suportado, os significados burgueses ou proletários das coleções de museus, o tráfico complicado nas ruas da cidade, a produção artística que estava sendo exibida, a alimentação, o vestuário, e claro, a arquitetura e a economia.

O que a vida cotidiana de um estrangeiro como Benjamin nos revela é a imagem de uma cidade que em nada se parece com a cidade-máquina projetada pela *intelligentzia* soviética: Moscou à época abrigava tradições imperiais seculares (religiosas), uma miséria flagrante nas ruas (uma população expressiva vivia em mendicância), os hábitos pequeno-burgueses eram conservados pela política econômica (NEP, que permitia atividades da iniciativa privada), a classe dirigente ostentava privilégios de classe (os burocratas eram os únicos poucos que usavam automóvel, por exemplo), e a paisagem urbana, fosse central ou periférica, em nada parecia uma

¹⁴⁷ BENJAMIN, 1927. Apud BERSHTEIN, 2006. p. 220.

metrópole européia moderna: Benjamin afirma que poderia facilmente confundi-la com uma aldeia.

Para ilustrar o contraste entre a utopia projetada como cidade-máquina e o cenário da realidade cotidiana em que produzia a vanguarda, seguem aqui algumas passagens breves do diário de Walter Benjamin em Moscou:

Cidade/ I

“Sobre a cidade: a arquitetura religiosa bizantina parece não ter desenvolvido um estilo próprio de janela. (...) As cruzes sobre as cúpulas parecem-se amiúde com brincos pendurados no céu. (...) Quase todas são mal cuidadas, vazias e geladas. (...) Luxo que se instalou na cidade empobrecida e sofrida, como tártaro na boca de um doente: a loja de chocolates N.Kraft, a elegante boutique de moda Petrovka. (...) O mendigo não é agressivo como no sul. Aqui, trata-se de uma corporação de moribundos. Sobretudo nos bairros onde os estrangeiros têm seus negócios, as esquinas são cobertas de trouxas de farrapos, como se fossem camas no hospital à céu aberto chamado ‘Moscou’. A mendicância nos bondes é organizada, mas muito raramente vê-se alguém dando esmolas. Esta prática perdeu seu pilar mais poderoso: a consciência pesada da sociedade, que abre as carteiras mais facilmente que a piedade. (...) Galerias: como as daqui, não se encontra em nenhum outro lugar, têm vários andares, mezaninos, que geralmente são tão desertos quanto aquelas catedrais.”¹⁴⁸

Habitação

“A mão de Sofia mora no mesmo edifício – uma espécie de pensão imensa. (...) Como todas as salas que tenho visto (a de Granovsky, de Illés), também esta contém poucos móveis. Sua aparência desolada, pequeno-burguesa, torna-se ainda mais deprimente por ser escassamente mobiliada. Mas é essencial para a decoração pequeno-burguesa que seja completa: que as paredes estejam cobertas por quadros, o sofá por almofadas, as almofadas por capas, consoles por quinquilharias, as janelas por vidros coloridos. De tudo isso, conservaram-se apenas alguns itens aleatórios. Nesses aposentos que se parecem com hospitais militares após a última inspeção, as pessoas só suportam a vida porque sua maneira de viver as aliena de seu ambiente doméstico. Vivem mais no escritório, no clube, na rua”

Comércio

“Tomamos um trenó e para a cidade e fomos a muitas lojas da rua Petrovka. Primeiro, fomos a uma loja estatal, onde, na metade superior das paredes, viam-se quadros com figuras em papelão em prol da união de operários e camponeses. As imagens seguiam o gosto açucarado que prevalece aqui: foice e martelo, uma engrenagem e outras ferramentas são, absurdamente, representadas em papelão encapado com veludo. Nesta loja havia só artigos para camponeses e proletários. Ultimamente, sob o regime econômico, não se produz outra coisa nas fábricas estatais. Os balcões ficam repletos de gente. Outras lojas, vazias, vendem só mediante cupons ou – a dinheiro – por preços exorbitantes.”¹⁴⁹

Tempo

“Não acredito que exista outra cidade com tantos relojoeiros como Moscou. Isso se torna ainda mais curioso na medida em que as pessoas não fazem grande alarido em torno do tempo. Mas deve

¹⁴⁸ BENJAMIN, 1989. p.32.

¹⁴⁹ Idem, 1989. p.37.

certamente haver causas históricas para isso. Quando se observam as pessoas andando nas ruas, raramente vê-se alguém apressado, a não ser quando faz muito frio. É praxe andar em ziguezague. (É muito característico que haja em algum clube por aí, como Reich me contou, um cartaz na parede com a advertência: Lênin declarou que tempo é dinheiro. Para expressar esta banalidade, há necessidade aqui de se invocar a mais alta autoridade).¹⁵⁰

Subúrbio

“A pradaria da arquitetura, como Reich havia chamado Moscou, tem nestas ruas um caráter ainda mais selvagem do que no centro. Em ambos os lados da larga alameda, construções no estilo das casas de madeira das aldeias camponesas revezam-se com casarões art-nouveau, ou com a fachada insípida de um edifício de seis andares. A neve estava alta e quando, de repente, tudo fica silencioso, era possível acreditar que se estava numa aldeia, hibernando no mais longínquo interior da Rússia.”¹⁵¹

Clube operário

“Esta foi a primeira vez em Moscou que presenciei uma reunião de pessoas tão simples. Provavelmente havia muitos camponeses entre eles, pois este clube destina-se sobretudo a eles. Mostraram-me as salas. Reparei que as paredes da sala de leitura estavam cobertas de material ilustrativo, exatamente como no sanatório infantil. Aqui, eram principalmente estatísticas, parte das quais ilustrada com desenhos coloridos e elaborados pelos próprios camponeses (crônicas da vida na aldeia, desenvolvimento agrícola, condições de produção e instituições culturais estavam ali registradas. Vêem-se ainda, expostas em toda parte pelas paredes, componentes de ferramentas, peças de máquinas, retortas com produtos químicos, etc. Curioso, aproximei-me de um console onde duas máscaras africanas faziam caretas para mim. Vistas de perto, no entanto, revelaram ser máscaras de gás. Finalmente, mostraram-me também os dormitórios do clube. Eles se destinam a camponeses e camponesas desacompanhados ou em grupos, que receberam uma *kommandirokva* [missão] para vir à cidade. Os quartos grandes abrigam quase sempre seis camas; os banheiros devem ficar em algum outro lugar. Há retratos de Lenin, Kalinin, Rykov, etc., nas paredes. O culto da imagem de Lenin em particular vai incrivelmente longe aqui. Existe uma loja na Kusnetzky most especializada em Lenin, onde se pode encontrá-lo em todos os tamanhos, poses e materiais. Na sala de lazer do clube, onde se ouvia naquele momento um concerto no rádio, há um quadro dele em relevo muito expressivo, mostrando-o como orador, em tamanho natural, de peito inflado. Imagens dele mais modestas encontram-se também nas cozinhas, lavanderias etc., da maioria dos institutos públicos. O clube pode abrigar mais de quatrocentos hóspedes.”¹⁵²

Território

“A Rússia está começando a tomar forma para o homem comum. Um grande filme de propaganda, A sexta parte do mundo, foi anunciado. Em meio à neve das ruas, mapas da URSS, empilhados pelos vendedores ambulantes, são oferecidos ao público. (...) O mapa está quase tão perto de tornar-se objeto do novo culto russo às imagens quanto os retratos de Lenin.”¹⁵³

¹⁵⁰ Ibidem, p.60.

¹⁵¹ Ibidem, p.61.

¹⁵² BENJAMIN, 1989. p.63.

¹⁵³ Idem, p.64.

Política

“Anotações sobre a situação na Rússia. Em conversas com Reich expus detalhadamente o quanto é contraditória a situação da Rússia nesse momento. Em sua política externa, o governo visa a paz, a fim de estabelecer acordos comerciais com os Estados imperialistas; internamente, porém, e sobretudo, procura deter o comunismo militante, introduzir um período livre de conflitos de classe, despolitizar tanto quanto possível a vida de seus cidadãos. Por outro lado, a juventude passa por uma educação ‘revolucionária’, em organizações pioneiras, no Komsomol. Isto significa que o revolucionário não lhes chega como experiência, mas apenas como discurso. Existe a tentativa de deter a dinâmica do processo revolucionário na vida do Estado – entrou-se, querendo ou não, num período de restauração, ao mesmo tempo em que se deseja armazenar a energia revolucionária na juventude, como eletricidade numa pilha. Isso não funciona. Os jovens – especialmente os da primeira geração, cuja formação é mais do que deficiente – necessariamente desenvolvem a partir daí um comunismo presunçoso, para o qual já existe uma palavra própria na Rússia.”¹⁵⁴

Técnica

“Tudo que é técnico é sagrado aqui, nada é levado mais a sério do que a técnica.”¹⁵⁵

Fábrica

“Saímos cedo para visitar a fábrica onde trabalha a senhora que hospeda Reich. Havia muito para se ver, demoramos cerca de duas horas. Começarei pelo nicho de Lenin: uma sala caiada, parede de fundo forrada de vermelho, fitas vermelhas com franjas douradas pendendo do teto. À esquerda, contra este fundo vermelho, está o busto em gesso de Lenin – tão branco quanto as paredes caiadas. Uma esteira rolante projeta-se para dentro da sala, vindo da sala vizinha, onde se fabricam lantejoulas. A roda gira e as tiras de couro deslizam através de um buraco na parede. Nas paredes há cartazes de propaganda e retratos de revolucionários famosos, ou quadros que resumem, de maneira taquigráfica, a história do proletariado russo. Mostra-se sobretudo uns aos outros, lutas de barricada, celas de prisão, a insurreição dos ferroviários, o ‘domingo negro’ em frente ao Palácio de Inverno. Muitos dos cartazes são dirigidos contra o alcoolismo, um tema tratado também pelo jornal mural. Este pretende ser sobretudo uma crônica da coletividade reunida nesta fábrica. (...) Aqui trabalham (em três turnos) um total de 150 pessoas. Os produtos principais são: fitas elásticas, fios enrolados em bobinas, barbantes, galões de prata e enfeites para árvores de Natal. É a única fábrica do gênero em Moscou, mas sua estrutura certamente é menos o resultado de uma organização “vertical” do que testemunho do baixo nível de especialização industrial. A uma distância de poucos metros, e dentro de uma mesma sala, pode-se observar operações idênticas feitas por máquinas. À direita: uma máquina enrola longos fios em pequenas bobinas, à esquerda, a mão de uma operária gira a manivela de uma grande roda de madeira: um processo idêntico em ambos os casos. A maior parte das operárias são camponesas e poucas dentre elas pertencem ao Partido. Não usam uniformes, nem sequer aventais de trabalho, estando sentadas em seus lugares como se realizassem afazeres domésticos. Como donas de casa, debruçam-se serenamente sobre o trabalho, a cabeça coberta com um lenço de lã. Contudo, estão cercadas por cartazes que evocam todos os horrores da operação de uma máquina: neles, um operário é mostrado no momento em que seu braço é pego pelos raios de uma roda motriz; um outro, com o joelho preso entre dois pistões; um terceiro, embriagado, causa um curto-

¹⁵⁴ Ibidem, 1989. p.67.

¹⁵⁵ BENJAMIN, 1989. P.69.

circuito por ter ligado o interruptor de forma errada.”¹⁵⁶

Cidade/ 2

“Moscou é a mais silenciosa de todas as grandes cidades e quando há neve, o é em dobro. O instrumento principal da orquestra da rua, a buzina dos automóveis, raramente é tocado aqui; há poucos carros. (...) O comércio ambulante é em grande parte ilegal e não pode chamar atenção. (...) Há algo de singular nestas ruas: nelas, a aldeia russa brinca de esconde-esconde. Entrando por um dos grandes portões – frequentemente fechados com grades de ferro forjado, mas nunca encontrei qualquer delas trancadas – a pessoa se vê no limiar de uma ampla área residencial que muitas vezes se esparrama de forma tão extensa que é como se o espaço nessa cidade nada custasse. O chão é acidentado, crianças andam de trenó, tiram a neve com pás; barracões de madeira, ferramentas ou carvão pelos cantos, árvores aqui e acolá. (...) Assim, a rua adquire a dimensão de paisagem. – De fato, em lugar algum Moscou tem realmente a aparência da cidade que é; ela mais parece o subúrbio de si mesma. O solo encharcado, as barracas de madeira, longos comboios de matéria-prima, gado sendo levado para o matadouro, tavernas miseráveis, tudo isso pode ser encontrado nas partes centrais da cidade. (...) Andando por todos os lados, pelas alamedas formadas pelas barracas, percebi claramente que esta organização espacial entre o mercado e a feira caracterizava também uma grande parte das ruas moscovitas. Há quarteirões de relojoeiros e de confecções, centros para material elétrico e para comércio de máquinas e, ainda, áreas inteiras sem uma única loja. No mercado, pode-se perceber a função arquitetônica das mercadorias.”¹⁵⁷

Economia

“Na Rússia, o capitalismo de Estado conservou muitos traços da época da inflação. Sobretudo a incerteza jurídica no âmbito interno. Se, por um lado, a NEP é uma concessão oficial, de outro, ela é tolerada somente no interesse do Estado. Qualquer pessoa da NEP [empresário privado] pode, de um dia para o outro, tornar-se vítima de uma reviravolta na política financeira ou até mesmo de uma passageira mudança de rumo da propaganda oficial. Não obstante há fortunas – colossais, do ponto de vista russo – sendo acumuladas em certas mãos. Ouvi falar de pessoas que pagam mais de 3 milhões de rublos em impostos. Ao heróico comunismo da guerra, estes cidadãos contrapõem a heróica vigarice. Esta era NEP caracteriza-se, em relação ao mercado interno, justamente pela limitação dos investimentos estatais aos gêneros de primeiríssima necessidade. Isto propicia uma conjuntura bastante favorável para a operação desses vigaristas. Outro traço ainda da época da inflação são os cartões de racionamento: somente com eles é que se pode consumir muitas das mercadorias à venda nas lojas estatais, de maneira que o papel continua ocupando um grande espaço na vida econômica. Até o descuido em relação à roupa é algo que só se viu na Europa Ocidental na época da inflação. (...) A aparência das pessoas ainda é muito uniforme, proletária.”¹⁵⁸

Trabalho Intelectual

“Isso deve-se ao suporte que ele [seu amigo alemão Bernhard Reich, dramaturgo, ator e crítico de teatro] encontrou aqui para o seu trabalho. A todos os contatos concretos que seu trabalho lhe propicia, acrescenta-se o fato de que aqui ele é membro da classe dominante. É exatamente esta reformulação de toda uma estrutura de poder que torna a vida aqui tão extraordinariamente interessante.

¹⁵⁶ Idem, 1989. P.77

¹⁵⁷ Idem, p. 83.

¹⁵⁸ BENJAMIN, 1989. p. 85

É tão fechada em si mesma e cheia de acontecimentos, tão pobre e, ao mesmo tempo, repleta de possibilidades quanto a vida de garimpeiro no Klondyke. Garimpa-se poder, desde o início da manhã até tarde da noite. (...) Isto pode obviamente levar a um certo estado de embriaguez no qual torna-se quase impossível não conceber uma vida sem reuniões e comissões, debates, resoluções e votações (as quais são guerras ou, pelo menos, manobras de poder). Este é, contudo, o ponto central que obriga, necessariamente, a uma tomada de posição, colocando a questão de se permanecer platéia, hostil e visada, desconfortável e exposta às correntes do ar, ou desempenhar, de uma forma ou de outra, um papel em meio à agitação do palco.”¹⁵⁹

“Outra consideração: filiar-se ao Partido? Vantagens decisivas: uma posição sólida, um mandato, ainda que apenas virtual. Contato organizado e garantido com as pessoas. Por outro lado: ser comunista em um Estado onde governa o proletariado significa renunciar completamente à independência individual. Delega-se, por assim dizer, ao Partido a tarefa de organizar a própria vida. Dentro do Partido: a enorme vantagem de poder projetar seus próprios pensamentos em algo como um campo de força preestabelecido. Será possível atribuir uma justificativa concreta para meus futuros trabalhos, especialmente os científicos, com seus fundamentos formais e metafísicos? O que haveria de ‘revolucionário’ em sua forma, se é que realmente existe algo de revolucionário nela? Será que minha posição como incógnito ilegal entre os autores burgueses tem algum sentido? Será que evitar certos extremos do ‘materialismo’ constitui estímulo decisivo para o meu trabalho ou deveria procurar confrontar-me com eles dentro do Partido? Trata-se aqui de uma luta em torno das ressalvas que permeiam o trabalho especializado que eu realizei até agora.”¹⁶⁰

Produção

“Gradualmente havia se dado conta do que estava acontecendo realmente: a conversão do trabalho revolucionário em esforço técnico. Agora está se tornando claro para todo comunista que, neste momento, o trabalho revolucionário não significa luta ou guerra civil, mas eletrificação, construção de canais, criação de fábricas.”

¹⁵⁹ BENJAMIN, 1989. p.89

¹⁶⁰ BENJAMIN, 1989. p.90

CONCLUSÃO

O FIM E A FINALIDADE

O DECLÍNIO E A QUEDA DO CONSTRUTISMO RUSSO

O projeto da cidade-máquina construtivista continha em si contradições incontestáveis. Não apenas seu modelo utópico se destacava da realidade material e técnica daquele momento da União Soviética como, em sua abstração teórica, a crise se instalava na dialética da própria forma.

O fato é que o debate acalorado sobre as possibilidades arquitetônicas da Perestroika Byta concentrava toda a energia do trabalho das vanguardas instaladas no interior das *organizações criadoras*. Estas, por sua vez, enquanto instituições subordinadas ao Estado, estavam sujeitas aos seus comandos e desmandos – assim, uma a uma, as organizações criadoras foram sendo fechadas pela burocracia soviética:

O destino do INKhUK, a primeira das instituições fundada pelos vanguardistas a fechar, acabou por ser o destino de quase todos os outros organismos vanguardistas. Em Petrogrado, as portas do Ginkhuk se fecharam em 1926, e o próprio NARKOMPROS perdeu seu status de mecenas das artes em 1929. A situação de fechamento do instituto, ainda em 1924, no auge de seu vigor teórico e prático foi ao mesmo tempo um aviso e um destino. As vanguardas não tinham mais seu espaço garantido pelo Estado.¹⁶¹

Ora, se analisarmos o emprego do esforço construtivista do ponto de vista da eficiência produtiva da máquina de Estado, toda essa discussão sobre a utopia da cidade máquina significava “grande energia potencial desperdiçada”. Foi essa, ao menos, a análise do Comitê Central do Partido Comunista que em 16 de maio de 1930 lançou a seguinte resolução:

O comitê central nota que, paralelamente ao movimento por um modo de vida socialista, tentativas extremistas, não fundamentadas e semifanáticas, e por isso mesmo extremamente nocivas, foram feitas por certos camaradas (Sabsovitch, Larine e outros) afim de ultrapassar “em uma só tacada” os obstáculos encontrados no caminho da transformação socialista do modo de vida; obstáculos que tem suas raízes de um lado no atraso econômico e cultural do país, e de outro, na necessidade, na atual etapa, de consagrar o essencial dos recursos à industrialização acelerada do país que, só assim, criará as bases necessárias a uma transformação radical do modo de vida. É a tais tentativas por parte de certos militantes que escondem sua natureza oportunista sob a “frase de esquerda” que devem-se atribuir os projetos que tem aparecido ultimamente na imprensa, projetos que atrelam a transformação das cidades existentes ou a construção de novas cidades

¹⁶¹ MIGUEL, J. D. p.64

exclusivamente às custas do Estado e que prevêem a realização imediata e a transformação em serviços públicos tudo aquilo que constitui o modo de vida dos trabalhadores: alimentação, habitação, educação das crianças em separado de seus pais, proibição autoritária da preparação familiar de refeições, etc. A concretização destas concepções nocivas e utopistas, que não levam em conta nem os recursos materiais do país nem o grau de preparação da população, conduzem a despesas extraordinárias e ao profundo descrédito da própria ideia de uma transformação socialista do modo de vida.¹⁶²

Em 1953, um dos principais teóricos do realismo socialista em arquitetura¹⁶³, M. Tzapenko, descreveu o processo pelo qual, através dos decretos promovidos pelo governo stalinista, os projetos construtivistas são acusados de serem contra-revolucionários – pois são absolutamente formalistas – e, assim, legalmente condenados ao fim:

Em 1931, o plenário de junho do comitê central do partido comunista (bolchevique) toma uma importante decisão quanto à planificação e às melhorias das cidades (...). A batalha se engaja por um novo conteúdo ideológico da arquitetura soviética (...), pela assimilação de todos os aspectos progressistas de nossa herança cultural, pela criação de formas altamente artísticas satisfazendo plenamente às necessidades estéticas do homem socialista (...). Em 28 de fevereiro de 1932, o comitê encarregado da construção do Palácio dos Sovietes, sob a presidência de V. Molotov, anuncia o resultado do concurso em uma declaração que indicava a absoluta necessidade de unidade e elegância na expressão arquitetônica e, igualmente, a necessidade de se convocar tanto os novos procedimentos de criação quanto aqueles empregados na arquitetura clássica. Em 23 de abril de 1932, o comitê central tomou a decisão histórica de realizar a *reorganização das associações literárias e artísticas*, colocando fim à existência dos grupos ao seio dessas atividades e abrindo o caminho para a consolidação, no domínio da arte, do método criativo do realismo socialista (...). Em 1934 (...) será criada a Academia de Arquitetura em Moscou e em outras cidades (...).

Um documento decisivo no domínio da reorganização do fronte da arquitetura será a decisão do comitê central a respeito do *plano geral de reconstrução de Moscou* (1935) que o povo, justamente, chamou de stalinista (...). Este plano, estabelecido pela iniciativa e sob a direção do camarada J. V. Stalin, abriu uma nova época no desenvolvimento da arquitetura e do urbanismo. (...). Em 1937, no primeiro congresso dos arquitetos da URSS, foram adotados os estatutos que indicavam que “o realismo socialista é o método fundamental dos arquitetos soviéticos. No domínio da arquitetura, o realismo socialista significa a união íntima da expressão ideológica e da verdade da expressão artística, assim como o esforço de adaptação de cada edifício aos imperativos técnicos, culturais ou utilitários que são os seus”.¹⁶⁴

Quanto aos problemas da reconstrução do modo de vida, centro da preocupação dos construtivistas, a resolução do comitê central de 29 de maio de 1930 já havia fixado limites no interior dos quais o tema poderia ser abordado. O projeto revolucionário de vanguarda foi a tal ponto sufocado, que pouquíssimo tempo depois, o termo Perestroika Byta estava extinto dos vocabulários arquitetônico e político.

¹⁶² Apud KOPP, 1988. P.128

¹⁶³ *Realismo socialista* é corrente artística assumida como política estética do Estado no governo de Stalin, que promulgou uma série de decretos com esse fim a partir de 1932. O realismo socialista, tal como o construtivismo, contemplava todas as linguagens da arte: literatura, pintura, escultura, poesia, cinema, teatro e, claro, arquitetura. Incubado no interior de *organizações criadoras* rivais às organizações de vanguarda (todas estas ligadas à LEF – Frente de Esquerda da Arte), era condenado por estas como *arte reacionária*, por invocar uma estética neoclássica – era esta, inclusive, a razão stalinista para sua promoção a instrumento de propaganda oficial: a imagem realista era mais didática e compreensível pelas massas.

¹⁶⁴ M. Tzapenko. *As bases realistas da arquitetura soviética*. Moscou, 1953. Apud: KOPP, 1988. P.130.

O fato é que entre o declínio e a queda, o construtivismo russo reitera sua veia utópica, não apenas enquanto quadro espacial de uma sociedade ideal que jamais será construída, mas porque suas formas guardavam como conteúdo a “realização da vida”, herança legítima das tradições socialistas do século XIX.

A ode à técnica, a ideologia do plano, o elogio ao trabalho, o espaço kantiano, são todos aspectos que qualificavam o construtivismo como um fenômeno absolutamente moderno, sintonizado ao ritmo acelerado de seu tempo histórico. Não é porque a abstração geométrica fora destituída de sua aspiração à totalidade pela retomada política dos rococós que ela tenha sido derrotada. Ao contrário, o ideal da cidade-máquina permanece no imaginário da arquitetura mais contemporânea, e a utopia urbana de uma vida cotidiana mais eficiente e produtiva se revela, cada dia mais, como um paradigma social irrevogável.

A PRODUÇÃO DE SENTIDO E A ANTI-OPERACIONALIDADE DA CRÍTICA

Dado o ponto final que indica qualquer conclusão ao tema da pesquisa, preciso agora retomar os pressupostos deste processo para garantir que, uma vez publicado (reificado como coisa, como trabalho realizado), este TGI não cairá na emboscada lógica binária do elogio ou do rechaço de seu objeto.

Curioso notar que, nesse momento, volto a falar (digitar) em primeira pessoa. Porque agora se coloca em questão o sentido da obra (ou produto, que seja). A direção que ela aponta não contém nenhuma ambição teleológica, nem a pretensão de dar contribuição a um conhecimento cumulativo *ad eternum*.

Seu sentido não tem, pois, nem fim, nem finalidade.

E de que *serve isso* então?

(É a pergunta que se faz operando a lógica forma-função-forma-função-forma...)

Primeiro, é preciso encarar de frente sua determinação material. Trata-se de um trabalho extremamente específico no interior da divisão social do trabalho. Trabalho intelectual, especializado, remunerado: é resultado de dois anos de *iniciação científica*.

Se é trabalho, então *produziu* algo: algo tão abstrato quanto o é o “conhecimento”. Um conhecimento científico que em si mesmo não vale mais do que aquilo que ele indica no índice de produtividade da Universidade. Mas o quantum de conhecimento não equivale simplesmente à quantidade. À matemática do valor deste trabalho soma-se então outra conta, de valor exponencial, especulativo. A bolsa que bancou minha reprodução enquanto intelectual profissional (mesmo que na base da hierarquia da academia) era na real um investimento no meu potencial produtivo, como uma ação de capital fictício, ao mesmo tempo que era o preço pago pela USP pelo seu posto no *ranking* do espetáculo global de produção do conhecimento. E

não que isso seja exatamente produtivo – é uma produção tão improdutivo quanto a de qualquer outra mercadoria, determinada pela forma da abstração concreta.

Foi este, acredito, o sentido econômico do meu Trabalho de Pesquisa.

Mas tratando de “sentido” enquanto “significado”, tudo aquilo que é “econômico” também é “enxuto”, “reduzido”, “simplificado”...

Ampliando o campo semântico – para ampliar assim o alcance do sentido – é extremamente redutor entender este trabalho simplesmente *a serviço disso*.

(O concreto é a síntese de múltiplas determinações...)

Seguindo adiante: uma vez tendo entendido o efeito concreto que este trabalho tem sobre a ordem material das coisas, vamos derivá-lo a um segundo grau de entendimento, mais implicado ao sentido da experiência. Questões se colocam neste momento:

Por que passei tanto tempo dedicada a *isso*?

Se o tempo é a medida do valor e *isso* em si mesmo não vale nada além de um lastro de produtividade abstrata – cujo efeito só pode ser o da reprodução dessa ordem de saber institucionalizada?

Por que dediquei tanta energia *nisso*?

Se *isso* não é mais do que o material necessário para uma prática protocolar – cujo objetivo prático será apenas qualificar meu trabalho a um nível de complexidade mais avançado, o que me oferecerá uma miséria menos pior ao vender minha força de trabalho?

Por quê? – eu me faço e me inquieto com essa pergunta;

Por quê??? – me questionam e me põem a prova das minhas respostas.

Sinto que devo tentar formular uma resposta para estas perguntas.

Não como justificativa dos *approachs* teóricos de minha autoria. E não que haja uma jurisdição que legitime ou não o caminho das minhas escolhas (a tempo: eu escolhi me dedicar com empenho a esta pesquisa e escolhi seguir determinada linha de pesquisa. Essas escolhas não são mérito de gênio¹⁶⁵, não é pretensão de ser sujeito de nada – isso é uma atitude que tem limites claros, que se deu dentro de uma esfera de atuação reduzida e extremamente determinada[a da vida de uma só pessoa – a minha, do eu-lírico que emprega agora estas palavras] e que não mudam em nada nada as dimensões da totalidade e das categorias que definem o que é real: nem na execução, e nem na apreensão).

Mas são perguntas que imperam porque, elas sim, atribuem sentido a tudo aquilo que está escrito nesse monte de papéis que você, leitora/leitor, tem agora materialmente às mãos.

¹⁶⁵ “Gênio” não está aqui empregado no sentido de inteligência extraordinária – como se usa para falar em “Einstein”, por exemplo. Tal ideia de gênio serve apenas aos interesses fetichistas da ciência. Que coisa mais infame e constrangedora seria me auto referir desta maneira! Confio que ninguém acreditaria que eu pudesse ser capaz de tal arrogância, mas devido ao uso corrente da palavra em português sua desambiguação se faz necessária. É “gênio” como “gênie” em francês, ou personalidade de um indivíduo determinado: expressão subjetiva que tem ímpeto próprio, ou algo por aí.

A conclusão deste trabalho é o último ato da minha graduação em Geografia. Quando escrevo, em suas últimas linhas, uma autoavaliação a respeito do sentido de sua crítica, é porque quero antecipar meu posicionamento em relação aos efeitos que ele terá quando lançado ao mundo do pensamento compartilhado.

Não que eu ache que ele vá reverberar para além do circuito ao qual foi destinado.

Mas acho que, para além da validade de seus argumentos, seus intuitos serão contestados.

– E por que esta impressão? – um interlocutor hipotético me perguntaria.

Respondo: por uma disputa absurda a propósito de quais são as verdadeiras aptidões da teoria crítica na Geografia.

A crise manifesta nos interessa porque a tensão das contradições mobiliza a produção de sentidos. E a inquietude angustiante da teoria crítica nos atinge porque o eclipse do sujeito rebate sobre as convicções da nossa própria práxis. O efeito disso é sensível, o pensamento se condensa em uma metacrítica que nos atinge como uma síncope. Que esse movimento em parafuso revolva à superfície os nossos pressupostos mais profundos, aí está uma força de mobilização pertinente. Mas se, por sua vez, a metacrítica se descola do terreno comum onde os sentidos são compartilhados, ela tende a se autonomizar em um comportamento dilacerante que, de tanto esmiuçar a condição concreta das nossas alienações, torna-se em si mesmo um movimento alienante.

Portanto, enfrentando este perigo constante, precisamos tentar estar atentos a respeito de como conduziremos nosso processo – individual e coletivo – de produção social de entendimentos. Para tanto, talvez a premissa mais básica esteja no cuidado para que o materialismo não seja lido como uma economia fisiocrática. Ou corremos o risco de arrancar da história suas contingências. É preciso ter sensibilidade para isso – não uma sensibilidade vã, mas uma sensibilidade tão sensível quanto tudo o que é concreto: sensível porque incondicionalmente real.

Por fim, nessa recusa ética de nos vermos expropriados do nosso próprio pensamento – e da nossa própria prática de pensar sobre o que vivemos – é preciso entender que a produção de sentido não recai nem sobre uma operacionalidade da crítica, nem sobre qualquer redenção da subjetividade. Se a crise pulsa nos interstícios da consciência, é porque indica a existência de fissuras abertas pela expansão da razão instrumental.

Da crítica da ideologia é necessário passar à análise das técnicas de programação e dos seus modos concretos de se imiscuirem na realidade viva dos modos de produção : as análises, pode-se dizer, que só hoje começam a ser tentadas, com o rigor e coerência necessários, no setor da edificação. A quem procura angustiado a operacionalidade da crítica, só podemos responder com um convite no sentido de se transformar em analista de um dado setor econômico, com o objetivo de ligar entre si o desenvolvimento capitalista e os processos de reorganização e massificação da classe operária. Já será um bom resultado se nossas hipóteses contribuírem para tornar mais conscientes e radicais as adesões e discordâncias.¹⁶⁶

¹⁶⁶ Manfredo Tafuri, Projeto e Utopia.

Se nossa reprodução material está amarrada ao trabalho abstrato intelectual, o que ela não determina é o fronte pelo qual devemos avançar no interior da produção institucionalizada de conhecimentos. A implosão dessa estrutura de poder – que reúne a tensão entre a teoria e a práxis, reiterando sua separação – e de seus pequenos poderes discursivos (e catedráticos, e coercivos) pode ter força tática para a tomada de assalto de nossa própria produção.

De que *serve isso* então?

A nada previsível.

“A paixão pela destruição é uma paixão criativa” –
diria um russo chamado Mikhail Bakunin.

REFERENCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna** – do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- AZEVEDO, Ricardo Marques. **Metrópole: abstração**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BANN, Stephen. **The tradition of constructivism**. Nova York : Viking Press, 1974.
- BENEVOLO, Leonardo; MELOGRANI, Carlo; TOMMASO Giura Longo. **Projectar a cidade moderna**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.
- BENJAMIN, Walter. **Diário de Moscou**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BERSHTEIN, Eugenii. **The Withering of Private Life** – Walter Benjamin in Moscow. Em: *Everyday Life in Early Soviet Russia*. Indianapolis : Indiana University Press, 2006.
- CASTELLINA, Luciana. **A experiência soviética**. Em: *A crise da família e o futuro das relações entre os sexos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- CHOAY, Françoise. **L'urbanisme, utopies et réalités** – une anthologie. Collection Points. Paris : Éditions du Seuil, 2009.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro : Contraponto, 1997.
- FERRO, Marc. **La révolution russe de 1917**. Paris : Flammarion, 1967.
- GAY, Peter. **Modernismo** – O fascínio da heresia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- GRAY, Camilla. **The russian experiment in art** – 1863~1922. Nova York: Thames and Hudson, 1986.
- GUINZBURG, Moisei. **Style and Epoch**. Cambridge: The MIT Press, 1982.
- INTERNATIONALE LETTRISTE. **Potlatch (1954–1957)**. Paris: Éditions Gallimard, 1996.
- INTERNATIONALE SITUATIONNISTE. **Revue Internationale Situationniste 1958–1969**. Paris: Librairie Arthèmes Fayard, 1997.
- KOPP, Anatole. **Changer la vie, changer la ville** – de la vie nouvelle aux problemes urbains. U.R.S.S. 1917–1932. Paris: Union Generale d'Editions, 1968.
- KOPP, Anatole. **Quand le MODERNE n'était pas un style mais une cause**. Paris: École Nationale Superieure des Beaux-Arts, 1988.
- KOPP, Anatole. **Ville et Révolution** – architecture et urbanisme sovietiques des annees vingt. Paris: Editions Anthropos, 1967.
- LECLANCHE-BOULÉ, Claude. **Constructivismo en la URSS** – tipografías y fotomontajes. Valencia: Campgràfic, 2003.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4edition. Paris: Anthropos, 2000.

- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5ª edição. São Paulo: Centauro, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LODDER, Christina. **El constructivismo ruso**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- MIGUEL, Jair Diniz. **Arte, Ensino, Utopia e Revolução** – Os Ateliês Artísticos Vkhutemas/Vkhutein (Rússia/URSS, 1920-1930). Tese de Doutorado em História Social – Departamento de História, FFLCH-USP. São Paulo: 2006.
- RUHRBERG, Karl; e WALTHER, Ingo. **L'ART au XX siècle** – volume I: peinture. Köln: Taschen, 2010.
- SUBIRATS, Eduardo. **Da vanguarda ao pós-moderno**. São Paulo: Nobel, 1991.
- TAFURI, Manfredo. **Projecto e utopia** : arquitetura e desenvolvimento do capitalismo. Lisboa: Editorial Presenca, 1985.
- TAFURI, Manfredo. **The Sphere and the Labyrinth** – Avant-Gardes and Architecture from Piranesi to the 1970s. Cambridge: The MIT Press, 1987.
- TRAGTENBERG, Mauricio. **A revolução russa**. São Paulo: UNESP, 2007.

* Toda a bibliografia está disponível nas bibliotecas Florestan Fernandes (FFLCH-USP) e Alfredo Volpi (CCSP/SMC). As obras de Anatole Kopp, porém, são de tamanha raridade que só as encontrei depois de uma caça-ao-tesouro pelo mundo.

FILMOGRÁFICAS

- AWAY FROM ALL SUNS. Direção: Isa Willinger. Produção: Kloos & Co, Alemanha/Rússia, 2013. Versão digital (74 min).
- BASHNIA TATLINA TOWER BAWHER. Direção: Theodore Ushev. Produção: Office national du film Du Canada, 2005. Filme digital (4min). Disponível em: <http://youtu.be/zap6AlCQsQk>
- МОСКВА (Moskva). Direção: Mikhail Abramovich Kaufman e Ilya Kopalin. Produção: Sovkino, URSS, 1927. Versão digital (60min). Disponível em: http://youtu.be/8BA_1YPh4Ao
- ЧЕЛОВЕК С КИНОАППАРАТОМ (The Man With A Movie Camera). Direção: Dziga Vertov. Produção: VUFKU, URSS, 1929. Versão digital (86min). Disponível em: <http://youtu.be/7ZkvjWIEcoU>

SITES

The Charnel-House – from Bauhaus to Beinhous: thecharnelhouse.org

* Este site é, particularmente, uma fonte inesgotável de referências ao construtivismo. Todas as imagens usadas neste trabalho foram retiradas deste site.

ANEXOS